



Universidade Federal do Rio Grande



Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde

Associação Ampla FURG / UFRGS / UFSM

**TRANSGREDINDO FRONTEIRAS DE GÊNERO:
UMA ANÁLISE SOBRE OS SIGNIFICADOS DE
VIVÊNCIAS TRANS NUMA SÉRIE DA MÍDIA
TELEVISIVA**

Thais Geraldo Oliveira de Aguiar

Raquel Pereira Quadrado

Rio Grande
2018

Thais Geraldo Oliveira de Aguiar

**TRANSGREDINDO FRONTEIRAS DE GÊNERO: UMA ANÁLISE SOBRE OS
SIGNIFICADOS DE VIVÊNCIAS TRANS NUMA SÉRIE DA MÍDIA TELEVISIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências.
Orientação: Prof^a. Dr^a. Raquel Pereira Quadrado

Rio Grande

2018

Ficha catalográfica

A282t Aguiar, Thais Geraldo Oliveira de.
Transgredindo fronteiras de gênero: uma análise sobre os
significados de vivências trans numa série da mídia televisiva / Thais
Geraldo Oliveira de Aguiar. – 2018.
148 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande –
FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências:
Química da Vida e Saúde, Rio Grande/RS, 2018.
Orientadora: Dra. Raquel Pereira Quadrado.

1. Gênero 2. Estudos Culturais 3. Mídias 4. Liberdade de Gênero
I. Quadrado, Raquel Pereira II. Título.

CDU 612.6.057: 316.62

AGRADECIMENTOS

É chegada a hora de expressar a minha gratidão a todos e todas que de diferentes maneiras fizeram parte da construção desta dissertação. Alguns aqui estarão nomeados, outros estarão nas vivências, aprendizagens, trocas, interações e ações que me tornaram até aqui quem sou!

Gostaria de agradecer a minha orientadora, **Raquel**. A quem pude confiar além deste trabalho! Obrigada por respeitar o meu tempo e as minhas escolhas e por acreditar em mim mais do que eu mesma. Sem palavras para ti, minha amiga! Gratidão!

Agradeço muito a professora e aos professores que aceitaram o convite de compor a Banca de Qualificação e Defesa desta dissertação: **Joanalira Magalhães**, **Fernando Seffner** e **Márcio Caetano**, por provocarem tensionamentos que possibilitaram outros caminhos para esta pesquisa e pelas contribuições valiosas para o desenvolvimento desta.

Agradeço aos meus pais **Marisa** e **Marco Antônio** por serem o meu porto seguro, minhas maiores referências, por tudo que fizeram e fazem por mim, sem medir esforços para a realização dos meus sonhos! Amo vocês! **Mãe**, obrigada por ser minha maior incentivadora, desde sempre! **Pai**, obrigada por me mostrar todas as reportagens que abordava as temáticas trans que tu lias ou vias, forma simples de representar o teu apoio.

Agradeço as **Raquelzetas** (nome que carinhosamente apelidamos o grupo dos/das orientandos/as da Raquel) nossas terças-feiras de discussões, roda de chimarrão e comilanças, movimentaram o meu pensamento e com certeza a minha escrita carrega um pouquinho de cada um de vocês. Juntos formamos a família do coração! De modo especial, agradeço a **Taina**, por sempre ser solidária a mim e nesse tempo ter se tornado mais que uma colega!

Ao **Marlon**, pela parceria e paciência, amor e companheirismo, por ser aconchego nas horas difíceis. Foi muito bom dividir esta fase da vida contigo, estimo que venham outras e ainda mais felizes!

Não posso deixar de agradecer as minhas amigas, por tornarem esta caminhada mais leve e feliz, em especial a **Bel**, **Cris**, **Jéssica** e **Tháís**.

Agradeço a CAPES pelo apoio financeiro para que esta pesquisa fosse realizada, e também ao Programa de Pós Graduação Educação em Ciências pela possibilidade de desenvolver a mesma, ainda, agradeço a todos/as professores e professoras que cruzaram meu caminho durante esta etapa e compartilharam comigo seus saberes.

Por fim, agradeço a toda equipe da série **Liberdade de Gênero**, principalmente a todos/as entrevistados/as. Obrigada por compartilharem conosco suas histórias, e assim, darem vida a escrita desta pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação foi produzida no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, na linha de pesquisa "Educação científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos", com o objetivo de analisar os significados sobre as vivências trans presentes na primeira temporada da série Liberdade de Gênero, que estreou no dia 19 de outubro de 2016 e foi exibida semanalmente no canal de televisão brasileiro por assinatura GNT, até 21 de dezembro do mesmo ano. A ancoragem teórica a partir da qual desenvolvemos esta pesquisa situa-se no campo dos Estudos Culturais, em suas vertentes pós-estruturalistas. Como metodologia, utilizamos pressupostos da análise cultural por permitirem que se faça uma análise das mídias, considerando a linguagem como produtora de significados. Contendo dez episódios, com cerca de 22 minutos cada um, a série Liberdade de Gênero apresenta algumas histórias de pessoas que não se identificam com o gênero designado para elas ao nascerem, negando qualquer determinismo biológico. Mulheres-trans, homens-trans e não-binários relatam suas trajetórias de vida até assumirem a posição de gênero com a qual se identificam. Percebemos a série como uma pedagogia cultural que ensina outros modos de ser e de viver neste mundo, provocando discussões sobre as diferentes identidades de gênero, provocando questionamentos as normas de gênero, que reduzem as experiências entre homem/mulher ou masculino/feminino. Com base em nossos estudos, negamos que exista uma gênese para os gêneros, entendendo que esses são produzidos culturalmente de acordo com as normas que regem cada cultura, tempo e lugar, legitimando, assim, modos de ser mulher e modos de ser homem. As experiências aqui analisadas borram as fronteiras do regime de inteligibilidade corpo-gênero-sexualidade. Logo, salientamos que existem muitas formas de se vivenciar as identidades de gênero, independentemente de intervenções cirúrgicas e hormonais. Nossos estudos apontam que as vivências analisadas foram sendo produzidas através de relações de dominação, em que os ditos "normais", tentam conduzir as condutas dos sujeitos que estão transgredindo com as normas de gênero, visando controlar os modos de ser e estar no mundo desses sujeitos.

Palavras-chave: Gênero; Estudos Culturais; mídias; Liberdade de Gênero.

ABSTRACT

This dissertation was produced in the Graduate Program in Science Education: Chemistry of Life and Health, in the line of research "Scientific education: implications of scientific practices in the constitution of subjects", with the objective of analyzing the meanings about trans present in the series "Liberdade de Gênero", which premiered on October 19, 2016 and was shown weekly on the Brazilian GNT television subscription channel until December 21 of that year. The theoretical anchorage from which we develop this research is in the field of Cultural Studies, in its poststructuralist aspects. As a methodology, we use assumptions of cultural analysis to allow an analysis of the media, considering language as a producer of meanings. Containing ten episodes, each about 22 minutes each, the Gender Freedom series features some stories of people who do not identify with the gender assigned to them at birth, denying any biological determinism. Women-trans, trans-men and non-binaries report their life trajectories until they assume the gender position with which they identify. We perceive the series as a cultural pedagogy that teaches other ways of being and living in this world, provoking discussions about the different gender identities, provoking questions about gender norms that reduce the experiences between male / female or male / female. Based on our studies, we deny that there is a genesis for the genres but that they are produced culturally according to the gender norms that govern each culture, time and place, thus legitimizing ways of being a woman and ways of being a man. The experiences analyzed here blur the boundaries of the body-gender-sexuality intelligibility regime. Therefore, we emphasize that there are many ways to experience gender identities, regardless of surgical and hormonal interventions. Our studies point out that the experiences analyzed were produced through relations of domination, in which the so-called "normal", try to conduct the conduct of the subjects who are transgressing with the norms of gender, aiming to control the ways of being and being in the world of these subjects.

Keywords: Gender, Cultural Studies, Media; Liberdade de Gênero.

LISTA DE SIGLAS

ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CID – Classificação Internacional de Doenças

EC – Estudos Culturais

FURG - Universidade Federal do Rio Grande

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONG – Organização não governamental

PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PPGEC - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde

SciELO - *Scientific Electronic Library Online*

SUS – Sistema Único de Saúde

TV – Sigla para a palavra televisão

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Apresentação do site GNT

Figura 2 - Comentário publicado na postagem do canal GNT, como resposta a chamada da série Liberdade de Gênero

Figura 3 - Comentário publicado na postagem do canal GNT, como resposta a chamada da série Liberdade de Gênero

Figura 4 - Comentário publicado na postagem do canal GNT, como resposta a chamada da série Liberdade de Gênero

Figura 5 – Comentário publicado na postagem do canal GNT, como resposta a chamada da série Liberdade de Gênero

Figura 6- Amanda

Figura 7 - Letícia Lanz

Figura 8 – Erick

Figura 9 – Liniker

Figura 10 – Lune, Jesse e Bennet

Figura 11 – Wallace Ruy

Figura 12 – Carol Marra

Figura 13 – Glamour Garcia

Figura 14 – Sillvio e esposa Widina

Figura 15 – Márcia

Figura 16 – Oliver

Figura 17- Dani

Figura 18 – Helena e Anderson com o filho Gregório

Figura 19 – Bárbara e Patrick

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 <i>Caminhos percorridos</i>	10
1.2 <i>O tema de pesquisa</i>	14
1.3 <i>O que vem sendo pesquisado</i>	16
2. REFERENCIAL TEÓRICO: EXPLORANDO TERRITÓRIOS MOVEDIÇOS, ARTICULANDO CONCEITOS E ENTENDIMENTOS	30
2.1 <i>Notas sobre Transgeneridade, transexualidade e travestilidade</i>	30
2.2 <i>Gênero</i>	42
2.3 <i>Estudos Culturais, Pedagogias Culturais e Mídia</i>	47
3. CORPUS DE ANÁLISE.....	53
4. CAMINHOS METODOLÓGICOS	65
5. ANÁLISES – ARTIGOS PRODUZIDOS	68
5.1 <i>Liberdade de Gênero: promovendo fissuras a lógica heteronormativa</i>	70
5.2 <i>Corpos em trânsito: entre a experiência e o saber da Ciência</i>	91
5.3 <i>Vivências trans: entre relações poderosas e violentas</i>	114
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
7. REFERÊNCIAS	142

1. INTRODUÇÃO

1.1 Caminhos Percorridos

Início¹ a escrita dessa pesquisa situando os caminhos que percorri que me trouxeram até ela. Em 2011 ingressei no curso de Ciências Biológicas licenciatura na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, porém, não muito certa da minha escolha, não tinha certeza se iria optar pela docência ou se eu iria mudar de curso. Venho de uma família de professoras (mãe, dinda, avó) e justamente por entender os anseios e as dificuldades que essa profissão enfrenta, questionava a minha própria escolha.

No segundo semestre da graduação fui selecionada para participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, que tem como um de seus objetivos antecipar o vínculo de futuros professores com a sala de aula da rede pública de ensino desenvolvendo atividades didático-pedagógicas. Fui bolsista do Pibid durante todo resto da graduação. E esse projeto foi muito importante para que eu me percebesse como professora.

Foi nesse período como pibidiana (nome dado aos bolsistas do Pibid) que comecei a participar de alguns eventos na área da Educação, a escrever trabalhos e conheci pesquisadores nessa área, só então comecei a entender que o que eu queria fazer era pesquisa na área da Educação. O curso de Ciências Biológicas licenciatura, durante o tempo que cursei, não era voltado às disciplinas pedagógicas, mas sim, as biológicas. Por isso, no início do curso eu pensava que as pesquisas eram feitas no laboratório, desconsiderando outras instâncias tão quão potentes para fazer pesquisa.

No meu Estágio supervisionado (disciplina obrigatória para concluir o curso), trabalhei com os alunos da 7ª série do Ensino Fundamental² os sistemas do corpo humano, buscando sempre fazer relações para que eles

¹ Este capítulo será escrito em primeira pessoa do singular por ser referente à minha trajetória pessoal.

² Atualmente 8º ano.

entendessem o corpo além do biológico. E foi aqui que iniciou o meu interesse pelo tema da pesquisa.

Durante o estágio passei pela experiência de ter uma aluna trans e a partir disso me aproximei das questões que a envolviam, as quais me instigaram a diversos questionamentos que com certeza corroboraram para que eu chegasse até aqui. Neste período, de aproximadamente três meses, que acompanhei o cotidiano escolar pude perceber a dificuldade dos professores em lidar com a transexualidade e os desafios enfrentados pela estudante dentro da instituição. Vale aqui lembrar que a minha orientadora de mestrado foi, também, minha orientadora no estágio, e foi a partir da interação com ela que comecei a estudar e entender melhor sobre o assunto.

Em fevereiro de 2015 me formei e logo no início do semestre ingressei como aluna especial na disciplina Corpos, Subjetividades e Docência, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências - PPGEC e ministrada pelos professores Raquel Quadrado e Obirajara Rodrigues. Essa me possibilitou outras formas de pensar na produção dos corpos e das subjetividades, articuladas à docência, contribuindo ainda mais para o meu interesse por essa temática de pesquisa através das discussões em sala de aula e leitura dos textos ligados às questões de gênero e transexualidade.

Concomitante a isso e encantada com as múltiplas possibilidades de se fazer pesquisa dentro dos Estudos Culturais comecei a me interessar pelas reportagens que circulavam nas mídias em geral sobre as pessoas trans e percebia que cada vez mais se falava mais sobre o assunto.

No segundo semestre de 2015 participei também como aluna especial da disciplina de Currículo, Cultura e Formação Docente, oferecida também pelo PPGEC e ministrada pelas professoras Paula Ribeiro e Raquel Quadrado, problematizando então as articulações entre currículo, cultura e identidade. Essa disciplina consolidou meu interesse em pesquisa na educação e contribuiu para que eu me entendesse como uma pesquisadora Pós-Estruturalista.

A partir de então comecei a entender que as mídias em geral, possuem um currículo cultural, este de acordo com Paraíso:

[...] pode ser visto como fazendo parte de uma pedagogia cultural que, de maneira mais ampla, nos ensina comportamentos, procedimentos, hábitos, valores e atitudes, considerados adequados e desejáveis, através de diferentes artefatos, como o cinema, a televisão, as revistas, a literatura, a moda, a publicidade, a música etc. (2001, p. 144)

Foi a partir dessas vivências que no segundo semestre de 2016, ingressei no PPGEC, na linha de pesquisa Educação Científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Raquel Quadrado. Inicialmente a proposta de pesquisa era analisar como o discurso científico, que ocupa um lugar legitimado, com *status* de verdade, vem produzindo o corpo do transexual, a partir de reportagens que circulam na mídia, investigando o que os médicos, os especialistas dizem sobre o corpo desses sujeitos e de que maneira o discurso midiático se apropria disso para estabelecer-se. Porém, nos meus primeiros movimentos de análise não encontrei material que pudesse dar conta de problematizar o pretendido.

Nesse primeiro semestre como aluna regular do PPGEC, cursei a disciplina Artefatos Culturais na Educação, ministrada pela professora Joanalira Magalhães. Nesse mesmo período estreou no canal GNT a série Liberdade de Gênero, nesta são apresentadas histórias de pessoas que não se identificam com o gênero designado para elas ao nascerem. Essa disciplina foi importante para eu entender essa série como um potente artefato cultural constituído por representações produzidas a partir de significados que circulam na cultura, fundamentando essas discussões no campo teórico dos Estudos Culturais, nas vertentes pós-estruturalistas de análise.

A partir disso, optei pela mudança do meu *corpus* de análise, acreditando no potencial dessa pesquisa acerca dos significados presentes na série Liberdade de Gênero sobre as vivências trans. Pensando em como esses discursos e os significados presentes na série vem operando efeitos na constituição dos sujeitos e produzindo “verdades” acerca das pessoas trans.

Não poderia deixar de dizer que nesse período, enquanto mestranda participei de diversos eventos na área dos gêneros, dos corpos e das sexualidades, e que as pessoas que estiveram nas salas em que apresentei os meus trabalhos contribuíram muito para que eu pudesse amadurecer a escrita desta dissertação, tanto as que estavam mediando as discussões quanto aquelas que também dividiram suas pesquisas comigo. Por isso, concluo que os entendimentos apresentados nesta pesquisa são resultados dos caminhos que trilhei até aqui, fruto de diversas vivências, pesquisas, leituras, discussões, falas em eventos, disciplinas realizadas, dentre tantos outros espaços que transitei e que constituíram a pesquisadora que sou hoje.

1.2 O tema de pesquisa

Os estudos trans são potentes para o desenvolvimento de pesquisas no âmbito do PPGEAC, na linha de pesquisa em que esta dissertação se insere, uma vez que são vivências que vem ganhando visibilidade nas mídias e que estes programas que circulam na televisão, como a série Liberdade de Gênero, contêm um currículo cultural. Para Marlucy Paraíso, a ideia de currículo cultural:

[...] se faz importante para efetuar ou marcar uma diferença; para registrar que se está tratando de um currículo que não é escolar. Ainda que possamos também problematizar o próprio nome "currículo cultural", visto que o currículo escolar também é cultural, ou melhor, visto que não existe currículo que não seja cultural, a expressão é importante para os argumentos em tomo da importância de se pesquisar, no campo educacional, outros currículos além do escolar. (2001, p. 157)

Por isso, destacamos que assim como outros artefatos culturais, os programas televisivos possuem um currículo cultural, que é tão quão potente o currículo escolar para ser pesquisado em um Programa de Pós-Graduação voltado para área do ensino.

As vivências trans têm sido destacadas em filmes, discutida em novelas, documentários e séries, que problematizam a luta desses sujeitos por condições melhores para poderem viver como eles são. Hoje, é inegável que

os discursos veiculados pela mídia acionam efeitos de verdade, portanto, Não podemos subestimar o poder da mídia na construção de subjetividades³, tão pouco ignorar a importância dela como ferramenta ao acesso de informações.

É notório que a discussão sobre diversidade de gênero tem avançado nas mídias, como exemplos, temos a série “Liberdade de Gênero”, no canal GNT, que constitui o *corpus* de análise dessa pesquisa, a série “Quem sou eu?”⁴ (2017) que foi transmitida no programa Fantástico, na Rede Globo de televisão e comandada por Renata Ceribelli, a série conta em 4 episódios histórias de pessoas trans em fases distintas, ressaltando a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual.

Além disso, a Rede Globo no ano de 2017 transmitiu às 21h, horário nobre da emissora a novela “A Força do Querer”⁵ que traz duas personagens envolvidas com as questões trans, Ivana que não reconhece seu corpo e está se descobrindo como homem trans e Elis Miranda que se autodeclara travesti. De acordo com Leticia Lanz:

Um dos reflexos do ganho da visibilidade da diversidade de gênero na sociedade contemporânea é o crescente interesse social, político e cultural pelas identidades transgêneras. As representações populares de pessoas transgêneras são cada vez mais frequentes em novelas, programas de variedades e reality shows. (2015, p. 12)

Embora, a visibilidade tenha aumentado, o preconceito e a discriminação parecem continuar, pesquisas recentes apontam que o Brasil é o país que mais comete crimes transfóbicos nas ruas. Depois de registrar 604 assassinatos entre janeiro de 2008 a março de 2014 o Brasil tornou-se a nação que mais mata transexuais no mundo, de acordo com a ONG *Transgender Europe*⁶.

Além disso, em abril de 2017, o Profissão Repórter, programa jornalístico da Rede Globo de televisão produziu um programa justamente

³ Para Larrosa, a subjetividade “é algo que se vai fabricando e inventando, algo que vai se construindo e reconstruindo em operações de narração e com a narração” (2002, p. 71).

⁴ A série está disponível no link: <http://especiais.g1.globo.com/fantastico/2017/quem-sou-eu/> acesso em: 06 de nov de 2018

⁵ A novela foi dirigida por Rogério Gomes e Pedro Vasconcelos e esteve no ar na emissora no período de 3 de abril de 2017 a 20 de outubro de 2017.

⁶ Link para acessar o site da ONG <http://tgeu.org> acesso em 06 de nov de 2018.

sobre esses índices, divulgando que em 2016, foram 127 casos de assassinatos de pessoas trans ou um a cada três dias e que expectativa de vida dessas pessoas é de 35 anos, menos da metade da média nacional, que é de 75 anos. A reportagem encontra-se disponível no G1⁷.

Esses índices também trazem indícios que apontam para a relevância dessa temática e foi a partir dessas questões que desenvolvemos essa pesquisa, com o **objetivo de analisar os significados sobre as vivências trans presentes na série Liberdade de Gênero.**

A partir desse objetivo, produzimos alguns objetivos específicos:

- analisar os dez episódios da série Liberdade de Gênero;
- investigar quais são os significados produzidos sobre estas vivências em cada um dos episódios;
- discutir como o conhecimento divulgado pelas mídias atua na produção de verdades, educando os sujeitos.

1.3 O que vem sendo pesquisado...

Quando começamos a nos apropriar de leituras dentro da temática trans, partimos para uma busca de artigos, teses e dissertações em bancos de dados como o Portal de Periódicos da Capes⁸, a biblioteca eletrônica SciELO⁹, o Scopus¹⁰ e a base de dados bibliográficos da UFRGS¹¹ para ter acesso ao que vem sendo pesquisado dentro dessa temática. Nessa pesquisa utilizamos, a princípio, o indexador transgeneridade e encontramos 10 trabalhos no total, sendo que 9 estavam no Portal de Periódicos da Capes, dentre eles 6 artigos e 3 teses. Encontramos um artigo na SciELO, mas o mesmo também constava no Portal de Periódicos da Capes, e um na base de dados da UFRGS. No Scopus não obtivemos resultados.

⁷ Link para acessar a reportagem <http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2017/04/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais-no-mundo-diz-pesquisa.html> acesso em 06 de nov de 2018.

⁸ <http://www.periodicos.capes.gov.br/>

⁹ <http://www.scielo.org/>

¹⁰ <https://www.elsevier.com/americalatina/pt-br/scopus>

¹¹ <https://www.ufrgs.br/bibeng/bases-de-dados-bibliograficas/>

Optamos por trazer aqui, mais detalhadamente, as pesquisas que encontramos sobre transgeneridade, de diversas áreas, por serem poucos trabalhos encontrados. Abaixo, produzimos uma tabela com o nome do autor, o título do trabalho, o tipo de pesquisa, o objetivo, a instituição de origem do autor da pesquisa e a área do conhecimento que este se encontra. A fim de situar o que vem sendo pesquisado sobre.

Tabela 1 – Pesquisas encontradas sobre transgeneridade.

Nome do Autor	Título do trabalho	Tipo	Objetivo	Instituição de origem	Área de Conhecimento
Theodoro da Silva, Geovani Hadriel e Denise Cogo.	Corpo, mídia e transgeneridade: políticas de visibilidade e práticas contra hegemônicas na performance de Conchita Wurst no Eurovision 2014	Artigo	Refletir sobre os elementos, fundados nas relações de gênero, que compõem a construção midiática da performance de Conchita.	ESPM	Comunicação
Fernanda Figueredo dos Santos Marcos Lopes de Souza	Educação, Gênero e Sexualidade: Percursos e instabilidades do fazer-se Pesquisadora/Pesquisador Professora/Professor	Artigo	Apresentar e discutir as provocações, os conflitos e os prazeres do produzir-se como docente em uma intervenção pedagógica sobre corpo, gênero e sexualidade realizada na disciplina de Ciências.	UFPB	Educação
André Luiz Silva Leal Rodovalho, Mara Lúcia, Guaraci Da Silva Lopes Martins e Paulina Maria Cao n	(Trans)ações: experiências pedagógico-teatrais com pessoas transgêneros	Tese	Investigar as potencialidades pedagógicas da performance e do teatro para a comunidade transgênero de Uberlândia por meio de uma oficina teatral.	UFU	Artes

Letícia Lanz e Miriam Adelman	O Corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero	Tese	Questionar até que ponto a transição de um gênero para outro representa afronta e violação das normas e estereótipos de gênero ou não passa de premeditada e deliberada estratégia de reinserção ao dispositivo binário de gênero?	UFPA	Sociologia
Marina Seibert Vieira Cezar e Miriam Steffen	Gênero e moda: a construção da aparência na prática de <i>cross-dressing</i>	Tese	Investigar os princípios do sistema de moda inseridos nos estudos de gênero.	UNISINOS	Moda
Luis Felipe Miguel	Uma crítica lésbico-feminista ao discurso transgênero.	Artigo	Fazer uma crítica ao discurso transgênero.	UnB	Sociologia
Isabel Wittmann	Transhomens: masculinidades, políticas e vivências	Artigo	Não explicitado no artigo.	UFAM	Antropologia
Lin Arruda	Translesbianizando o olhar: representações na margem da arte	Artigo	Apresentar algumas ideias sobre proposições de lésbicas e/ou pessoas transgênero que se situam propositalment e fora dos sistemas das artes.	UFSC	Arte
Fernando Cézar Bezerra de Andrade	“Se a escola não desse uma ajuda...”: Homo/transfobia na Escola Pública	Artigo em Livro	Analisar a transfobia em um caso que envolveu uma aluna travesti, em uma escola pública em João Pessoa-Paraíba.	UFPB	Educação
Danielli	Desentendimentos	Trabal	Analisar o	UFRGS	Letras

Marafigo Aroino	nas práticas discursivas do feminismo radical diante da transgeneridade.	ho de Conclusão de Curso	discurso feminista radical diante da transgeneridade e analisar a concepção de gênero nos discursos transfeminista e feminista radical.		
-----------------	--	--------------------------	---	--	--

Realizamos uma segunda busca com o indexador transexualidade e obtivemos, como resultado, 233 trabalhos. Destes, 161 estão no Portal de Periódicos da Capes, dentre eles 98 artigos, 46 teses, 11 artigos jornalísticos, 5 capítulos de livro e uma resenha. Na SciELO encontramos 40 artigos e 32 na base de dados da UFRGS, sendo 9 trabalhos de conclusão de curso, 9 artigos, 7 livros, 3 teses, 3 dissertações e 1 capítulo de livro. Nenhum trabalho foi encontrado na Scopus.

Fizemos um mapeamento das áreas de conhecimento que esses trabalhos fazem parte, 83 trabalhos são da área da Saúde, 53 da área do Direito, 44 da Psicanálise, 32 da Educação, 11 da Sociologia, 6 Jornalísticos, 1 da Moda, 1 da Literatura, 1 da Antropologia e 1 do Cinema. Vamos dar ênfase aqui aos 32 trabalhos encontrados na área da Educação. Abaixo, produzimos uma tabela com o nome do autor, o título do trabalho, o tipo de pesquisa e o objetivo.

Tabela 2 – Pesquisas encontradas na área da Educação sobre transexualidade.

Nome do Autor	Título do Trabalho	Tipo de Pesquisa	Objetivo
Pollyanna Borges, Kássia De Oliveira, Cibele De Moura Sales, Maria Helena Senger, Marília Woiciechowski e Erildo Vicente Muller	A transexualidade no contexto do programa de educação pelo trabalho para a saúde	Artigo	Destacar o potencial do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) na superação de paradigmas e preconceitos.
Anália Rodolpho Petry e Dagmar Elisabeth	Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a	Artigo	Discutir o processo transexualizador, tomando como

Estermann Meyer	pesquisa		referência os estudos de gênero e culturais pós-estruturalistas, explorando especialmente a articulação corpo, sexualidade e heteronormatividade.
Liliana Lopes Pedral Sampaio e Maria Thereza Avila Dantas Coelho	Transexualidade: aspectos psicológicos e novas demandas ao setor da saúde.	Artigo	Investigar as situações vividas por transexuais na busca de uma harmonia com seus corpos.
Aline Ariana Alcântara Anacleto e Ana Cláudia Bortolozzi Maia	Gênero na infância: análise do filme "La vie in rose" como instrumento pedagógico em educação sexual	Artigo	Analisar as questões de gênero na sexualidade infantil por meio da narrativa midiática do filme La Vie in Rose que apresenta os temas da transexualidade, homossexualidade, identidade de gênero, discriminação social e vínculos familiares.
Dayana Brunetto e Carlin dos Santos	A biopolítica educacional e o governo de corpos transexuais e travestis	Artigo	Se propõe a dialogar com alguns conceitos de Michel Foucault para pensar a transexualidade na escola
Tania Mara Cruz e Tiago Zeferino Dos Santos	Experiências escolares de estudantes trans	Artigo	Busca resgatar memórias, enquanto estudantes, de duas transexuais femininas, assim autodefinidas, de Tubarão – SC, no intuito de analisar suas experiências escolares durante o paulatino processo de feminilização.
Neil Franco	Pessoas (transexuais): dimensões sociais de vidas (in)determinadas pela ciência	Artigo	Compreender as possibilidades e estratégias da atuação dos sujeitos que buscavam a cirurgia de transgenitalização.

Berenice Bento e Larissa Pelúcio	Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas	Artigo	Analisar a ideologia de gênero presente no DSM e no CID, que incorpora o gênero como uma categoria diagnóstica, e, por fim, apresentar argumentos pelo fim do diagnóstico de gênero.
Anselmo Peres Alos	Gênero, epistemologia e performatividade: estratégias pedagógicas de subversão.	Artigo	Problematizar ideias naturalizadas com relação ao gênero e a sexualidade, sublinhando a importância dos processos performativos que constituem gênero, corpo e heterossexualidade como constructos culturais marcados pela historicidade.
Berenice Bento	Na escola se aprende que a diferença faz a diferença.	Artigo	Problematizar os limites das instituições sociais em lidar com os sujeitos que fogem as normas de gênero.
Gabriela Sagebin Bordini e Tania Mara Speb	Concepções de gênero nas narrativas de adolescentes	Artigo	Conhecer as concepções de adolescentes sobre o que é ser homem e ser mulher, a partir de suas próprias narrativas.
Heloíza Helena Barboza	Proteção da autonomia reprodutiva dos transexuais	Artigo	Analisar o caso dos transexuais, que podem ter sua capacidade de reproduzir comprometida pelo processo transexualizador
Marcia Aran, Daniela Murta e Tatiana Lionço.	Transexualidade e saúde pública no Brasil	Artigo	Discutir a transexualidade no contexto das políticas de saúde pública no Brasil
Leandro Colling e Tess Chamusca Piraja.	Queridas, mas nem tanto: a representação da travestilidade em Queridos	Artigo	Discutir sobre a travestilidade a partir da investigação da

	amigos.		minissérie Queridos amigos (2008).
Rafael Alves Galli, Elisabeth Meloni Vieira, Alain Giami e Manoel Antonio Dos Santos.	Corpos mutantes, mulheres intrigantes: transexualidade e cirurgia de redesignação sexual	Artigo	Investigar os significados atribuídos a cirurgia por quatro mulheres transexuais, destacando as concepções a respeito das mudanças que a redesignação acarreta na vida da pessoa transexual.
Marcos de Jesus Oliveira	Uma etnografia sobre o atendimento psicoterapêutico a transexuais.	Artigo	Analisar as formas de poder/saber que regulam a prática psicoterápica em grupo destinado a pessoas transexuais requerentes da cirurgia de transgenitalização.
Deise Azevedo Longaray e Paula Regina Costa Ribeiro	Travestis e transexuais: corpos (trans)formados e produção da feminilidade.	Artigo	Discutimos a fabricação dos corpos de travestis e transexuais, problematizando os efeitos produzidos em seus processos de subjetivação.
Neil Franco e Graça Aparecida Cicillini	Professoras trans brasileiras em seu processo de escolarização.	Artigo	Contextualizar os caminhos percorridos e os obstáculos enfrentados por professoras trans brasileiras durante seu processo de escolarização e inserção na docência.
Miriam Adelman e Carmen Rial	Uma trajetória pessoal e acadêmica: entrevista com Raewyn Connell.	Artigo	Entrevistar Raewyn Connell, destacando questões como sua relação com o feminismo e os estudos de gênero, investigando de que maneira o acadêmico, o pessoal e o político se juntam na sua história singular como pessoa transgênero.
Maria Eugenia	A jurisprudência brasileira	Artigo	Investigar a

Bunchaft	da transexualidade: uma reflexão a luz de Dworkin		relevância da estratégia de conciliação de valores em uma rede harmoniosa para a análise dos princípios jurídicos envolvidos na temática da mudança de prenome e de sexo por transexuais.
Simone Becker e Hisadora Beatriz G. Lemes.	Vidas vivas inviáveis: etnografia sobre os homicídios de travestis no tribunal de justiça de Mato Grosso do Sul.	Artigo	Analisar as representações sobre as travestis nos enunciados judiciais produzidos pelo Tribunal de Justiça do Mato Grosso do Sul (TJMS) e complementarmente traz nossos diálogos com as travestis de Dourados/MS.
Rui Pedro Paulino da Fonseca	Condições de produção dos feminismos artísticos em Portugal	Artigo	A primeira seção deste artigo incide num estudo representativo dos feminismos artísticos praticados em Portugal. A segunda seção pretende mensurar as condições de produção de arte feminista.
Rosane Cunha Berlinski Brito e Romeu Gomes	Os jovens homossexuais masculinos e sua saúde: uma revisão sistemática	Artigo	Analisar a literatura acadêmica de abordagem sociocultural acerca da relação entre os temas homossexualidade masculina, homem jovem e saúde.
Erica Isabel de Melo	O feminismo não morreu - as riot grrrls em São Paulo	Artigo	Compreender aspectos do feminismo jovem no Brasil contemporâneo a partir da análise da cultura juvenil Riot Grrrl, na cidade de São Paulo.
Andre Luiz Dos Santos Paiva e	Produção protética dos corpos: experiências trans e	Artigo	Discutir a construção

Antonio Vladimir Felix-Silva	políticas de saúde		dos corpos nas experiências TRANS e suas relações com as políticas de saúde.
Marco Antônio Torres e Marco Aurélio Prado	Professoras Transexuais e Travestis no Contexto Escolar: entre estabelecidos e outsiders	Artigo	Debatemos questões envolvidas na emergência de professoras transexuais femininas ou travestis na escola. Utilizamos a noção de outsiders e de heteronormatividade para analisar como essas professoras permanecem na função docente.
Marina Reidel	A pedagogia do salto alto: história de professoras transexuais e travestis na educação brasileira.	Dissertação	A partir das histórias de vida apresentadas, analiso tópicos importantes e significativos, norteando o tema da Educação, transversalizando com outros temas como sexualidade, gênero, violência e preconceito. Também proponho, apontar alguns caminhos possíveis na busca de uma educação possível, a partir destes novos sujeitos.
Jaime Eduardo Zanette e Jane Felipe	Dos enigmas da infância: quando a transexualidade tenciona os scripts de gênero	Capítulo de Livro	Discutir e tencionar a construção dos scripts de gênero nas infâncias, em especial no que se refere à transexualidade.

Ainda, realizamos uma terceira busca com o indexador travestilidade e obtivemos, como resultado, 64 trabalhos. Destes, 50 estão no Portal de Periódicos da Capes, dentre eles 48 artigos, um livro e uma resenha. Na SciELO encontramos 11 artigos, na base de dados da UFRGS encontramos 3 trabalhos, sendo um trabalho de conclusão de curso e 2 livros. Nenhum trabalho foi encontrado na Scopus.

Levantamos, também, um mapeamento das áreas de conhecimento a qual esses trabalhos fazem parte, 22 trabalhos são da área da Saúde, 11 da área do Direito, 5 da Psicanálise, 24 da Educação, 1 Jornalísticos, 1 da Moda. Vamos dar ênfase aqui aos 24 trabalhos encontrados na área da Educação. Abaixo, produzimos uma tabela com o nome do autor, o título do trabalho, o tipo de pesquisa e o objetivo, alguns se repetiram nos bancos de dados por isso na tabela temos 17 trabalhos.

Tabela 3 – Pesquisas encontradas na área da Educação sobre travestilidade.

Nome do Autor	Título do Trabalho	Tipo de Pesquisa	Objetivo
Leandro Colling e Tess Chamusca Piraja	Queridas, mas nem tanto: a representação da travestilidade em Queridos amigos.	Artigo	Propomos uma discussão sobre a representação de travestilidade a partir da investigação da minissérie Queridos amigos (2008).
Berenice Bento	Na escola se aprende que a diferença faz a diferença.	Artigo	Problematizar os limites das instituições sociais em lidar com os sujeitos que fogem as normas de gênero.
Tiago Duque	Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência.	Artigo	Refletir a respeito de questões teóricas, políticas e metodológicas que envolvem a temática do gênero e da sexualidade na contemporaneidade.
Berenice Bento e Larissa Pelúcio	Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas	Artigo	Discutiremos algumas iniciativas da campanha Stop Trans Pathologization, analisaremos a ideologia de gênero presente no DSM e no CID, que incorporam o gênero como uma categoria diagnóstica, e, por fim, apresentaremos argumentos pelo fim do diagnóstico de gênero.
Neil Franco, Graça Aparecida Cecillini	Professoras trans brasileiras em seu processo de escolarização.	Artigo	Contextualiza os caminhos percorridos e os obstáculos enfrentados por professoras trans brasileiras durante seu processo de

			escolarização e inserção na docência.
Deise Azevedo Longaray e Paula Regina Costa Ribeiro	Travestis e transexuais: corpos (trans)formados e produção da feminilidade.	Artigo	Discutimos a fabricação dos corpos de travestis e transexuais, problematizando os efeitos produzidos em seus processos de subjetivação.
Elaine de Jesus Souza, Joilson Pereira da Silva e Claudiene Santos	Representações de docentes acerca da diversidade sexual e homofobia.	Artigo	Analisar as representações sociais de educadores/as do ensino fundamental maior e médio acerca da diversidade sexual e da homofobia
Francisco Jr. Francinete Leite e Fernando Altair Pochay.	Sim, elas envelhecem: problematizando a interseccionalidade entre gênero, sexualidade e idade	Artigo	Não consta.
Luis Antonio Bitante Fernandes; Agueda Aparecida Da Cruz Borges; Lobo, Rodolfo Pinheiro Bernardo	Travestilidade as avessas: a desconstrução de uma "parodia" identitária.	Artigo	O proposito e explorar ambiguidades discursivas apresentadas no processo em que se identifica uma travesti, residente na cidade de Barra do Garças/MT que, no discurso de percepção de si, deixa marcas de estranhamento do próprio corpo.
Andre Filipe dos Santos Leite e Thiago Ranniery Moreira de Oliveira.	Sobre educar médicas e médicos: marcas de gênero em um currículo de Medicina	Artigo	Este artigo investiga como normas de gênero marcam o funcionamento do discurso pedagógico da Medicina em um currículo de formação médica.
Rita Matins Godoy Rocha e Emerson Fernando Raseira	Sentidos sobre a Amizade Entre Travestis: Construção de Repertórios Interpretativos	Artigo	Este estudo objetiva descrever e analisar os repertórios interpretativos sobre as relações de amizade entre as travestis.
Maria Cecília Patrício	Misses empresarias e famosas: fazendo da atividade uma distinção.	Artigo	Este artigo tem como objetivo destacar algumas biografias de travestis brasileiras ouvidas em Recife e em Madri, sobre suas experiências internacionais e nacionais.

Rogério Brites W. Pires	Da excitação a multiplicação: imagens sadomasoquistas e fetichistas de Bizarre	Artigo	Refletir sobre a relação entre o conteúdo da publicação e seus leitores, evidenciada, sobretudo nas páginas de suas seções de correspondência.
Fabio Scorsolini Comin e Manoel Antonio dos Santos.	A transmissão psíquica na poética familiar de Almodóvar--Volver (2006) e tudo sobre minha mãe (1999)	Artigo	O objetivo deste estudo é discutir de que modo a transmissão psíquica transgeracional está presente em duas obras do cineasta Pedro Almodóvar: Volver (2006) e Tudo sobre minha mãe (1999).
Andre Luiz Dos Santos Paiva e Antonio Vladimir Felix-Silva	Produção protética dos corpos: experiências trans e políticas de saúde.	Artigo	No presente trabalho se discute a construção dos corpos nas experiências TRANS e suas relações com as políticas de saúde.
Marcos de Jesus Oliveira	Uma etnografia sobre o atendimento psicoterapêutico a transexuais.	Artigo	Analisa as formas de poder/saber que regulam a prática psicoterápica em grupo destinada a pessoas transexuais requerentes da cirurgia de transgenitalização em um hospital universitário brasileiro localizado em um grande centro urbano.
Luciene Jimenez Rubens C. F. Adorno	O sexo sem lei, o poder sem rei: Sexualidade, gênero e identidade no cotidiano travesti.	Artigo	Propomos questionar como são construídos e validados os discursos acerca de sexualidade, gênero e identidade sexual, a partir da história de vida de três irmãos homossexuais nascidos no interior do nordeste brasileiro.

Além dessas buscas, procuramos na base de dados bibliográficos da FURG¹², usando os indexadores transgeneridade, travestilidade e transexualidade, mas, não obtivemos resultados. A base de dados da FURG possibilita pesquisar por programas de pós-graduações, então analisamos todas as pesquisas que foram desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, o qual fazemos parte, nele é possível encontrar

¹² <https://argo.furg.br/?BDTD>

140 teses e dissertações publicadas até agora, dentre elas duas abordam a temática da transexualidade.

Ambas as pesquisas encontradas foram defendidas no ano de 2014 e encontram-se na linha de pesquisa Educação Científica: Implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos.

A primeira pesquisa defendida foi a tese da Dra. Deise Azevedo Longaray, com o título “A (re)invenção de si: investigando a constituição de sujeitos gays, travestis e transexuais” sob a orientação da Prof. Dra. Paula Regina Costa Ribeiro. Essa tese teve como objetivo geral investigar os enunciados e as práticas de si que constituem os/as sujeitos/as gays, travestis e transexuais nos espaços educativos.

A segunda pesquisa encontrada foi uma dissertação de mestrado, da Msc. Indira Saad Brum, com o título “Da nomeação às práticas de prostituição: um olhar sobre travestis e transexuais a partir de artigos científicos encontrados na SciELO” sob orientação da Prof. Dra. Méri Rosane Santos da Silva. Essa pesquisa teve por objetivo localizar como travestis e transexuais vêm sendo nomeadas e também analisar a constituição da prostituição entre esses sujeitos, ambos discutidos a partir de artigos científicos disponibilizados na biblioteca eletrônica SciELO.

A partir dessa busca tivemos indícios sobre o potencial dessa pesquisa em um Programa de Pós-Graduação ligado ao Ensino, justamente por ser uma temática pouco problematizada dentro dessa grande área, dentre as pesquisas encontradas, nenhuma objetiva analisar os significados de vivências trans a partir de uma série televisiva, como a série Liberdade de Gênero. Por isso, acreditamos na relevância dessa pesquisa, na área do Ensino, porque estamos entendendo que as mídias contêm pedagogias culturais que nos ensinam modos de ser, surtindo efeitos na constituição de seus telespectadores.

Para, além disso, realizar esta busca sobre os trabalhos na área dos estudos trans nos possibilitou um diálogo teórico, do nosso trabalho com o de outros autores. Esta etapa foi enriquecedora para a escrita desta dissertação,

já que muitos destes trabalhos são referências em nossas análises, em nosso referencial teórico ou então, propiciaram outras referências através das suas.

O Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (PPGEC), na linha de pesquisa Educação científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos têm como objetivo investigar os efeitos das práticas sociais em diferentes instâncias na busca pela compreensão de como os discursos e as práticas atuam na produção de “verdades” e sujeitos. Esta pesquisa vincula-se a referida linha, uma vez que estamos entendendo as mídias, em especial a série Liberdade de Gênero, como produtora de saberes e conhecimentos que vêm operando na constituição dos sujeitos e produzindo efeitos em suas subjetividades.

Além disso, o Ensino de Ciências aborda o corpo em sua materialidade biológica e essa pesquisa pretende trazer contribuições para refletirmos como esses discursos sobre o corpo presentes no currículo escolar vêm ensinando modos de olhar para os sujeitos, de modo especial, os sujeitos trans.

2. REFERENCIAL TEÓRICO: EXPLORANDO TERRITÓRIOS MOVEDIÇOS, ARTICULANDO CONCEITOS E ENTENDIMENTOS

O importante não é o que saibamos do texto, o que nós pensamos do texto, mas o que – com o texto, ou contra o texto ou a partir do texto - nós sejamos capazes de pensar. (LARROSA, 2001, p. 142)

Motivada pela colocação do autor Jorge Larrosa, dou início à escrita do referencial dessa pesquisa, refletindo que são muitos os movimentos que estão me constituindo como pesquisadora e que me fazem articular esses saberes e não outros. Esses são frutos de leituras nas disciplinas, discussões com o grupo de pesquisa, palestras em eventos, sugestões recebidas aos meus trabalhos já apresentados, enfim, todos esses movimentos contribuíram com respaldo teórico para essa pesquisa, mas, para além disso, me fizeram pensar muito!

Tendo como proposta, nessa dissertação, analisar os significados sobre as vivências trans presentes na série Liberdade de Gênero, bem como, analisar essa rede discursiva que produz verdades e institui formas mais legítimas do que outras de viver na nossa sociedade, nesse capítulo cabe tecer os diálogos conceituais que me fazem pensar nessa dissertação, como: transgeneridade, transexualidade, travestilidade, gênero, Estudos Culturais, pedagogias culturais, mídias, entre outros.

Estamos adotando o termo vivências trans nesta dissertação para não definir ou essencializar qualquer expressão identitária, por entendermos que as experiências trans são diversas, múltiplas e plurais, são experiências que fogem ao padrão vigente de gênero e não se encaixam a uma sintetização homogênea. “Cada pessoa trans é antes, ou, deveria ser primordialmente pessoas humanas e, sendo assim, são constituídas e atravessadas por diferenças, multiplicidades e devires” (PAMPLONA; DINIS, 2017, p. 04).

Na série Liberdade de Gênero, sobre a qual empreendemos nossas análises, são apresentadas narrativas de pessoas que se identificam como mulheres transexuais, homens transexuais, pessoas trans não binárias,

travestis, transgêneros e apenas trans. Por isso, decidimos não caracterizar essas identidades através de um termo que reduza a existência de outras, mas, representa-las aqui de acordo com a diversidade presente nas histórias analisadas. Pensar nessas vivências trans é conceber possibilidades de expressões de gêneros que escapam ao determinismo reducionista do sistema sexo-gênero.

Marcos Benedetti com o intuito de possibilitar a ampliação do leque de termos no que tange às “transformações do gênero”, abrangendo às “personificações” de gênero polivalente, utilizou a expressão “universo trans” entendendo a travestilidade, a transexualidade e a transgeneridade como pertencentes a esse universo. Assim, segundo este autor, a intenção é de contribuir para a ampliação do conhecimento acerca dessas pessoas que “cruzam e deslocam as fronteiras do gênero, afastando-nos das imagens exóticas e das perspectivas vitimizantes, que ainda são correntes no senso comum” (BENEDETTI, 2005, p. 17).

Com o propósito de dialogar sobre as identidades trans que são exibidas na série, constituindo o que estamos pensando como vivências trans, como a transgeneridade, transexualidade e travestilidade, a seguir tecemos diálogos teóricos com autores que são referências em nossos estudos. Vale lembrar que dentro desse campo estão havendo muitos movimentos de pesquisa e tudo é muito recente.

2.1 Notas sobre transgeneridade, transexualidade e travestilidade

A transgeneridade, a transexualidade e a travestilidade muitas vezes são confundidas pelas pessoas que equivocadamente pensam ser a mesma coisa. Mas, estamos entendendo que transgeneridade se tornou um termo mais amplo e abrangente, englobando algumas categorias de gênero divergente, como travestis e transexuais, entre outros que estejam transgredindo com as regras de condutas socialmente aceitas e estabelecidas.

Letícia Lanz diz que:

É importante notar que o termo transgênero tanto expressa a incongruência da identidade de gênero com o sexo genital da pessoa, quanto tem o propósito de cobrir um amplo espectro de comportamentos considerados transgressivos ao dispositivo binário de gêneros, que vão desde a simples curiosidade de experimentar roupas/calçados/adereços próprios do outro gênero até a firme determinação de realizar mudanças físicas intensas e profundas, através do uso de hormônios e cirurgias a fim de se converterem, inclusive fisicamente, em membros do sexo oposto ao seu. (2008, p. 74)

Já a autora e ativista trans Jaqueline Gomes de Jesus, reconhece que existe uma diversidade de formas de viver os gêneros e considera que dois aspectos cabem na dimensão transgênero, enquanto expressões diferentes da condição. “A vivência do gênero como: identidade (o que caracteriza transexuais e travestis); ou como funcionalidade (representado por *crossdressers*, *drag queens*, *drag kings* e transformistas).” [grifos da autora] (2012, p. 07)

Jesus situa que:

No mundo contemporâneo, mais que vivenciar uma identidade de gênero, ser transgênero corresponde a representar uma identidade política, pautada pela desconstrução da crença em papéis de gênero considerados — “naturais”, construídos biologicamente; e pela visibilização de identidades particulares historicamente estigmatizadas, tornadas invisíveis em determinados espaços sociais considerados — “normais”. (2013, p. 119)

Sendo assim, assumir um gênero divergente daquele que é esperado socialmente se consagra como um ato político, contribuindo para desconstruir a ideia da naturalidade dos papéis de gênero pautada em explicações biológicas. Os papéis de gênero não são biologicamente determinados, eles são construídos discursivamente, já que o discurso biológico também é uma construção. Luís Henrique Sacchi problematiza o conhecimento biológico como um conhecimento inscrito na política cultural, e discute a importância de questionar as relações de poder que constituem o conhecimento biológico e “lhe dão uma consistência „natural”, um „aspecto” de verdade” (2000, p. 233).

A visibilidade que essas identidades têm alcançado reforça que a marginalização dessas identidades são construções que só fazem “sentido” na cultura em que vivemos. Em muitas culturas, por exemplo, as pessoas com

gênero-divergente são consideradas divindades e celebradas como representantes dos deuses. Lanz aponta que:

Ao longo da história, têm sido registradas, inúmeras culturas nas quais prevalece a diversidade de gênero, ou seja, nelas as pessoas não estão confinadas a apenas duas categorias de gênero – homem e mulher ou masculino e feminino: outras categorias de gênero são aceitas de maneira absolutamente natural. A Índia, onde as *hijras* foram recentemente reconhecidas como a 3ª categoria de gênero; as tribos norte-americanas, em que os *berdaches* ou *two-spirit people* ainda hoje continuam a ser considerados como pessoas com dons especiais e as ilhas Samoa, com seus *fa'afafine*, são exemplos de sociedades em que o gênero não acompanha o sexo genital. (2015, p. 79)

Estes são exemplos que se diferem do que acontece no Brasil, na nossa cultura ocidental, particularmente, onde as pessoas transgêneras são consideradas como transgressoras das normas de condutas e regras estabelecidas ao papel de gênero designado ao nascer. Sendo consideradas por muitos como doentes, que é o caso dos transexuais, ou como marginais e/ou delinquentes, que é o caso das travestis.

A palavra transgênero (do latim *trans* – do lado apostro, além) descreve o indivíduo cuja expressão de gênero não está em conformidade com a categoria de gênero que lhe foi designada ao nascer, apresentando um desacordo com o que a sociedade espera de pessoas do seu sexo biológico. Sendo assim, a palavra cisgênero (do latim *cis* – do mesmo lado) serve para denominar as pessoas cuja identificação de gênero acorda com o gênero esperado pelo sexo do nascimento.

Pensando na emergência da palavra transgênero, Marcio Caetano coloca que:

Quando pensado inicialmente, transgênero foi aplicado aos sujeitos que viviam o seu cotidiano atuando com base em contraleituras das performatividades sociais hegemônicas de gênero. Vale acrescentar que esses sujeitos não se valiam de recursos cirúrgicos para suportar a performatividade tampouco buscavam coerência pública de suas biografias: sexo-gênero-desejo sexual. A intenção era estabelecer uma diferenciação das travestis que utilizavam técnicas protéticas e das transexuais que desejavam a alteração do sexo anatômico. (2016, p. 68)

Podemos pensar nessas contraleituras das performatividades sociais hegemônicas de gênero, colocadas por Caetano, como rupturas que operam na transgressão ao dispositivo binário de gênero, ou seja, rechaçam as normas oficiais de conduta de gênero de homem/mulher ou masculino/feminino tencionando os limites impostos socialmente.

De acordo com o autor e ativista transgênero Feinberg, quando falamos sobre transgênero estamos falando de pessoas que desafiam os limites artificiais e arbitrários de gênero e coloca:

Gênero diz respeito a autoexpressão, não a anatomia. A vida inteira a sociedade tem nos ensinado que sexo e gênero são sinônimos. Homens são “masculinos” e mulheres são “femininas”. Cor-de-rosa para as meninas e azul para os meninos. Essas coisas “são naturais”, é o que dizem. Mas na virada do século XIX, o azul era considerado cor de menina e rosa, de menino. Códigos de gênero, rígidos e simplistas, não são nem eternos, nem naturais. São eles que estabelecem e fixam conceitos e comportamentos sociais. São eles que determinam que não há nada de errado com homens que são considerados “masculinos” e mulheres cuja autoexpressão está dentro da faixa do que é considerado “feminino”. O problema é que as tantas pessoas que não se encaixam nesses estreitos parâmetros sociais sofrem com uma gama de perseguições e violência. Isso levanta a questão: Quem decidiu qual é a “norma” que deve prevalecer? Por que algumas pessoas são punidas pela expressão de sua identidade de gênero? (2006, p. 205-206)

Ou seja, o natural também é uma construção, prova disso é que a lógica binária dos gêneros sofre alterações com o decorrer do tempo e das culturas, mas, ainda assim, segue sendo uma lógica binária que não abre espaço para outras lógicas, embora agora vejamos algumas brechas nesse discurso hegemônico. O que nos parece natural hoje, daqui a um tempo se transfigurará, mas enquanto essa norma prevalecer os/as que fogem a ela, de alguma maneira, serão punidos/as.

Guacira Louro traz essa questão quando diz que:

Aqueles e aquelas que transgridem as fronteiras de gênero ou sexualidade, que as atravessam ou que, de algum modo, embaralham e confundem os sinais considerados “próprios” de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes ou desviantes. Tal como atravessadores ilegais de territórios, como migrantes clandestinos que escapam do lugar onde deveriam permanecer, esses sujeitos são tratados como infratores e devem sofrer penalidades. Acabam por ser punidos, de alguma forma, ou na melhor das hipóteses, tornam-se alvo de

correção. Possivelmente experimentarão o desprezo ou a subordinação. Provavelmente serão rotulados (e isolados) como “minorias”. (2004, p. 87).

Assim, essas pessoas que não se enquadram com as normas, com as condutas e que não estão em acordo com os comportamentos de gênero considerados compatíveis com o seu sexo anatômico, são consideradas desviantes pela sociedade, acarretando na marginalização e exclusão do convívio social. Diante disso, sofrem com a discriminação e com o peso de não se enquadrarem nas normativas vigentes.

Como coloca Melo: “É nesse movimento das diferenças que a transgeneridade condensa uma multiplicidade de formas de viver e que desafia os limites do masculino e do feminino numa efetiva possibilidade de ser e estar entre ou além de”. (2015, p. 02). Dentre essas possibilidades de ser e estar entre ou além de, como afirma o autor, temos as pessoas trans não binárias, que são pessoas cuja divisão binária de gênero em feminino ou masculino não as contempla. É quando a pessoa não se encaixa totalmente no feminino e nem no masculino e transita entre esses dois paralelos, questionando as normas estabelecidas. Esse entendimento sobre o que significa ser uma pessoa trans não binária está de acordo com as falas das pessoas entrevistadas na série. Como exemplo, Jesse, trans não binário entrevistado¹³ na série diz:

Eu gostei de ter nascido com o órgão genital feminino, mas, eu também não me importaria de ter nascido com um pinto, por exemplo. Ser trans não binário é ser uma pessoa que não se identifica nem com o gênero masculino e nem com o gênero feminino e transita entre esses pólos. (Jesse)

De acordo com o autor Jorge Leite Jr., é possível questionar as normas de gênero, visando que:

Pessoas que provocam uma ideia de “transição” entre os gêneros, como travestis e transexuais, não apenas questionam normas de gênero estabelecidas, mas ajudam a criar novos padrões de gêneros que podem vir a ser repetidos, pois é no interior da performatividade que as fissuras de gênero se revelam e moldam caminhos para novas vivências. Ainda

¹³ Utilizamos o pronome ele, porque em sua fala Jesse diz que se sente mais a vontade com o pronome masculino.

conforme Butler, como [...] o transgênero mesmo ingressa no campo político? Sugiro que o faz não só fazendo-nos questionar sobre o que é real e o que deve sê-lo, mas também mostrando-nos como as ações contemporâneas de realidade podem ser questionadas e como novos modos de realidade podem ser instituídos. (2008, p. 126-127)

Diante disso, pensamos que as pessoas trans não binárias emergem através dessas fissuras de gênero, apontadas pelo autor, possibilitando que outros caminhos se estabeleçam para que essas formas de vivenciar ou não os gêneros, exista e ganhe a visibilidade que temos hoje. Porque é questionando essas normas de viver o gênero que outras e novas formas de vivencia-las podem ser instituídas.

Atualmente não encontramos autoras/es que possibilitem o suporte teórico para falar sobre as pessoas trans não binárias, além delas mesmas. Porém, Preciado (2014) faz uma discussão sobre o manifesto contrassexual, que vem ao encontro do que essas pessoas pensam sobre si. “A contrassexualidade não é a criação de uma nova natureza, pelo contrário, é mais o fim da natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros” (2014, p. 21) Numa sociedade contrassexual não faz sentido a separação dos corpos pelos gêneros. Como coloca o autor:

Os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes. Reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas, perversas. (2014, p. 21)

Seria possível pensarmos em uma sociedade assim? Uma sociedade em que não se organiza as vidas dentro da lógica binária dos gêneros, masculino ou feminino? Embora estejamos mais próximos do que antes, essa idealização do autor parece longe de acontecer. Mas as pessoas trans não binárias atuam nesse sentido, promovendo fissuras nessa lógica binária, ao não se enquadrarem nem como homens e nem como mulheres, embaralhando os limites de gêneros impostos.

Ainda, os termos transgênero e transexual podem ser encontrados no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM – V)¹⁴. Este é um manual para profissionais da área da saúde mental que lista diferentes categorias de transtornos mentais e critérios para diagnosticá-los, de acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (*American Psychiatric Association* - APA).

A 5ª edição é a versão mais atual do manual, lançado no dia 18 de maio de 2013 e nele é apresentado um capítulo sobre disforia de gênero. De acordo com o documento, disforia de gênero, como termo descritivo geral, refere-se ao descontentamento afetivo/cognitivo de um indivíduo com o gênero designado, embora seja definida mais especificamente quando utilizada como categoria diagnóstica. (2013, p. 451) Conforme nele descrito:

Transgênero refere-se ao amplo espectro de indivíduos que, de forma transitória ou persistente, se identificam com um gênero diferente do de nascimento. Transexual indica um indivíduo que busca ou que passa por uma transição social de masculino para feminino ou de feminino para masculino, o que, em muitos casos (mas não em todos), envolve também uma transição somática por tratamento hormonal e cirurgia genital (cirurgia de redesignação sexual). (2013, p. 151)

Além disso, o documento traz uma lista de características necessárias para o diagnóstico. Como, por exemplo, forte preferência por papéis transgêneros em brincadeiras de faz de conta ou de fantasias. Forte desgosto com a própria anatomia sexual. Forte desejo de livrar-se das próprias características sexuais primárias e/ou secundárias em razão de incongruência acentuada com o gênero experimentado/expresso.

Ainda, no primeiro semestre de 2018 a Organização Mundial da Saúde (OMS) tomou a decisão de retirar a transexualidade do rol de doenças mentais na nova versão¹⁵ da Classificação Internacional de Doenças (CID-11). No entanto, a transexualidade continua na CID como incongruência de gênero, na categoria de condições relativas à saúde sexual. Esta decisão movimentou as

¹⁴ O documento encontra-se disponível em português e em PDF no link <http://blogdapsicologia.com.br/unimar/wp-content/uploads/2015/12/248320024-Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>

¹⁵ A nova versão da CID 11, está disponível no site <<https://icd.who.int/browse11/l-m/en#/http%3a%2f%2fid.who.int%2fcd%2fentity%2f577470983>> Acesso em: 01 julho de 2018.

opiniões de ativistas trans, já que foi considerada por muitos como uma tentativa de eufemismo, em que um termo é suavizado por outro.

A socióloga Berenice Bento, referência nos estudos de Gênero, tem voltado seu trabalho para as questões que envolvem a transexualidade. E questiona a patologização do gênero.

A pessoa trans que aparece nos documentos oficiais como um “transtornado” ou disfórico, é uma ficção e desconstruí-la significa escutar as vozes dos sujeitos que vivem essa experiência e que, em última instância, foram os grandes silenciados. Os corpos das pessoas trans e não trans são fabricados por tecnologias precisas e sofisticadas que têm como um dos mais poderosos resultados, nas subjetividades, a crença de que a determinação das identidades está inscrita em alguma parte dos corpos. (2014, p. 62)

Considerar uma pessoa trans como transtornada ou disfórica, como aparece no documento mencionado (DSM – V), é só mais uma forma de colocar á margem essas identidades, visto que, uma pessoa transtornada detém uma perturbação mental e em torno desse diagnóstico pode ser considerada uma pessoa doente, incapaz e problemática.

No momento em que se quebra a determinação natural das condutas também se põe em xeque o olhar que analisa os deslocamentos enquanto sintomas de identidades pervertidas, transtornadas, disfóricas e psicóticas. (BENTO, 2014 p. 53)

Como colocado anteriormente, o natural também é discursivo e desconstruí-lo se faz pertinente dentro da perspectiva que situamos essa pesquisa, em que não existem verdades absolutas, mas, sim, construções culturais. Por isso, é importante questionar as verdades tidas como dadas, como a lógica binária dos gêneros e a representação das pessoas trans, a autora Berenice Bento aponta que:

Pode-se questionar a representação das pessoas trans como um todo homogêneo, universal, monolítico, sem contradições e diferenças internas ou, o que seria o mesmo, os níveis discursivo e prático devem ter uma correspondência, sem contradições internas, dando a impressão de que só há uma única forma de vivenciar essa experiência. (2014, p. 56)

Isso nos coloca a pensar na pluralidade de formas de vivenciar a experiência transexual. E em como uma lista com alguns sintomas para chegar a um possível diagnóstico poderia dar conta a essa infinidade de formas de

transgredir ao binômio masculino e/ou feminino? Consideremos que não dá conta e nem deve dar!

De acordo com Seffner e Reidel:

A categoria transexualidade é de uso mais recente, e está envolvida em desafios discursivos e de pertencimento diversos da travestilidade, agenciando os indivíduos em outras redes de identidade, mais próximas do saber médico. A transexualidade pode ser entendida como a dimensão identitária localizada no gênero e se caracteriza pelos conflitos potenciais com as normas de gênero à medida que as pessoas que a vivem reivindicam o reconhecimento social e legal do gênero diferente informado pelo sexo, independentemente da realização da cirurgia de transgenitalização, mas em geral com forte empenho na realização da cirurgia. (2015, p. 453)

Esse movimento se configurou através de práticas discursivas e principalmente através das relações de poder-saber que autorizam e dão legitimidade ao saber médico que considera essa experiência como uma doença mental e por estar neste rol, a pessoa transexual pode buscar sua “cura”, através de cirurgias e/ou tratamento hormonal que prometem enquadrá-las ao binário masculino feminino.

E aqueles/as que não buscam a “cura”? E aquelas pessoas que se autodenominam como transexuais, mas não buscam fazer cirurgia de redesignação sexual e nem reivindicam pelo tratamento hormonal? São consideradas menos transexuais por fugirem ao padrão normalizante? Essas são questões que colocam em xeque a patologização dessas identidades.

Berenice Bento e Larissa Pelúcio colocam em artigo sobre a despatologização do gênero que:

A patologização da sexualidade continua operando com grande força, não mais como “perversões sexuais” ou “homossexualismo”, mas como “transtornos de gênero”. Se o gênero só consegue sua inteligibilidade quando referido à diferença sexual e à complementaridade dos sexos, quando se produz no menino a masculinidade e na menina a feminilidade, a heterossexualidade está inserida aí como condição para dar vida e sentido aos gêneros. (2012, p. 572)

Ou seja, as normas vigentes seguem as mesmas, a única mudança que passou a vigorar foi no modo de nomear essa “patologia”. Estamos longe ainda de incumbir mudanças significativas no modo como a sociedade organiza suas relações, porque essas são pautadas essencialmente na diferenciação dos

gêneros e só adquirem sentido ou inteligibilidade, como as autoras colocam, quando se dão entre dois paralelos e opostos, feminino e masculino.

A autora Berenice Bento levanta essa questão sobre o estreitamento das possibilidades de vivenciar o gênero quando diz que:

[...] a organização das subjetividades em um mundo marcado pela polarização naturalizada dos gêneros acaba por criar um conjunto de subjetividades e sexualidades divergentes do modelo estabelecido pelas normas de gênero, mas que serão recuperadas por essas mesmas normas à medida que se estruturam explicações patologizantes para essas subjetividades e sexualidades divergentes, operando-se uma inversão: o problema está no indivíduo, e não nas normas de gênero (2006, p. 131-132).

Ao invés de identificarmos na norma o problema, já que esta reduz as experiências a uma coisa ou outra, com a patologização das identidades divergentes o problema passa a ser atribuído para o indivíduo, que em decorrência da experiência transexual é passível de correção. Assim, aqueles que não se encaixam nas duas identidades socialmente permitidas, rompem com a normalidade, submetendo-se a penalidades sociais.

Ainda de acordo com Berenice Bento “a transexualidade é uma das múltiplas expressões identitárias que emergiram como uma resposta inevitável a um sistema que organiza a vida social fundamentada na produção de sujeitos „normais/anormais” e que localiza a verdade das identidades em estruturas corporais” (2008, p. 24-25).

As marcas dos gêneros inscrevem-se nos corpos das pessoas trans e não trans, mas os que rompem com os padrões estabelecidos são punidos, também, pelos discursos que os constituem, como o discurso médico. Estar dentro da normalidade não significa dizer que todos são iguais, mas, que existe um padrão e os que fogem a essa regularidade são considerados anormais ou patológicos.

Para Alves e Moreira:

É difícil encontrar um consenso entre estudiosos do campo de gênero ou entre representantes do movimento social LGBT sobre uma possível distinção universal entre os termos “travesti” e “transexual”. Os conceitos são fluidos e, muitas vezes, personalizados, possibilitando diferentes abordagens, desenhos e contornos subjetivos. (2014, p. 02)

Como colocado anteriormente, muitas vezes os termos se cruzam e se confundem, até porque este campo é um terreno ainda movediço, em constante movimento, onde os conceitos também se tornam fluídos, como as identidades.

Estamos entendendo por travestis sujeitos que transformam seus corpos com o objetivo de aproximá-los daquilo que é dito (ou pensado) como feminilidade sem a pretensão de um feminino igual ao das mulheres, mas de “um feminino que não abdica de características masculinas, porque se constitui em um constante fluir entre estes pólos”. (BENEDETTI, 2006, p. 164)

Ainda segundo o antropólogo Marcos Benedetti:

O gênero das travestis é um feminino tipicamente travesti, sempre negociado, reconstruído, ambíguo, ressignificado, fluido, que se quer evidente, mas também confuso e borrado, às vezes, apenas esboçado. O feminino das travestis é um constante jogo de estímulos e respostas entre os contextos sociais e os sentimentos e concepções da travesti a respeito do gênero. (2006, p. 164)

Isto é, as travestis não tem a pretensão de tornarem-se mulheres. Até mesmo o feminino das travestis se afasta do feminino estereotipado para as mulheres ditas “convencionais” e a ideia é mesmo essa, provocar o borramento das fronteiras de gênero, evidenciando que têm corpos que escapam as regras e justamente desejam escapar delas e não se enquadrar.

Conforme Seffner e Reidel, as travestis vieram ao mundo para “jogar o gênero de cabeça para baixo” (2015, p. 452), pois as questões de gênero passam a ser questionáveis quando afirmam que não querem ser nem homem nem mulher, reivindicam a identidade travesti.

Ser travesti hoje no Brasil carrega junto à identidade uma série de preconceitos intimamente ligados à relação com a prostituição, como se essa fosse o único destino dessas pessoas. Luma de Andrade, primeira travesti a conquistar o título de doutora e a ocupar o cargo de professora de uma universidade pública e federal no país, faz essas discussões e vê esse movimento das travestis nas ruas como “formas de sobrevivência e de

resistência para poder existir”. (2017, p. 63) Já que em outros espaços, essas pessoas, muitas vezes, não são aceitas.

Quando perguntada sobre a autoidentificação, Luma responde sobre a importância de assumir a identidade travesti para desconstruir a carga negativa que essa identidade carrega consigo.

O que importa quando eu me autoidentifico politicamente enquanto travesti não é que eu estou centrada em uma identidade fixa - porque eu sei das possibilidades que eu tenho, que eu pratico -, mas é dizer que é possível positivar esse termo, reconhecendo a existência das que nos antecederam e o enfrentamento que elas tiveram. (2017, p. 63)

Vale lembrar que se hoje estamos vendo as travestis ocuparem espaços e posições antes impensáveis, como por exemplo, professora em uma universidade federal, é graças à luta e muitas vezes a vida de outras que sofreram preconceitos, que foram retiradas do convívio social, mas que mesmo assim resistiram, mostrando que é possível existir. Por isso, a autora coloca que assumir-se travesti é uma “possibilidade de trazer contribuições históricas para o processo de transformação da sociedade” (ANDRADE, 2017, p. 64). Mostrando que embora seja mais difícil para essas pessoas do que outras, consideradas “normais”, é possível alcançar outros espaços e posições que não sejam marginalizadas.

Por fim, colocamos que antes de discorrer sobre essas identidades através dos conceitos, a fim de procurar respostas, como: O que é transexual? O que é travesti? Quais as diferenças? É importante entendermos que as pessoas são o que são e é preciso ouvir o que elas têm a dizer sobre si mesmas, porque as possibilidades são muitas, embora ainda não sejam totalmente reconhecidas.

Diante dessas discussões, consideramos importante discutir o entendimento de gênero que pauta essa pesquisa, visto que este está intimamente ligado às questões das vivências trans. Falar em pessoas trans é falar em pessoas que estão rompendo com a heteronormatividade¹⁶ e

¹⁶ Apoiadas no autor Marcio Caetano, entendemos que a heteronormatividade, juntamente com o androcentrismo, é a base do sistema político e subjetivo que alimenta as diferenças dicotômicas entre os sexos e busca naturalizar/estabelecer o governo do homem/masculino.

experenciando outros modos de viver os gêneros. Cabe ressaltar, que entendemos gênero como construção social, cultural, política e histórica que é atravessada por relações de poder e não como algo que é dado e natural.

2.2 Gênero

Para a escritora francesa Simone de Beauvoir (1980, p. 09): “ninguém nasce mulher, torna-se mulher.” Assim como ninguém nasce homem, somos disciplinados desde muito cedo a ser pertencentes a determinado gênero. É a educação que imprime em nossos corpos as marcas do masculino e feminino, em cada cultura. Essa citação é importante para entendermos que as definições de gênero vão muito além da fisiologia e da anatomia humana.

Apoiadas na autora Rosa Fischer pensamos que,

O próprio sentido do que seja “educação” amplia-se em direção ao entendimento de que os aprendizados sobre modos de existência, sobre modos de comportar-se, sobre modos de constituir a si mesmo – para os diferentes grupos sociais, particularmente para as populações mais jovens – se fazem com a contribuição inegável dos meios de comunicação. Estes não constituiriam apenas uma das fontes básicas de informação e lazer: trata-se bem mais de um lugar extremamente poderoso no que tange à produção e à circulação de uma série de valores, concepções e representações. (2002, p. 153)

Nesse contexto, ampliamos o sentido de educação para além das práticas escolares, entendendo que aprendemos de diversas formas e em diferentes espaços. Desde muito cedo somos educados a exercer os papéis de gênero “de acordo” com nosso sexo anatômico. Família, religião, escola e as mídias são alguns exemplos de instituições que vêm atuando nesse controle dos corpos e dos gêneros.

Para Guacira Louro “ao assumir que os gêneros são produzidos cultural e historicamente, parece ser imprescindível admitir que os gêneros se fazem,

Ela não apenas almeja a manutenção da lógica dicotômica e complementar entre homens e mulheres, como também a degradação social dos e das que a subvertem: homolestransfobia - LGBTfobia. A heteronormatividade é constituída por regras produzidas mais amplamente nas sociedades e massificadas por meio das pedagogias culturais e escolares, que controlam o sexo dos sujeitos e que, para isso, precisam ser a todo o momento repetidas e reiteradas para dar o efeito de substância, de natural e inquestionável. (2016, p.235)

sempre, com as marcas particulares de uma cultura, com os recursos e signos específicos de um tempo e de um lugar”. (2003. p. 06).

Essa colocação da autora que os gêneros são produzidos culturalmente e historicamente se faz importante, também, para justificar o fato que em alguns lugares as pessoas de gênero divergente são consideradas deusas, divindades, pessoas com dons especiais¹⁷, e em outros, como no Brasil, essas pessoas rompem com a norma. Isso porque os significados variam de culturas para culturas.

Além disso, os gêneros são produzidos pela linguagem, ou seja, não existe gênero antes da linguagem, de modo que “se quiséssemos, poderíamos dizer: não é que uma identidade „faça“ o discurso ou a linguagem, mas é precisamente o contrário – a linguagem e o discurso é que „fazem“ o gênero”. (SALIH, 2012, p. 91)

Assim, nada antecede os discursos. As coisas passam a existir nesse mundo através dos discursos e as normas só vigoram, ganham sentido e são passadas adiante através dele. Ou seja, podemos estender que não só os gêneros são produzidos pela linguagem, mas os corpos, as sexualidades, as normas... etc., também o são.

Bento aponta que:

O gênero só existe na prática, na experiência, e sua realização se dá mediante reiterações cujos conteúdos são interpretações sobre o masculino e o feminino em um jogo, muitas vezes contraditório e escorregadio, estabelecido com as normas de gênero. O ato de pôr uma roupa, escolher uma cor, acessórios, o corte de cabelo, a forma de andar, enfim, a estética e a estilística corporal, são atos que fazem o gênero, que visibilizam e estabilizam os corpos na ordem dicotomizada dos gêneros. Tanto os/as homens/mulheres biológicas se fazem na repetição de atos que se supõe sejam os mais naturais. (2014, p. 60)

Podemos aqui pensar, no que Butler chamou de performatividade de gênero. “O gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula

¹⁷ Como foi colocado, anteriormente, de acordo com Lanz (2015) Na Índia, as *hijras* foram reconhecidas como a 3ª categoria de gênero; em algumas tribos norte-americanas, os *berdaches* ou *two-spirit people* ainda hoje continuam a ser considerados como pessoas com dons especiais e as ilhas Samoa, com seus *fa'afafine*, são exemplos de sociedades em que o gênero não acompanha o sexo genital.

as diferenças de gênero. Neste regime os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva” (2002, p. 64). Ainda com a autora:

Os vários atos de gênero criam a ideia de gênero, e sem esses atos não haveria gênero algum, pois não há nenhuma essência que ele expresse ou exteriorize, nem tampouco um ideal objetivo ao qual aspire, bem como não é um dado de realidade. Assim, o gênero é uma construção que oculta normalmente sua gênese. (2017, p. 241)

O gênero não é apenas um processo, mas um tipo particular de processo, “um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido”, como diz Butler (id., ibid.). Diversas instituições estão o tempo todo a nos dizer o que é permitido fazer ou não e, também, como agir dentro desse quadro regulatório.

A autora coloca que:

Mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. (2017, p. 26)

Nesse contexto, sexo e gênero seriam culturalmente construídos, de modo que não faria sentido definir o gênero como interpretação cultural do sexo. Segundo a autora:

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. (2017, p. 27)

Essa citação é importante para pensarmos que o gênero não está para a cultura, assim como, o sexo, para o determinismo da natureza. Mas, sim, ambos estão inseridos dentro de um discurso, neste caso, o discurso biológico que é produzido na e pela cultura.

Como aponta Berenice Bento:

Os gêneros inteligíveis obedecem à seguinte lógica: vagina–mulher–feminilidade versus pênis–homem–masculinidade. A heterossexualidade daria coerência às diferenças binárias entre os gêneros. A complementaridade natural seria a prova inquestionável de que a humanidade é necessariamente heterossexual e de que os gêneros só têm sentido quando relacionados às capacidades inerentes de cada corpo. Através das performances de gênero, a sociedade controla as possíveis sexualidades desviantes. Será a heterossexualidade que justificará a necessidade de se alimentarem/produzirem cotidianamente os gêneros binários, em processos de retroalimentação. Os gêneros inteligíveis estão condicionados à heterossexualidade, e essa precisa da complementaridade dos gêneros para justificar-se como norma. (2011, p. 553)

Com essa colocação da autora, podemos pensar no que Judith Butler chamou de inteligibilidade entre sexo-gênero-desejo, orientada por essa coerência que é esperada socialmente para essas experiências e que é controlada por normas que regulam os gêneros, os corpos e os sexos desses sujeitos.

Em torno dessa inteligibilidade percebemos que quando o sexo da criança é revelado, o que era uma abstração passa a ter concretude. O feto já não é feto, é um menino ou uma menina. Essa revelação evoca um conjunto de expectativas e suposições em torno de um corpo que ainda é uma promessa. (PRECIADO, 2016) E a partir da genitália, se produz o gênero, dentro é claro de apenas duas opções: masculino ou feminino e fundamentado no gênero se deduz seus desejos e preferências, orientados pela lógica heteronormativa.

Diante disso, as pessoas cuja identidade escapa dessa inteligibilidade são colocadas à margem, sendo compreendidas como anormais, porque “o gênero é uma *performance* com consequências claramente punitivas” [grifo da autora] (BUTLER, 2017, p. 241)

Para Judith Butler:

A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de „identidade“ não possam „existir“ – isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não „decorrem“ nem do „sexo“ nem do „gênero“ (2017, p. 39).

É pela persistência e proliferação de identidades de gênero vistas como incoerentes ou falhas que os limites dessa matriz de inteligibilidade são expostos e, assim, são tencionados possibilitando outras formas de matrizes subversivas de desordem do gênero, juntamente com outras formas de experimentar a sexualidade, de viver e manifestar os seus desejos. Essa resistência e esses pequenos deslocamentos frente à lógica da inteligibilidade, que representa a coerência, também se dão no interior da repetição.

Louro coloca que:

A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da *identidade* dos sujeitos. E aqui nos vemos frente a outro conceito complexo, que pode ser formulado a partir de diferentes perspectivas: o conceito de identidade [...] compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. (2003, p. 24).

Essa citação de Louro, acerca da fluidez das identidades, é pertinente para pensarmos nas múltiplas identidades trans, constituindo uma pluralidade de formas de vivenciar e se identificar com categorias de gênero-divergente. Possibilita pensar, também, na fluidez de gênero que essas identidades carregam consigo.

Socialmente costuma-se fazer um entrelaçamento entre as identidades de gênero e as identidades sexuais, embora, não sejam a mesma coisa. Ainda hoje, por exemplo, meninos que são afeminados são considerados pela sociedade como futuros gays ou meninas que se identificam com o gênero masculino são consideradas socialmente como futuras lésbicas. Dessa forma, recusa-se a possibilidade de identificação de gênero desvinculada do regime de inteligibilidade relativo ao sexo anatômico. Ou seja, prevalece a lógica binária da constituição dos gêneros como norma para experimentar a sexualidade.

Letícia Lanz se afasta da suposição comum de que sexo, gênero e sexualidade existem numa relação mútua. Por exemplo, quando alguém nasce com vulva espera-se que se enquadre ao gênero feminino e que se relacione com homens, considerando a sociedade heteronormativa em que vivemos. Por isso, a autora coloca que:

Sexo é uma coisa, gênero é outra coisa e orientação sexual é outra coisa ainda. Sexo é genital: macho e fêmea (além de intersexuado e nulo). Gênero é social: homem e mulher ou masculino e feminino. Orientação sexual é erótico-afetivo: homo, hetero, bi, assexual, pansexual, etc. Não é porque alguém nasceu macho que tem que ser homem (gênero masculino) e querer a companhia de mulher (heterossexual), como consta da regra chamada heterossexualidade compulsória, em pleno vigor em nossa sociedade. (2015, p. 38)

Independentemente do gênero, a orientação sexual diz respeito à sexualidade. Para Guacira Louro:

[...] enquanto a identidade de gênero liga-se à identificação histórica e social dos sujeitos, que se reconhecem como femininos ou masculinos, a identidade sexual está relacionada diretamente à maneira com que os indivíduos experienciam seus desejos corporais, das mais diversas formas: sozinhos/as, com parceiros do mesmo sexo ou não, etc. (1997, p. 33)

Sendo assim, sustentamos que existem múltiplas formas de vivenciar e experienciar as sexualidades e os gêneros. As identidades estão cada vez mais plurais, e é na existência de novas e singulares identidades que outras podem emergir, embaralhando as fronteiras do binarismo reducionista de gênero.

Diante disso, situamos que as discussões feitas nessa pesquisa se dão nos campos dos Estudos de Gênero e Estudos Culturais, justamente por esse ser um campo que investiga as produções culturais da sociedade além de, oferecer instrumentos analíticos importantes para se considerar a construção dos sujeitos. A seguir discutiremos sobre esse campo e alguns desdobramentos.

2.3 Estudos Culturais, Pedagogias Culturais e Mídias

Essa pesquisa apoia-se no campo de teorização dos Estudos Culturais (EC) em suas vertentes pós-estruturalistas de análise. Os EC emergiram em 1964, no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, com o intuito de questionar uma cultura dominante britânica. Mas, como escreve Silva (2009) os Estudos Culturais diversificaram tanto em sua difusão por diversos países que se pode dizer que sua variante britânica é apenas uma entre um número variado de versões nacionais.

Silva aponta que a cultura era identificada, exclusiva e estreitamente, com as chamadas “grandes obras” da literatura e das artes em geral. Nessa visão burguesa e elitista, a cultura era intrinsecamente privilégio de um grupo restrito de pessoas: havia uma incompatibilidade fundamental entre cultura e democracia. (2009, p. 131)

Silva (2009) traz a concepção de cultura desenvolvida por Raymond Williams em *Culture and Society*.

Para Williams, em contraste com a tradição literária britânica, a cultura deveria ser entendida como o modo de vida global de uma sociedade, como a experiência vivida de qualquer agrupamento humano. Nessa visão, não há nenhuma diferença qualitativa entre, de um lado, as “grandes obras” da literatura e, de outro, as variadas formas pelas quais qualquer grupo humano resolve suas necessidades de sobrevivência. (2009, p. 131)

A partir de então as chamadas “subculturas” conhecidas como cultura popular, isto é, as manifestações de cultura da massa, começaram a ganhar espaço nos grandes centros acadêmicos, diferenciando-se das disciplinas ditas tradicionais pelo seu caráter político.

Para Silva (2009) os Estudos Culturais são caracterizados por ser um campo de teorização e investigação que se utiliza de diversas disciplinas para estudar os processos de produção cultural da sociedade. Preocupam-se com questões que se situam na conexão entre cultura, significação, identidade e poder. Além disso, aponta que:

Os Estudos Culturais concebem a cultura como campo de luta em torno da significação social. A cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições deferentes de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. A cultura é, nessa concepção, um campo contestado de significação. (2009, p. 134)

Os EC constituem um campo de teorização, investigação e intervenção, não homogêneo, de caráter interdisciplinar, transdisciplinar, ou antidisciplinar que estuda os aspectos culturais da sociedade sem fazer distinção entre a alta cultura – cinema, pintura, clássicos da música e da literatura – e a baixa cultura – programas de televisão, publicidade, música popular, atividades de lazer. (SILVA, 2004; VEIGA-NETO, 2004).

Nas palavras de Costa, destacamos a relevância deste campo atualmente:

Nesse panorama de transformação nas concepções de educação, política, cultura e pedagogia, os Estudos Culturais têm se apresentado como um campo fecundo de análise da produtividade das pedagogias culturais na constituição de sujeitos, na composição de identidades, na disseminação de práticas e condutas, enfim, no delineamento de formas de ser e viver na contemporaneidade. (2010, p. 137)

Os Estudos Culturais se encarregam de estudar produções culturais, como: revistas, propagandas, programas de televisão, filmes, entre outros. Entendendo que essas produções contêm pedagogias culturais que atuam na constituição das identidades e das subjetividades na sociedade contemporânea, ensinando modos de ser e estar no mundo.

Silva (2009) afirma que ao mesmo tempo em que a cultura em geral, é vista como uma pedagogia, a pedagogia é vista como uma forma cultural: o cultural torna-se pedagógico e a pedagogia torna-se cultural. E embora algumas dessas instâncias culturais, como a mídia, não tenham um currículo com objetivo planejado para ensinar determinado conteúdo, elas ensinam e produzem efeitos.

Conforme destacam Soares e Meyer:

O conceito de pedagogias culturais remete, exatamente, para o reconhecimento e problematização da importância educacional e cultural da imagem, das novas tecnologias da informação, enfim, da relação entre educação e cultura da mídia nos processos de organização das relações sociais e na produção das identidades. (2003, p. 139)

A mídia se coloca hoje como outro referencial e um espaço privilegiado de circulação de informações e sujeitos que antes não tinham visibilidade nessa proporção, como os sujeitos trans. A mídia promove outras relações do público com esses sujeitos, ensinando modos de olhar e entender esses corpos.

Como afirmam Tourinho e Martins, “qualquer artefato é passível de gerar aprendizagem, ou seja, pode-se criar pedagogias, modos de ensinar e possibilidades de aprender a partir de qualquer artefato cultural.” (2015, p. 34)

Portando, artefatos culturais produzem saberes e significados sobre as coisas, as pessoas, os modos de ser e estar no mundo e também instituem preconceitos. De acordo com Fischer:

Não há dúvidas, por exemplo, de que a TV seria um lugar privilegiado de aprendizagens diversas; aprendemos com ela desde formas de olhar e tratar nosso próprio corpo até modos de estabelecer e de compreender diferenças de gênero (isto é, de como “são” ou “devem ser” homens e mulheres), diferenças políticas, econômicas, étnicas, sociais, geracionais. (2013, p. 19)

Na perspectiva desse campo teórico, investigar as pedagogias culturais, nesta pesquisa, em específico a série Liberdade de Gênero, possibilita-nos pensar na representação desses corpos e nos modos de estabelecer e compreender as diferenças de gênero, como é colocado pela autora, dentro do regime regulatório que vivemos.

Percebemos a TV hoje, para além de um simples meio de comunicação e informação, mas como um meio representativo de cultura, em que as mais diferenciadas culturas estão sendo representadas e através dessas representações são disseminados preconceitos e também certas ações tornam-se naturalizadas, construindo e reproduzindo significados sociais.

Para Henry Giroux (2005, p. 155), analisar os artefatos culturais “significa ampliar o significado e a prática da pedagogia para além das fronteiras da escola”.

Entendemos que ao falar sobre as vivências trans, a série Liberdade de Gênero, que constitui o *corpus* de análise dessa pesquisa, atua também como “produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e produzir sujeitos, assumindo nesse sentido uma função nitidamente pedagógica” (FISCHER, 1997, p. 61).

Sons, imagens, falas, entretenimento, curiosidades etc., são apenas algumas das características que tornam a mídia televisiva este espaço de comunicação e informação e também um dos mais potentes espaços que estão funcionando como (re)produtores de saberes e conhecimentos, formas de pensar e agir (SABAT, 2001).

Fischer utiliza o conceito de “dispositivo pedagógico da mídia” para dizer que a mídia, e particularmente a televisão, participa efetivamente da constituição de sujeitos e subjetividades, na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem a educação das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem. De acordo com a autora:

No estudo do dispositivo pedagógico da mídia, temos acentuado também as relações entre a TV e o tratamento que a sociedade confere aos chamados “diferentes”. Ora, todas as questões em torno do tratamento das diferenças (de gênero, de etnia, de geração, de condição social, de profissão, etc.) estão sobretudo relacionadas a modos de representação, de enunciação, a formas de interpretação e de comunicação. Ou seja, há uma imensa responsabilidade dos meios de comunicação, particularmente da TV, que aqui nos interessa no que se refere aos modos de nomear os diferentes. (FISCHER, 2002, p. 152)

Motivadas por essa compreensão da autora, atentamos para as pedagogias exercidas através da série Liberdade de Gênero, entendendo que dá indícios das relações entre a TV e o tratamento que a sociedade confere aos ditos “diferentes”.

Ainda pensando com a autora sobre a constituição dos sujeitos entendemos que “os processos de subjetivação sempre são históricos e que, portanto, devem ser vistos em sua ampla diversidade, nos modos de existência que produzem, conforme a época e o tipo de formação social que estejam sendo considerados” (FISCHER, 2002, p. 153).

Diante dessa afirmação da autora, é inegável pensarmos no quanto as mídias, e particularmente a TV, está imersa no processo de constituição dos sujeitos do nosso tempo, visto que hoje as mídias se fazem mais presentes do que nunca, ensinando dentre outras coisas já listadas aqui, sobre os modos como nomear os diferentes.

De acordo com Ribeiro e Quadrado:

Os sujeitos conforme o sexo, desde a mais tenra idade, encontram-se inseridos em práticas de significação – família, escola, mídia, saúde entre outras – que ensinam tipos de comportamentos, brincadeiras, desejos, valores, pensamentos, vestuários e vão inscrevendo a sexualidade nos corpos. Essas práticas de significação vão nos constituindo ao longo de todo

um período de tempo, funcionando como um amplo domínio simbólico, no qual e através do qual damos sentido às nossas vidas e vamos produzindo nossa subjetividade. Vivemos nossa subjetividade em um contexto social, no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e na qual assumimos nossas identidades. (2010, p. 405)

Estamos entendendo, na perspectiva pós-estruturalista, que a linguagem não é neutra, ela produz e opera na constituição de sujeitos e subjetividades, além disso, dentro dessa perspectiva a linguagem abrange todos os sistemas de significação verbais e não verbais. Para Foucault, analisar as coisas ditas "consiste em não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas, como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam (2009, p. 55)".

É importante destacar o papel dos significados no entendimento de cultura, uma vez que "eles organizam e regulam as práticas sociais, influenciam nossas condutas e, conseqüentemente, têm efeitos reais, práticos (HALL, 1997, p. 03)". Os significados são produzidos por diversas instâncias sociais – família, mídia, escola, instituições religiosas, hospital – e artefatos culturais – programas de TV, novelas, revistas, jornais, anúncios publicitários, campanhas de saúde e músicas, por exemplo – e circulam através de diferentes processos ou práticas culturais; portanto, os significados não são constantes e fixos, nem preexistentes; são fluidos, múltiplos, transitórios e incertos (HALL, 1997; SILVA, 2004).

Além disso, ao serem apresentados na mídia televisiva, tais significados assumem efeitos de verdade, pois ao serem enunciados em um canal de TV vinculado a uma emissora de grande repercussão no país, "isso se põe a funcionar na cabeça de milhares de pessoas como verdade, unicamente porque foi pronunciado daquela maneira, naquele tom, por aquela pessoa, naquela hora". (FOUCAULT, 2003, p. 233)

Nesse sentido, entendemos a série Liberdade de Gênero como um potente artefato cultural para a reflexão acerca das vivências trans, das sexualidades e dos gêneros, uma vez que contém pedagogias que ensinam significados sobre os sujeitos trans.

3. CORPUS DE ANÁLISE

Deixa eu bagunçar você
Deixa eu bagunçar você
(Liniker, 2016)

O *corpus* de análise dessa pesquisa é a primeira temporada da série Liberdade de Gênero, dirigida pelo cineasta João Jardim¹⁸ e exibida no canal de televisão brasileiro por assinatura GNT. A trilha sonora com que a série inicia seus episódios já aparenta ser um convite ao telespectador a quebrar com certos paradigmas sobre gêneros e sexualidades, com a música Zero, do compositor e um dos entrevistados da série Liniker, o refrão é repetido por várias vezes “*deixa eu bagunçar você, deixa eu bagunçar você*”.

O canal GNT está vinculado ao Grupo Globo de televisão que se descreve como “um grupo de mídia que cria, produz e distribui conteúdos de qualidade que informam, educam e divertem.” Além disso, “o Grupo Globo é um conjunto de empresas que tem como missão informar, entreter e contribuir para a educação do país através de conteúdos de qualidade.” (GLOBO, 2018)

19

A TV Globo tem sua programação distribuída em quase todo o território nacional, por meio de cinco emissoras próprias, em parceria com empresas afiliadas, e em mais de 100 países, por meio da Globo Internacional. Reconhecida pelo alto padrão de qualidade, marca que imprimiu desde a sua fundação em 1965, a TV Globo tem uma trajetória que se confunde com a história da televisão no Brasil, “sempre pautada pelo pioneirismo e inovação” (GLOBO, 2018).

Sobre as suas intenções o grupo coloca que “cada vez mais queremos ser o ambiente onde todos se encontram. E encontram informação, diversão e

¹⁸ Além de Liberdade de Gênero, João Jardim já produziu outras séries para o GNT cuja temática envolve olhar para a sociedade sob outras perspectivas. As séries Amores Livres, Novas Famílias, Compulsão e Família é Família, já veiculadas pelo canal, são exemplos disso, mostrando pessoas e relações que fogem das composições tradicionais.

¹⁹ Informações sobre o Grupo Globo foram retiradas do próprio site em que o grupo se apresenta. Disponível em <http://grupoglobo.globo.com/>

cultura, instrumentos essenciais para uma sociedade que almeja a felicidade de todos e de cada um” (id, ibid.).

Dentro dessa perspectiva, o canal GNT se considera um canal destinado ao entretenimento da mulher brasileira, conforme mostra a Figura 1. Em torno disso, o site está organizado em três eixos temáticos: casa, moda e beleza, e receitas. Estes assuntos são considerados do universo feminino diante dos estereótipos de gênero.

Figura 1 – Apresentação do site GNT.



Fonte: site do canal GNT²⁰

Entramos em contato com o canal GNT para buscar informações sobre a série Liberdade de Gênero, questionando-os sobre dados relativos ao público alvo que esta se destina e a audiência da mesma, mas, a equipe GNT respondeu que não estão autorizados a divulgar esse tipo de informação.

A primeira temporada da série Liberdade de Gênero estreou no dia 26 de outubro de 2016 e foi ao ar semanalmente nas quartas-feiras as 21h30min, até o dia 21 de dezembro de 2016. Os 10 episódios da série encontram-se disponíveis no site, na Globosat²¹, que é uma programadora de canais de TV por assinatura com um portfólio diversificado de canais, incluindo mais de 30 canais pagos com 24 horas de programação.

A série mostra em 10 episódios com aproximadamente 23 minutos cada um como se organizam as vidas de quem assume ter um gênero diferente daquele esperado a partir do seu sexo anatômico. No site há uma breve apresentação sobre a proposta da série, que trazemos a seguir, em destaque:

A nova série do GNT Liberdade de Gênero percorre o país de norte a sul, passando por Ceará, Rio Grande do Sul, Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo

²⁰ Disponível em <http://gnt.globo.com/estudos.html>

²¹ Link para acesso aos episódios da série <https://globosatplay.globo.com/gnt/v/5408040/>

para conhecer histórias de vida de pessoas que não se identificam com o gênero designado para elas ao nascerem. A série, dirigida e produzida pelo cineasta João Jardim, entra nas casas desses personagens e de suas famílias com discrição e sensibilidade para abordar os temas transexualidade e liberdade de gênero. Mas não é só de sexualidade que a série trata. São ao todo 10 episódios que mostram 14 histórias de amor, desejo, compreensão e alegria, mas também de frustração, preconceito e sofrimento.

Homens-trans, mulheres-trans, não-binários, cada um dos entrevistados relata com abertura e honestidade suas trajetórias até assumirem o gênero que os define. Eles contam como se perceberam diferentes, como se desdobraram neste destino inevitável. São relatos de pessoas que mostram força e coragem para se insurgir contra um padrão normativo que os oprimia, não deixando de falar sobre amores e da formação de uma família.

“Eu não nasci com o gênero errado, nasci, sim na sociedade errada” brinca Letícia Lanz, que após um infarto decidiu assumir sua nova identidade. “O Geraldo não morreu, só evoluiu” ironiza, falando da sua transformação.

Em vez do foco na excentricidade que essa minoria desperta, o programa usa afeto como fio condutor da narrativa. Assim, filhos, netos, parceiros, amigos e, principalmente, as mães, contam como foi lidar com a transexualidade dentro da própria família. Quais os dramas e as alegrias de ter um filho ou uma filha trans. A mulher-trans Wallace, por exemplo, conta, do dia em que recebeu um pacote com calcinhas da mãe. Sinal de aceitação da diferença – gesto simbólico, mas de um significado enorme para quem quer ser visto sem aquele velho olhar de estranhamento. Tornar familiar o que, em princípio, é estranho - é esta a aposta do programa.

Quadro 1 – Proposta da série Liberdade de Gênero.
Fonte: a autora.

Isso posto, salientamos que a série buscou apresentar narrativas de sujeitos trans que estão inseridos de forma bem sucedida na sociedade. Enquanto a maioria dos programas foca em mostrar a marginalização desses

sujeitos, a questão do caráter patológico que essa temática envolve ou a excentricidade que essa minoria desperta. Neste programa vemos algumas rupturas com o discurso recorrente, geralmente carregado de preconceito.

Além da transmissão na TV e na plataforma digital, o canal GNT divulga sua programação nas mídias de redes sociais como: na página do Facebook, onde tem em torno de 5 milhões de curtidas, ou seja, pessoas que acompanham a página, no Instagram onde têm 1,5 milhão de seguidores, e no Twitter com aproximadamente 2,5 milhões de seguidores.


Nessas mídias foram publicadas chamadas para a série, através de vídeos com as/os entrevistadas/os. Para tanto, refletimos a cerca da dimensão cultural que a série atinge, entendendo que essas mídias são expressões culturais do nosso tempo, que ensinam modos de ser e estar no mundo. Através delas podemos observar as interações das/os telespectadoras/es com a série, se as reações foram positivas ou negativas quanto à proposta do programa.

Mesmo não sendo o foco de análise dessa pesquisa, selecionamos alguns comentários sobre a publicação no Facebook que apresenta a chamada da série, por entendermos que essa pesquisa se trata de uma análise cultural²², portanto cabe trazer um mapeamento a cerca das discussões que estão sendo feitas sobre ela. Selecionamos comentários do Facebook por ser essa a mídia social que o canal tem mais seguidores.

Figura 2 – Comentário publicado na postagem do canal GNT, como resposta a chamada da série Liberdade de Gênero.

²² Discutiremos sobre essa ferramenta metodológica no capítulo seguinte.

Joanna
Séries como essa deveriam passar na TV aberta também, para que a maioria da população tenha acesso a essas informações.
A mesma rede de televisão que produz uma série com a pauta LGBT na TV por assinatura consegue expor diversos preconceitos na TV aberta!
Fica a dica, Rede Globo!

1 a Curtir Responder  17

Fonte: <https://www.facebook.com/canalgnt/videos/1554749561218075/> acesso em 11 de jun. 2018.

Figura 3 – Comentário publicado na postagem do canal GNT, como resposta a chamada da série Liberdade de Gênero.

Davi
Isso msm, o respeito é fundamental, mas oq vcs da comunidade LGBT tem q intender é q a sociedade n aprova vcs, nós éteros nos sentimos desconfortáveis com homens muito afeminados do nosso lado, eu nunca chingaria um gay, pois meus pais me deram educação e meus Deus me manda amar o próximo, mas eu nunca vou aprovar os LGBT, e vcs tem q intender q n se pode exigir das pessoas oq elas n gostam, se a sociedade hj n aprova os gays, vcs n tem o poder de mudar isso, seja lá como for!

1 a Curtir Responder

Fonte: <https://www.facebook.com/canalgnt/videos/1554749561218075/> acesso em 11 de jun. 2018.

Figura 4 – Comentário publicado na postagem do canal GNT, como resposta a chamada da série Liberdade de Gênero.

Job

Fantástico! Realmente espero que haja muita sensibilidade na abordagem e que assim possa mobilizar as pessoas que desconhecem a condição dessa população no sentido do respeito e reconhecimento! Até porque os coleguinhas do congresso estão mobilizados a retirar o direito do nome social.

1 a

Curtir

Responder



254

Fonte: <https://www.facebook.com/canalgnt/videos/1554749561218075/> acesso em 11 de jun. 2018.

Figura 5 – Comentário publicado na postagem do canal GNT, como resposta a chamada da série Liberdade de Gênero.

Larri

Nossa adorei, to passando um problemao com a familia, pq sou homem, mas me sinto mulher, e com 50 anos revelei pra esposa e filhos, ela continua comigo, mas nao a julgo se me deixar, estou cada dia q passa mais feminina e nao faço th, mas tb nao fui ao medico. So quero respeito, nao sou uma vergonha, sou quem sou e amo, simplismente amo....

1 a

Curtir

Responder



48

Ver 14 respostas anteriores

Fonte: <https://www.facebook.com/canalgnt/videos/1554749561218075/> acesso em 11 de jun. 2018.

Na grande maioria dos comentários, vemos a aprovação do público quanto à proposta do programa. Muitas pessoas comentam sobre a necessidade de séries como essa serem transmitidas também na TV aberta, para que mais pessoas tenha acesso a esse tipo informação e conhecimento e apontam até algumas críticas contra o grupo Globo por trazer esse tipo de conteúdo nos canais por assinatura, enquanto no canal aberto apresentam

programas que disseminam o preconceito e contribuem para a invisibilidade, claro que hoje estamos vendo algumas rupturas.

Em alguns comentários também vimos pessoas que relatam se identificar com as/os entrevistadas/os por estarem passando pela mesma situação, admirando a sensibilidade com que a série trata do assunto, outros parabenizam a emissora pela coragem de abordar essa temática que é vista como um tabu socialmente. E outros, mas, poucos, comentários fazendo críticas negativas ao programa e a população LGBT. Essa publicação alcançou quase 10 mil curtidas, cerca de 2 mil e 800 comentários e mais de 6 mil compartilhamentos.

Vale lembrar que a série estreou no ano seguinte, no dia 02 de outubro de 2017, uma segunda temporada com mais 10 episódios, mas, o foco desta pesquisa é analisar os episódios da primeira temporada, a seguir apresentamos cada episódio.

O primeiro episódio da série foi exibido no dia 19 de outubro de outubro de 2016 e conta a história de Amanda, que é uma mulher transexual que fez a cirurgia de redesignação sexual na Tailândia. Conhecida na internet como Mandy Candy, com mais de 600 mil seguidores no *Youtube*, ela fala das suas experiências.

Figura 6- Amanda.



Fonte: Imagem retirada da série Liberdade de Gênero.

O segundo episódio foi exibido no dia 26 de outubro de 2016 e conta a história de Letícia Lanz que se denomina como transgênera e é psicanalista e escritora, casada há 40 anos com Ângela, com quem tem três filhos e três

netos. Letícia nasceu Geraldo e fez a sua transição de gênero aos 50 anos, após 30 anos de casamento.

Figura 7 - Letícia Lanz.



Fonte: Imagem retirada da série Liberdade de Gênero.

O terceiro episódio foi exibido em 02 de novembro de 2016 e conta a história de Erick que nasceu num corpo feminino, mas sempre se entendeu como um menino. Aos 19 anos descobriu que era possível fazer a transição de gênero e iniciou o seu processo para se tornar um homem transexual.

Figura 8 – Erick.



Fonte: Imagem retirada da série Liberdade de Gênero.

O quarto episódio foi exibido no dia 10 de novembro de 2016 e conta duas histórias de jovens que não se reconhecem nem como homem, nem como mulher. Liniker, cantora, e Lune, Jesse e Benett, tatuadores, relatam suas experiências como pessoas *trans* não-binárias.

Figura 9 – Liniker.



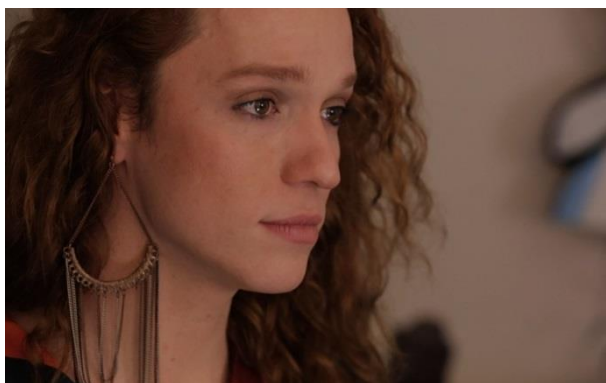
Figura 10 – Lune, Jesse e Bennet.



Fonte: Imagens retirada da série Liberdade de Gênero

O quinto episódio foi ao ar 16 de novembro de 2016 e conta a história da atriz e *performer* Wallace, que se define como uma mulher trans não binária. Nascida no interior de São Paulo. Wallace decidiu fazer a sua transição há sete anos e foi bem acolhida por sua família.

Figura 11 – Wallace Ruy.



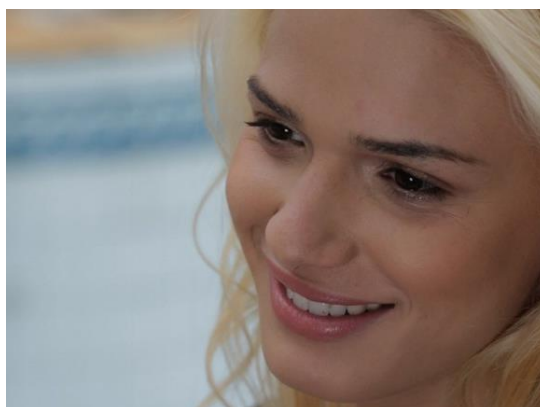
Fonte: Imagem retirada da série Liberdade de Gênero.

O sexto episódio foi exibido no dia 23 de novembro de 2016 e conta a história de duas atrizes trans, Carol Marra e Glamour Garcia, ambas falam sobre o seu processo de transição de gênero e relatam suas experiências como mulheres trans.

Figura 12 – Carol Marra.



Figura 13 – Glamour Garcia.



Fonte: Imagens retiradas da série Liberdade de Gênero.

Exibido em 30 de novembro de 2016, o sétimo episódio da série conta a história de Sillvio que mora no interior do Ceará e se identifica como homem transexual há 12 anos. Ele é casado há 16 anos com Widina, a esposa acompanhou e apoiou sua transição de gênero.

Figura 14 – Sillvio e esposa Widina.



Fonte: Imagem retirada da série Liberdade de Gênero.

O oitavo episódio exibido no dia 07 de dezembro de 2016 conta a história de Márcia que é uma advogada bem-sucedida que nasceu na alta sociedade e se define como uma travesti lésbica. Giulia, sua filha, e Carol, sua namorada, ajudam a relatar a sua trajetória.

Figura 15 – Márcia.



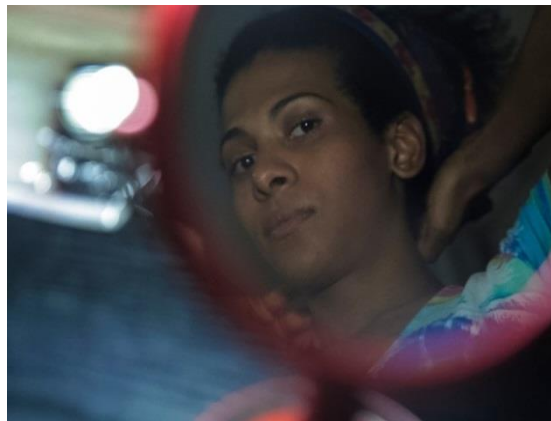
Fonte: Imagem retirada da série Liberdade de Gênero.

O nono episódio foi ao ar no dia 14 de dezembro de 2016 e conta a história de Oliver, trans não binário que relata como é não se identificar nem como menino e nem como menina e também a história de Dani, uma mulher transexual que fez a cirurgia de redesignação sexual com o apoio dos seus amigos e alunos.

Figura 16 – Oliver.



Figura 17- Dani



Fonte: Imagens retiradas da série Liberdade de Gênero.

O décimo e último episódio foi exibido no dia 21 de dezembro de 2016 e conta a história de dois casais trans; Anderson e Helena, homem trans e mulher trans, que são pais biológicos do pequeno Gregório; e Patrick e Bárbara que estão juntos há quase dois anos e são militantes da causa trans.

Figura 18 – Helena e Anderson com o filho Gregório.



Fonte: Imagens retiradas da série Liberdade de Gênero.

Figura 19 – Bárbara e Patrick.



Fonte: Imagens retiradas da série Liberdade de Gênero.

4. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Uma prática de pesquisa é um modo de pensar, sentir, desejar, amar, odiar; uma forma de interrogar, de suscitar acontecimentos, de exercitar a capacidade de resistência e de submissão ao controle; uma maneira de fazer amigas/os e cultivar inimigas/os; de merecer ter tal vontade de verdade e não outra(s); de nos enfrentar com aqueles procedimentos de saber e com tais mecanismos de poder; de estarmos inseridas/os em particulares processos de subjetivação e individuação. Portanto, uma prática de pesquisa é implicada em nossa própria vida. A “escolha” de uma prática de pesquisa, entre outras, diz respeito ao modo como fomos e estamos subjetivadas/os, como entramos no jogo de saberes e como nos relacionamos com o poder. (CORAZZA, 2007, p. 121)

Construímos os caminhos metodológicos da pesquisa a partir das formas como fomos sendo subjetivadas ao longo de nossa formação, a partir dos/as autores/as que foram nos interpelando e entendendo que as escolhas que fazemos não são neutras, estão implicadas em mecanismos de poder que vão conduzindo nossas investigações a diversas tramas de saberes.

Escolhemos utilizar a análise cultural, como ferramenta metodológica, por entendermos que esta metodologia de análise é potente para análises de processos culturais, como uma série televisiva, já que, como aponta Wortmann “tais análises ganham importância por darem visibilidade a aspectos e relações não referidas em análises tradicionais”. (2007, p. 74)

As análises culturais, de acordo com Wortmann (2007), visibilizam relações e aspectos que geralmente não são considerados em análises tradicionais, tais como aquilo que acontece no cotidiano das pessoas e que produzem efeitos em suas vidas. Trata-se de analisar práticas culturais considerando-as produzidas e imersas em relações de poder, constituindo formas interessadas de lidar com tais práticas.

Além disso, a análise cultural é uma metodologia que vem ao encontro da perspectiva teórica dessa pesquisa que é o campo dos Estudos Culturais, e assim como ele, se utilizam de diversas áreas do conhecimento para estudar os processos de produção cultural. Além de ambos estarem em ressonância

com as questões que envolvem a cultura e a significação a partir das relações de poder e saber.

Para Wortmann (2007, p. 80) para a realização desse método de análise é essencial “penetrar nas linguagens e garimpar os significados em uma multiplicidade de histórias e textos”. Por isso, destacamos a importância da linguagem nesse processo de análise, considerando, como destaca Rocha que “é através da linguagem que os indivíduos produzem sentido e articulam suas experiências no mundo”. (2011. p. 02)

Dessa forma, entendemos que “a televisão não é um conjunto de conteúdos neutros, uma vez que o próprio meio está ativamente engajado na produção de sentido”. (ROCHA, 2011, p. 03). Portanto, estamos olhando para a série Liberdade de Gênero, como um meio importante de produção cultural que está engajado na produção de sentidos, produzindo significados sobre as vivências trans e operando na constituição dos sujeitos, entendendo que estes são uma construção social e não natural, produzidos na e pela cultura.

De acordo com Rocha (2011) o que a análise cultural indica é o fato de que a televisão corresponde a um dos principais domínios na contemporaneidade através dos quais a cultura circula e é produzida. Dessa forma, entendemos que os programas televisivos, como a série Liberdade de Gênero, constituem potentes artefatos culturais a serem analisados, visto que possuem uma dimensão cultural, produzindo significados que atuam no estabelecimento de subjetividades.

Portanto, como essa pesquisa se propõe a discutir sobre os significados que trazem as vivências trans analisados na série Liberdade de Gênero, essa metodologia se faz potente. Para tanto, seguimos as seguintes etapas de análise:

- Assistimos aos 10 episódios da série Liberdade de Gênero, detalhados no *corpus* de análise desta pesquisa.
- Fizemos a transcrição das falas dos entrevistados na série.
- Analisamos as transcrições, buscando os significados sobre as vivências trans que emergiram.

- Agrupamos os significados por semelhança, constituindo eixos temáticos.
- Analisamos os eixos temáticos a partir das lentes da análise cultural.

Para desenvolver o processo de análise, os 10 episódios foram assistidos mais de uma vez, com diversas pausas para a transcrição das falas, e ao total agrupamos as falas em 13 eixos temáticos conforme os significados que foram emergindo nas narrativas. As transcrições deram um total de 37 páginas, e os eixos temáticos foram sendo agrupados por cores.

Os eixos temáticos foram:

1. Atributos de Gênero
2. Desconforto com as brincadeiras, comportamentos, roupas do gênero atribuído desde criança.
3. Não se reconhecer / Entrelaçamento entre gênero e sexualidade
4. Representação nas mídias
5. Sexualidade
6. Processos para a cirurgia / hormonização
7. Discursos da saúde/ciência
8. Inadequação Corporal
9. Relações com a família
10. Violência Física
11. Preconceito / Discriminação
12. Banheiros
13. Intolerância Religiosa

Os eixos 1, 2, 3 e 4 e 5 deram origem ao primeiro artigo da dissertação intitulado “*Liberdade de Gênero: promovendo fissuras a lógica heteronormativa*” os eixos 6, 7 e 8 foram analisados no segundo artigo intitulado “*Corpos em trânsito: entre a experiência e o saber da Ciência*”, e por fim as análises dos eixos 10,11,12,13 originaram o último artigo intitulado “*Vivências trans: entre relações poderosas e violentas*”. O eixo temático 9, aborda sobre as relações dos/as entrevistados/as com a família, mas, por razões de escolhas este eixo não foi analisado nos artigos. Apresentamos a seguir os artigos resultantes do movimento de análise cultural.

5. ANÁLISES – ARTIGOS PRODUZIDOS

Nesta seção serão apresentados os artigos resultantes dos movimentos de análise da série Liberdade de Gênero, inicialmente apontamos os artigos que foram produzidos através desta pesquisa para eventos e revista e por fim apresentamos os três artigos que compõe esta dissertação.

- ✓ 7º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e 4º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação. / 7º SBECE e 4º SIECE. (Artigo apresentado: “*Liberdade de Gênero: análise sobre significados de transexualidade em um programa da mídia televisiva*”).²³
- ✓ 13º Mundo de Mulheres e Seminário Internacional Fazendo Gênero 11. (Artigo apresentado: “*Analizando significados de transexualidade na série Liberdade de Gênero*”).²⁴
- ✓ III Encontro Humanístico Multidisciplinar / Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos e Multidisciplinares (Este artigo intitulado “*Uma análise sobre transmasculinidades presentes numa série da mídia televisiva*” resultou em uma publicação em revista B2 na área do ensino).²⁵
- ✓ SENACORPUS Seminário Corpus Possíveis no Brasil Profundo. (Artigo apresentado: “*Liberdade de Gênero: análise de vivências trans em um programa da mídia televisiva*”).²⁶
- ✓ VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade. (Artigo apresentado:

²³ O artigo está disponível nos anais do evento, no link: http://www.sbece.com.br/resources/anais/7/1495656594_ARQUIVO_LiberdadedeGenero.pdf data de acesso: 06 de nov. de 2018.

²⁴ O artigo está disponível nos anais do evento, no link: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499394461_ARQUIVO_Thais_ArtigoFG.pdf data de acesso: 06 de nov. de 2018.

²⁵ O artigo está disponível em periódico, no link: <http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/847/450> data de acesso: 06 de nov. de 2018.

²⁶ O artigo está disponível em e-book, no link: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/senacorpustrabalhos/SENACORPUS.pdf> data de acesso: 06 de nov. de 2018.

“*Transdiversidades: Olhares para um episódio da série Liberdade de Gênero*”).²⁷

- ✓ IX Congresso Internacional da ABEH (Artigo apresentado: “*Liberdade de Gênero: subvertendo com o regime de inteligibilidade corpo-gênero-desejo*”).²⁸

Estes artigos foram importantes para dar visibilidade ao trabalho e também contribuíram para pensarmos e produzirmos os artigos que compuseram o *corpus* de análise da pesquisa.

O primeiro artigo desta dissertação intitula-se: “*Liberdade de Gênero: promovendo fissuras a lógica heteronormativa*”, neste artigo problematizamos sobre os atributos de gênero, o entrelaçamento existente entre gênero e a sexualidade, e as mídias como espaço de encontro e pertencimento de acordo com as vivências dos/das entrevistados/as na série Liberdade de Gênero.

No segundo artigo, “*Corpos em trânsito: entre a experiência e o saber da Ciência*”, direcionamos nossos olhares sobre os relatos que apontam para o discurso da saúde, para os procedimentos cirúrgicos e hormonais e também para as inadequações com o corpo que os sujeitos entrevistados na série relatam ter passado traçando um paralelo com os efeitos da decisão da Organização Mundial da Saúde (OMS) de retirar a transexualidade do rol de doenças mentais na nova versão da Classificação Internacional de Doenças (CID-11).

No terceiro e último artigo desta dissertação intitulado: “*Vivências trans: entre relações poderosas e violentas*”, tivemos como objetivo analisar os relatos dos/as entrevistados/as na série Liberdade de Gênero relacionado às situações de violência vividas por vivenciarem suas identidades de gênero, este artigo foi pensado para problematizar o dado de que o Brasil é o país que mais mata a população trans no mundo. A seguir apresentamos os três artigos na íntegra.

²⁷ O artigo está disponível nos anais do evento, no link: <https://7seminario.furg.br/images/arquivo/96.pdf> data de acesso: 06 de nov. de 2018.

²⁸ Anais para ser publicado posteriormente.

5.1 Liberdade de Gênero: promovendo fissuras a lógica heteronormativa

Resumo

Vivemos em um tempo de constantes transformações culturais, em que outras formas de ser e de viver os gêneros e as sexualidades têm emergido e estão sendo visibilizadas. Dentre essas, as vivências trans têm conquistado espaço nas mídias em geral, problematizando a luta dessas pessoas por condições melhores para poderem viver como elas são. Diante disso, temos como objetivo analisar as falas dos/as entrevistados/as na série Liberdade de Gênero, acerca de suas vivências, problematizando sobre os atributos de gênero, o entrelaçamento existente entre gênero e sexualidade e as mídias como espaço de encontro e pertencimento. A série mostra em 10 episódios como se organizam as vidas de 14 pessoas trans que assumem a experiência de ter um gênero diferente do sexo anatômico, trazendo exemplos em que essas pessoas se inserem de forma bem-sucedida e feliz dentro da sociedade. Este artigo ancora-se no campo de teorização dos Estudos Culturais, em suas vertentes pós-estruturalista de análise, por entendermos que este é um campo de estudos potente para as pesquisas que analisam as relações imbricadas entre cultura e sociedade, para tal fim utilizamos ferramentas da análise cultural, pois estas ferramentas nos possibilitam lançar olhares para as produções culturais. Problematizamos sobre os gêneros e seus atributos e as sexualidades propondo que estes sejam pensados em suas múltiplas possibilidades, evidenciando suas pluralidades, sem estar aprisionados a um determinismo biológico que reduz essa experiência ao binômio feminino/masculino, e sim procurando discutir o caráter construído de cada um.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Estudos Culturais.

Introdução

Vivemos em um tempo de constantes transformações culturais, suscitada por instâncias sociais que assumem em nossa cultura diversas formas de comunicação e informação. Nesse tempo de transformações, outras formas de ser e de viver os gêneros e as sexualidades têm emergido e estão sendo visibilizadas. Dentre essas, as vivências trans têm conquistado espaço nas mídias em geral, onde a temática da transexualidade, travestilidade e transgeneridade tem sido abordada em filmes, discutida em novelas, documentários e séries, problematizando a luta dessas pessoas por condições melhores para poderem viver como elas são.

Uma das séries televisivas que trouxe essa abordagem foi Liberdade de Gênero, que constitui o *corpus* de análise dessa pesquisa, nela quatorze pessoas trans são entrevistadas. O primeiro episódio conta a história de

Amanda, uma mulher transexual que se submeteu a cirurgia de redesignação sexual na Tailândia. O segundo episódio traz a história de Letícia Lanz, uma mulher transgênera, que após viver 50 anos em um corpo masculino inicia a transição de gênero. O terceiro episódio consta a história de Erick, que aos 19 anos descobriu que era possível fazer a transição de gênero e iniciou o seu processo para se tornar um homem transexual. O quarto episódio traz pessoas trans não binárias para narrarem suas trajetórias, são elas: Liniker, Lune, Jesse e Bennet. O quinto conta a história de Wallace, que se considera uma pessoa trans não binária que se aproxima do feminino. O sexto episódio traz a história de duas mulheres trans, Carol Marra e Glamour Garcia, ambas são atrizes e modelos. O sétimo episódio traz a história de Sillvio Lúcio, que se identifica como homem transexual. O oitavo episódio traz a narrativa de Márcia, uma travesti lésbica. O nono traz a história de Oliver, pessoa trans não binária e de Dani, mulher transexual que fez a cirurgia de redesignação sexual com a ajuda de seus amigos/as e alunos/as. E para terminar a primeira temporada da série, o décimo episódio conta a história de dois casais trans, Anderson e Helena, homem trans e mulher trans, que são pais biológicos do pequeno Gregório; e Patrick e Bárbara, que estão juntos há quase dois anos e são militantes da causa trans.

Diante desta breve apresentação dos/as entrevistados/as na série, dialogamos com a autora Guacira Louro, quando ela diz que vivemos “um tempo em que a diferença se multiplicou. Um tempo em que a verdade é plural”. (2003, p. 09) A série Liberdade de Gênero foi ao ar pela primeira vez em 19 de outubro de 2016, no canal GNT. O diretor, João Jardim, percorreu do sul ao norte do país com a proposta de dialogar sobre a diversidade de gênero, trazendo histórias e identidades diferentes, onde as faixas etárias dos/as entrevistados/as variam de 19 a 64 anos.

Neste artigo, analisamos as falas dos/as entrevistados/as na série acerca de suas vivências trans, problematizando os atributos de gênero, o entrelaçamento existente entre gênero e a sexualidade, e as mídias como espaço de encontro e pertencimento.

Referencial Teórico

Este artigo ancora-se no campo de teorização dos Estudos Culturais, em suas vertentes pós-estruturalista de análise. Este é caracterizado por ser “um campo de estudos onde diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea” (ESCOSTEGUY, 2004, p. 137). Apoiamo-nos neste campo por entender que ele é potente para as pesquisas que analisam as relações imbricadas entre cultura e sociedade, articulando com os significados que problematizamos neste artigo a partir de nossas análises sobre as narrativas da série Liberdade de Gênero.

A autora Marisa Vorraber Costa afirma que a principal virtude dos Estudos Culturais “talvez seja a de começar a admitir que a inspiração possa advir de qualquer lugar, contribuindo para desfazer os binarismos tão fortemente aderidos às epistemologias tradicionais” (2004, p. 14). Instigadas pela colocação da autora entendemos que o propósito do campo em questão não é chegar a “verdades” absolutas, ou definir o que é certo e errado, porque a partir desta óptica os binarismos não dão conta das produções culturais deste mundo. Pesquisar com a lente dos Estudos Culturais, sob a perspectiva pós-estruturalista é um convite a movimentar o pensamento, tecendo problematizações sobre os modos de ser e estar no mundo sem a pretensão de chegar a um ponto final sobre determinada “verdade”. Conforme Costa:

A “verdade” ou a “realidade” são construções discursivas resultantes de epistemes situadas e datadas. Não há nada de transcendental aí. A verdade ou as verdades são coisas deste mundo, constituídas no seio de correlações de forças e de jogos de poder. (2004, p. 76)

Motivadas pela autora tomamos as verdades como produções culturais deste mundo que, portanto, podem ser resignificadas. Além disso, neste campo teórico, defende-se a ideia de que nada neste mundo antecede a cultura, sendo assim, somos sujeitos constituídos pela cultura de uma determinada época e lugar. Pensamos na cultura a partir de Hall (1997) compreendendo que esta é responsável pelas produções de sentidos que são compartilhados socialmente, que se configuram como um dar e receber significados, uma prática social.

Esse campo encarrega-se de estudar as produções culturais e se faz potente para a análise de uma série televisiva como a Liberdade de Gênero, porque entendemos que nela circulam pedagogias culturais que nos ensinam modos de ser e estar no mundo. As pedagogias culturais, de acordo com Veiga Neto (2006) salientam como e quanto, fora dos espaços estritamente institucionalizados, se ensina, se aprende e se naturaliza determinadas verdades, visões de mundo e práticas sociais. Ou seja, neste campo entendemos que as aprendizagens não estão fixas ao espaço escolar e/ou acadêmico, mas o transcendem.

Conforme Constantina Xavier Filha (2014), olhar para as pedagogias culturais nos possibilita refletir sobre os discursos que vêm sendo produzidos na contemporaneidade e que, de certa maneira, vão produzindo nossas identidades. Ao olharmos para as pedagogias culturais expressas na série Liberdade de Gênero tecemos problematizações sobre como os discursos vão produzindo significados sobre a forma com que os sujeitos percebem e ou deveriam perceber seus corpos, seus gêneros e suas sexualidades, sem a pretensão de fazer algum juízo de valor sobre o que é certo ou o que é errado, mas, sim problematizar os “processos pelos quais as diferenças são produzidas através de relações de assimetria e desigualdade” (SILVA, 2007, p. 89).

Diante disso, percebemos a série Liberdade de Gênero como um artefato cultural importante para a discussão da diversidade dos gêneros e das sexualidades. Conforme a autora Guacira Louro “a construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infundavelmente” (2008, p.18) Cabe aqui colocar, que entendemos os gêneros e as sexualidades como construções sociais, culturais, políticas e históricas que são atravessadas por relações de poder e não como algo que é dado e natural.

Louro coloca que:

Se aceitarmos que o gênero não é natural, mas sim construído, estamos dando um passo para desfazer a conexão estreita entre sexo e gênero, e podemos começar a pensar que não há uma relação única e necessária entre o corpo de alguém e seu gênero. (2017, p. 56)

Esta relação de conexão entre o corpo e o gênero não faz sentido, sob a perspectiva que lançamos nossos olhares, porque além de entendermos que o

gênero é uma construção cultural, entendemos que o sexo anatômico também ganhou significado culturalmente, visto que a anatomia é um conhecimento construído e não uma “verdade”. Judith Butler nos desafia a pensar na construção cultural do gênero e do sexo quando coloca que “o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual „a natureza sexuada” ou „um sexo natural” é produzido e estabelecido como „pré-discursivo”, anterior à cultura” (2017, p. 27).

Butler (2017) ainda coloca que mesmo que os sexos pareçam binários em sua morfologia e constituição, o que pode ser questionado tendo em vista as pessoas *intersex*²⁹, por exemplo, “não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois” (2017, p. 26), visto que as identidades de gênero são múltiplas e crescem cada vez mais, assim como as identidades sexuais. Márcio Caetano defende que “a sexualidade não se ajusta a um modelo unívoco; ela é fundamentalmente plural” (2016, p. 159). O autor coloca que:

A sexualidade, no plano dos discursos regulatórios, é a estratégia social que permite controlar o desejo erótico. Em função dela, a cultura generaliza certos desejos eróticos e controla-os. A sexualidade não está determinada pelos imperativos biológicos, porém sujeita a condicionamentos sociais, culturais, históricos que se (auto) elaboram e se refletem na leitura dos imperativos biológicos sobre a e da vida. Isso não significa deixar se reconhecer a capacidade criativa do conhecimento biológico ou suas implicações na manutenção da vida (e da sexualidade como parte dela), mas a clareza que mesmo o biológico toma emprestado da cultura os significados inventados por ele. (2016, p. 158)

A sexualidade é orientada pela lógica heteronormativa, ou seja, somos ensinados/as desde cedo que o “normal” e ou “natural” são os relacionamentos entre homens e mulheres, os demais são derivações que fogem ao padrão normativo vigente. A sexualidade ganha significado culturalmente, é através da cultura que somos ensinados/as a nos relacionar afetivamente e sexualmente, mas esta aprendizagem é condicionada a anatomia, logo, se uma pessoa nasce com um pênis, designada socialmente para ser do gênero masculino,

²⁹ “A reflexão queer sobre os *intersex* permite verificar não só como os processos de incorporação do gênero criam identidades binárias, baseadas em distinções férreas entre homens e mulheres, mas também como os processos sociais, criam, naturalizam o corpo num parâmetro binário” (PINO, 2007, p.167).

habitualmente espera-se que esta se relacione com pessoas do gênero feminino, isto porque vivemos uma lógica heteronormativa, que prega uma coerência entre o corpo, o gênero e a sexualidade, mesmo que esta não dê mais conta da pluralidade de identidades que circulam. Apoiadas em Louro, salientamos que:

Atravessamentos das fronteiras de gênero e sexualidade parecem, hoje, mais frequentes, ou, quem sabe, talvez sejam simplesmente mais visíveis. O fato é que contemporaneamente, as classificações binárias de masculinidade e feminilidade ou de heterossexualidade e homossexualidade não dão mais conta das possibilidades de práticas e de identidades experimentadas pelos sujeitos. Isso não significa que se transite livremente entre esses territórios – por certo os guarda-fronteiras continuam vigilantes, severos e inflexíveis. (2017, p. 78)

Por mais que as identidades de gênero e sexuais estejam ganhando espaço e visibilidade, os discursos de ódio para com essas pessoas que afrontam as normas se propagam também, logo, a visibilidade não têm apenas efeitos positivos. A liberdade para ser o que é, é vigiada, controlada, como coloca a autora “os guarda-fronteiras continuam ali vigilantes, severos, inflexíveis”.

Liberdade de Gênero: Apresentando o *corpus* e as ferramentas de análise

Este artigo teve como *corpus* de análise a primeira temporada da série Liberdade de Gênero³⁰, que estreou no dia 19 de outubro de 2016 e foi ao ar semanalmente nas quartas-feiras, às 21h30min, até 21 de dezembro de 2016, no canal GNT. A série mostra em 10 episódios como se organizam as vidas de 14 pessoas trans que assumem um gênero diferente do sexo anatômico, trazendo exemplos em que essas pessoas se inserem de forma bem-sucedida e feliz dentro da sociedade. Na série, os/as entrevistados/as contam com a ajuda de familiares e amigos/as para narrarem o desenrolar das suas trajetórias.

Neste artigo, analisamos as falas dos/as entrevistados/as com relação às suas vivências de gênero e sexualidade. Para tal fim utilizamos ferramentas da análise cultural, pois estas ferramentas nos possibilitam lançar olhares para

³⁰ Os episódios da série Liberdade de Gênero estão disponíveis no site: <https://globosatplay.globo.com/gnt/v/5408040/> Acesso em 10 de julho de 2018.

as produções culturais. A autora Maria Lúcia Wortmann afirma que para a realização desse método de análise é importante “penetrar nas linguagens e garimpar os significados em uma multiplicidade de histórias e textos” (2007, p. 80). Para isso, os 10 episódios da série foram transcritos, as falas dos/as entrevistados/as foram analisadas, agrupadas por semelhanças e, a partir disso, elencamos eixos temáticos. Neste artigo, trazemos as análises referentes aos eixos que abordam sobre atributos de gênero, a relação dos/as entrevistados/as com a família, o entrelaçamento entre gênero e sexualidade e a mídia como um espaço de encontro e pertencimento.

Atributos de gênero

Neste eixo nossas análises foram ao encontro das narrativas dos entrevistados/as sobre os atributos de gênero, relacionando às práticas sociais que desde cedo generificavam seus corpos, onde as diferenças anatômicas são tomadas para justificar determinadas práticas, comportamentos e condutas esperadas socialmente para cada gênero, sempre em número de dois, feminino ou masculino. Butler nos provoca a pensar que os atributos de gênero não são expressões naturais, mas, sim, performativos. A autora coloca:

Se os atributos de gênero não são expressivos, mas performativos, então constituem efetivamente a identidade que pretensamente expressariam ou revelariam. A distinção entre expressão e performatividade é crucial. Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. (BUTLER, 2017, p. 243)

Sendo assim, as identidades de gênero não têm uma “essência” a ser expressa naturalmente, elas são produzidas e reproduzidas com o passar do tempo. A seguir analisamos as falas de alguns entrevistados/as na série que mostra os conflitos entre os atributos de gênero esperados socialmente com suas identidades, evidenciando que o gênero é performativo, como nos propõe Butler (2017).

Quando a gente é criança não temos ainda na nossa cabeça a maldade, né? Eu era só uma criança brincando então me via daquele jeito e era assim que eu era. E aí fizeram um teste comigo, colocaram na minha frente um moletom do Mickey e um da Minnie, e mandaram eu

escolher qual eu gostava mais. Como eu sempre gostei de rosa, é claro que corri pro da Minnie. E aí me falaram: Não! Tu não podes pegar esse moletom, esse moletom é de menina. Tu és um menino e tu vai ter que usar esse moletom [o do Mickey], Aí eu desabei no choro e foi aí o primeiro pensamento que eu tive: não, eu não sou uma menina, então eu tenho que agir de tal forma. (Amanda)

O feminino nasceu comigo, roupas da mãe, o sapato de salto, tudo que tivesse uma simbologia associada ao feminino sempre gerava em mim um sofrimento. Eu entrava em loja de departamento masculino e essa parte não tinha nada que me interessava. Me mostravam um caminhãozinho e do lado uma boneca, eu queria a boneca. Mas você tem que brincar com o caminhãozinho, mas por que não com a boneca? (Leticia Lanz)

Na infância eu achava que eu era um E.T., que eu era louco. O que aconteceu comigo, por que eu vim desse jeito? Essa percepção de que eu não era uma menina é desde que eu me entendo por gente, desde que eu me identifico como uma pessoa. No meu aniversário de 4 anos, a minha mãe colocou um tic tac no meu cabelo e beleza, eu continuei na festa, quando eu fui no banheiro e vi o tic tac na minha cabeça, acabou a festa. O que os meus amigos vão pensar? Um menino de tic tac na cabeça? (Erick)

Amanda se identifica como uma mulher transexual heterossexual, Leticia se identifica como uma transgênera lésbica e Erick se identifica como um homem transexual heterossexual. Suas falas trazem um ponto em comum: o desconforto com os comportamentos, com as brincadeiras e com as roupas determinadas para o gênero designado ao nascer despertou neles/as desde muito cedo, em suas infâncias.

Situações como essas vigoram porque ao nascer um bebê, junto com ele nasce um conjunto de expectativas sociais que são estabelecidas a partir da genitália no nascimento, isto é, desde pequenos/as somos ensinados/as dentro da lógica heteronormativa que o nosso genital determina nosso gênero e que dependendo do gênero determinado, é preciso desempenhar determinados papéis e condutas que são esperados dentro da nossa sociedade.

Essa lógica heteronormativa é chamada de heteronormatividade, que de acordo com Petry e Meyer:

[...] visa regular e normatizar modos de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade De acordo com o que está

socialmente estabelecido para as pessoas, numa perspectiva biologicista e determinista, há duas – e apenas duas – possibilidades de locação das pessoas quanto à anatomia sexual humana, ou seja, feminino/fêmea ou masculino/macho (2011, p. 195).

Ou seja, o sexo anatômico é um condicionante para definir o gênero e a sexualidade de uma pessoa, dentro dessa lógica heteronormativa. Diante dela, a história de Letícia, por exemplo, seria impensável, uma vez que Letícia nasceu com pênis, designada para ser homem e exibir atributos e condutas considerados do âmbito do masculino na nossa cultura; no entanto, se identifica com o feminino, se reconhece como uma mulher transgênera e se relaciona com outra mulher.

Letícia Lanz (2015), entrevistada na série, coloca que existe um condicionamento e adestramento sociopolítico-cultural que faz com que homens e mulheres consigam se reconhecer, se identificar e agir dentro da sociedade correspondendo às expectativas sociais. A autora nos provoca a pensar quando diz que a classificação de gênero é uma aposta da sociedade:

Cada vez que um bebê é classificado como homem ou como mulher, a sociedade faz uma aposta que, em função do seu órgão genital, de macho – pênis – ou de fêmea – vagina -, o bebê irá se ajustar “como uma luva” na categoria de gênero masculino ou na de gênero feminino. Pra não perder a aposta, ainda no útero da mãe a sociedade começa a submeter o bebê a um intenso e exaustivo processo de adestramento/condicionamento para que ele efetivamente se torne homem ou mulher de acordo com a sua genitália: azul para meninos, rosa para meninas; bola de futebol para os meninos, boneca para as meninas. Depois que ele nasce o treinamento/condicionamento se intensifica e é exercida uma permanente vigilância social a fim da criança se comportar estritamente dentro da categoria de gênero em que foi classificada a nascer [*grifos da autora*] (2015, p. 137).

A partir da colocação da autora, percebemos que as falas dos/as entrevistados/as evidenciam apostas perdidas, visto que essas pessoas, desde a infância, não conseguem se enquadrar nas normas de gênero vigentes, por mais presentes que elas estejam em suas vivências através do controle que a família exerce, como é colocado nas falas. O controle para se manter no gênero determinado a partir da genitália é constante e se faz através da vigilância e das proibições: *Isso não é coisa de menino/a! Meninos não choram!*

Sente-se como uma menina! São algumas sentenças, construídas dentro da lógica heteronormativa, que vão agenciando essas identidades e que castigam aquelas que fogem aos padrões. A autora Berenice Bento afirma que:

Os brinquedos, as cores das roupas e outros acessórios que comporão o enxoval são escolhidos levando-se em conta o que seria mais apropriado e natural para uma vagina e um pênis. No entanto, como é possível afirmar que todas as crianças que nascem com vagina gostam de rosa, de bonecas, de brinquedos que não exigem muita força, energia e inteligência? Aquilo que evocamos como um dado natural, o corpo-sexuado, é resultado das normas de gênero. Como afirmar que existe um referente natural, original, para se vivenciar o gênero, se ao nascermos já encontramos as estruturas funcionando e determinando o certo e o errado, o normal e o patológico? O original já nasce “contaminado” pela cultura. Antes de nascer, o corpo já está inscrito em um campo discursivo. (2011, p. 550)

A existência de pessoas trans atua no sentido de desconstruir essas produções culturais que são dadas como naturais, colocando em xeque a existência do gênero masculino ou feminino atrelada ao sexo anatômico, deslocando essas “verdades” do determinismo biológico. Tais experiências evidenciam que o gênero não é dependente do sexo anatômico. Essas questões precisam ser desconstruídas “para se desmistificar o trabalho refinado que o sistema heterossexual processa ao produzir uma masculinidade e uma feminilidade naturalizadas e aprisionadas na lógica de um determinismo biológico” (PAMPLONA; DINIS, 2017, p. 03).

***“Sexo genital está entre as pernas, gênero está no cérebro e orientação sexual está entre os braços”*: entrelaçamento entre gêneros e sexualidades**

A puberdade parece ser um período ainda mais conflitante do que a infância, nesta etapa o corpo parece caminhar para o lado errado do que eles/as gostariam e a sexualidade passa também a ser um incômodo. É na puberdade que as mudanças hormonais desencadeiam as mudanças físicas e o conflito com o gênero com o qual se identificam aparece com mais intensidade. Alguns relatam que antes de conhecerem o que era a transexualidade se reconheciam como gays, mas mesmo assim sentiam que

algo estava errado, porque não conseguiam se relacionar com pessoas do “mesmo” sexo.

Tinha alguma coisa errada, porque eu não conseguia me ver ficando com outro menino sendo menino. Eu não sou gay, eu sou uma mulher trans heterossexual. Eu não me aceitava no corpo de homem, então essa condição homossexual pra mim não funcionava. (Amanda)

Na adolescência foi um pouco mais difícil, porque eu conheci outros meninos que eram gays, mas eu não me identificava com eles, eu pensava: eu não sou isso! Eu queria ser como a minha irmã, como a minha mãe, como as minhas amigas. (Carol)

Eu sempre gostei de meninas e eu me apaixonei por meninas quando eu tinha nove anos mais ou menos, só que pra mim era impensável, eu não queria nem chegar perto. Minha adolescência foi muito difícil, porque caiu no meu colo que eu era uma lésbica e que eu ia ter que viver nesse corpo. (Erick)

Esse entrelaçamento entre gênero e sexualidade parece ser comum nas vivências dos/as entrevistados/as, pois a maioria relata que enquanto desconhecia a possibilidade de ser transexual, travesti ou trans não binário as relações homossexuais pareciam não ter sentido. O sentimento de não se reconhecer enquanto homossexuais, faz jus ao entrelaçamento que existe entre gênero e sexualidade, eles/as sabiam que algo não estava de acordo, mas, não era em relação à sexualidade, e sim com o corpo, a sensação era de não se reconhecer ao gênero designado. A mudança que eles desejavam não era em relação à orientação sexual, mas, sim que seus corpos se ajustassem a identidade de gênero que eles sentiam pertencer, e que assim, seus corpos lhe garantissem a inteligibilidade social esperada.

Márcia e Letícia são duas das entrevistadas que fogem a esse padrão. Márcia sempre gostou de meninas e se considera uma travesti lésbica e Letícia é casada há mais de 40 anos e se considera uma transgênera lésbica, inclusive, ambas relatam que são criticadas por sua sexualidade, já que como se identificam com o feminino deveriam – dentro da lógica heteronormativa – gostar de homens. Casos como estes relatam que a sexualidade está deslocada de qualquer determinismo biológico. A autora Berenice Bento traz essa questão:

Quando uma pessoa diz “Eu tenho um corpo equivocado, sou um/a homem/mulher aprisionado/a em um corpo de mulher/homem”, isto não significa que ser mulher seja igual a ser heterossexual. Quando a sociedade estabelece que o/a homem/mulher de verdade é heterossexual, deduz-se imediatamente que um/a homem/mulher transexual deverá sê-lo, e são construídos dispositivos em torno dessa realidade. (2006, p. 156)

A partir desta citação da autora e das falas dos entrevistados/as no programa percebemos que a identidade de gênero de um homem trans ou de uma mulher trans é questionada, ainda mais, quando estes/as não se enquadram ao padrão heterossexual, sinalizando que a condição heterossexual está intimamente ligada ao reconhecimento de um/a homem/mulher de “verdade”.

Ana Carolina, namorada de Márcia, conta que enquanto namorava com mulheres lésbicas, a sociedade entendia isso como “comum”, mas que a partir do momento em que hoje ela se apresenta namorando uma travesti, as pessoas questionam, inclusive as lésbicas: *mas, espera um pouco, você não é lésbica?*

Isso se justifica porque dentro da sociedade heteronormativa em que vivemos, até dentro da própria comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), as pessoas devem se enquadrar às normas estabelecidas. O conservadorismo da sociedade reflete na comunidade, enquanto nela deveria encontrar resistência e novas formas de pensar os gêneros e as sexualidades. Conforme Berenice Bento as expressões de gênero, as sexualidades, as subjetividades só apresentam uma correspondência com o corpo quando é a heteronormatividade que orienta o olhar (BENTO, 2014, p. 53).

Além disso, Márcia conta que sempre gostou de meninas! E pergunta para a mãe:

Namorei um pouquinho, né? (Márcia)

E a mãe responde:

Bastante, é isso que a gente não entende, se veste de mulher, devia gostar de homem. (Dora, mãe de Márcia)

Wallace se identifica como uma pessoa trans não binária e conta sobre um episódio engraçado com relação ao entendimento da sua mãe sobre a sua sexualidade, que vai ao encontro da fala da mãe de Márcia. Ele diz:

[...] até um caso engraçado, sobre isso de sexualidade, que recentemente eu tive um caso com uma garota, aí a minha mãe falou assim: ah, não, pera! Primeiro você é menino, agora você é menina, primeiro você é gay, agora você é lésbica?! Não tô entendendo! Eu não consigo, para! Orientação sexual tá relacionada para quem eu oriento o meu desejo. A identidade de gênero tá relacionada ao entendimento, como você se entende, se como mulher ou como homem. (Wallace)

Novamente a lógica da heteronormatividade aparece nas falas, demonstrando que socialmente costuma-se fazer um entrelaçamento entre gênero e sexualidade, embora sejam coisas distintas. Isso porque se espera que haja um regime de inteligibilidade entre corpo, gênero e desejo, de modo que se o sujeito assume um gênero masculino, ainda que tenha uma vulva, espera-se que ele se relacione afetiva e sexualmente com mulheres.

Para Berenice Bento:

A existência trans põe em destaque aqueles atos discursivos e corporais considerados socialmente importantes para dar vida aos corpos-sexuados, ao mesmo tempo em que os desloca. Se a experiência nega a origem biológica para a explicação dos comportamentos, contraditoriamente, é a pressuposição dessa origem natural que gerará as expectativas e as suposições sobre as condutas apropriadas para os gêneros. Suas histórias interrompem a linha de continuidade e de coerência que se supõe natural entre corpo, sexualidade e gênero, ao mesmo tempo em que apontam os limites da eficácia das normas de gênero e abrem espaços para produção de fissuras que podem, potencialmente, transformar-se em contradiscursos e libertar o gênero do corpo-sexuado. (2014, p. 63)

A existência trans põe em xeque não só a naturalidade dos gêneros pautada no determinismo biológico, mas, também, da sexualidade condicionada ao gênero. Sendo assim, rompe com a inteligibilidade do corpo-gênero-desejo, histórias como a de Márcia e Letícia evidenciam que nem toda mulher tem vagina e deseja ter relações com homens, embora exista uma expectativa social criada a partir de um determinismo biológico. A autora Judith Butler problematiza este regime de inteligibilidade entre corpo, gênero e desejo quando expõe:

Gêneros inteligíveis são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só são concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual (2017, p. 43).

Sendo assim, o gênero adquire inteligibilidade através do sexo que, conseqüentemente, determina também, o desejo, de acordo com a lógica heteronormativa. A construção de uma coerência entre o sexo-gênero-desejo faz com que as identidades de gênero divergentes ao padrão, como as experiências trans, sejam impensadas dentro do regime de heteronormatividade compulsória em que vivemos. Porém, essas experiências produzem fissuras na lógica heteronormativa e fazem emergir outras identidades de gênero e sexuais que tensionam os limites dessas normas.

Por exemplo, Lune, Jesse e Bennett se consideram pessoas trans não binárias que se aproximam mais do masculino. Eles colocam que são pansexuais e que a sexualidade os levou a se reconhecerem enquanto pessoas trans não binárias, porque de acordo com eles, a pansexualidade está ligada a essa identidade de gênero. Com relação a isso, são questionados por João, diretor da série:

O que é pansexual? (João)

Basicamente uma pessoa que gosta de outras pessoas, independente de gênero ou do que elas têm no meio das pernas. A pansexualidade me levou a conhecer a identidade de gênero não binária. Uma coisa tá meio que ligada a outra, assim, meio que um combo. Se eu não me identifico com nenhum gênero, eu não espero escolher nenhum desses gêneros pra ficar. (Lune)

Bennet e Jesse complementam a fala sobre a orientação sexual, dizendo:

Eu não gosto das pessoas pelo gênero, eu gosto das pessoas porque são pessoas. (Bennett)

Eu geralmente gosto de pessoas mais andróginas, justamente por elas não serem tão cis, mas isso é uma questão de gosto, também eu não me limito. Tanto no gênero quanto na orientação eu não vou me limitar,

me prender a nada. É bem simples. Bem mais simples do que parece.
(Jesse)

Essas identidades de gênero e sexuais são possíveis de existir hoje graças a outras que vêm subvertendo com o regime de inteligibilidade corpo-gênero-desejo, provocando fissuras no sistema heteronormativo. De acordo com o autor Leite Jr., as existências trans ingressam no campo político “não só fazendo-nos questionar sobre o que é real e o que deve sê-lo, mas também mostrando-nos como as ações contemporâneas de realidade podem ser questionadas e como novos modos de realidade podem ser instituídos” (2008, p.126 – 127) Ou seja, é questionando as formas de se viver os gêneros e as sexualidades, que outras e novas formas de vivencia-los podem ser instituídas.

Guacira Louro (2017) nos instiga a pensar nas identidades de gênero que não se definem nem com o masculino e nem com o feminino, reivindicando para si uma não binariedade, quando coloca:

Assim como em outros territórios, também nos territórios de gênero e sexualidade há aqueles e aquelas que vivem na própria fronteira. Sujeitos que não chegam a completar o cruzamento e vivem a ambiguidade do entre-lugar. Por vezes, esses sujeitos inscrevem em seus corpos as marcas dos dois lados, confundindo quem os encontra, ou escapam de um lado para outro, não se deixando fixar, deslizando. (2017, p. 80)

Em torno disso, refletimos o quanto é importante ouvir o que as pessoas têm a dizer sobre si mesmas, assim como é mostrado na série Liberdade de Gênero. Existem possibilidades diversas de vivenciar os gêneros e as sexualidades, de maneira a tensionar as normas impostas, contribuindo para que fissuras sejam expostas nesse sistema³¹ que reduz as vivências ao binômio de gênero.

***“Essa sensação de encontrar alguém como você, é uma das melhores do mundo”*: mídias, espaço de encontro e pertencimento**

As histórias analisadas também apontam os espaços das mídias como espaços de encontros e pertencimento, onde essas pessoas se encontram

³¹ A ativista e pesquisadora trans Viviane Vergueiro (2015) utiliza a palavra sistema como uma corruptela de „sistema“, com a intenção de denunciar a existência de cissexismo e transfobia no sistema social e institucional dominante.

consigo mesmas e demarcam pertencimento a um grupo, no que diz respeito às vivências de gênero e sexualidade. Nesses espaços, elas puderam se reconhecer enquanto sujeitos trans a partir de referências diversas, como através de uma personagem de novela no caso de Dani, através de uma história vivenciada por um personagem que se considerava transexual em um filme que também aborda a temática da transexualidade, como no caso de Erick, em grupos no Facebook de pessoas trans, como a história de Oliver, ou até mesmo com a identificação com personagens de jogos de videogame que eram transexuais, como é o caso de Amanda.

Dani diz:

[...] com 12 anos, eu me lembro de ter assistido a novela da Ramona, que era interpretada pela atriz Cláudia Raia, e que mesmo com os vícios da novela, consegui tratar de forma sensível à questão da transexualidade. Eu fiquei louca, eu pensei: meu Deus, é isso, então! Eu tive plena certeza que precisava passar por aqueles procedimentos para me encontrar.
(Dani)

Erick fala que:

[...] quando estreou o filme Meninos não Choram³² eu quis assistir a todo custo. Foi um tapa na minha cara, eu pensei: eu sou isso aí. E aí eu chorei por 20 anos acumulados, eu entendi que eu era transexual, que existia um caminho pra percorrer e eu queria tudo pra ontem. Essa sensação de encontrar alguém como você, é uma das melhores do mundo, eu pensei que não estava sozinho no mundo. É uma sensação de pertencer, sabe?
(Erick)

Oliver relata:

Em algum momento eu conheci pessoas trans pela internet e assim soube da existência, na verdade, e aí quando eu descobri isso, fui pra um grupo de pessoas trans no Facebook, que era só de gente trans não binária e foi aí que eu comecei a ver e a me entender como trans mesmo. (Oliver)

³² De acordo com a sinopse, o filme *Meninos não Choram* conta a história de Teena Brandon que se tornou Brandon Teena e passou a reivindicar uma nova identidade, masculina, numa cidade rural de Falls City, Nebraska. Brandon inicialmente consegue criar uma imagem masculinizada de si mesma, se apaixonando pela garota com quem sai Lana, e se tornando amigo de John e Tom. Entretanto, quando a identidade sexual de Brandon vem público, a revelação ativa uma espiral crescente de violência na cidade.

Amanda, mesmo quando ainda desconhecia o que era transexualidade, já se montava para eventos como *anime*³³ e nesses eventos se identificava como Amanda. Mas, ela conta:

[...] aos 17 anos eu fiz um amigo, a gente se adicionou no msn³⁴ e depois de um tempo eu vi que ele tinha mudado o nome dele pra Luna. Então, eu perguntei: Por que teu nome tá Luna? E ele: ah, porque eu sou transexual. E eu: hã?! O que é isso? Aí ela começou a me explicar sobre o que ela sentia, sobre disforia de gênero, que ela estava indo em psiquiatras, em psicólogos, estava começando a transição e aí eu pensei: Nossa! É aí que eu me encontro! É aí que eu me encaixo, eu não sou um menino gay, eu sou uma mulher transexual. (Amanda)

Em torno dessas falas, percebemos que as mídias atuam, hoje, como mais uma referência, um espaço privilegiado onde circulam informações sobre os sujeitos e sujeitos que antes não tinham a visibilidade que apresentam agora, como as pessoas trans. As mídias estão promovendo outras relações com o público, endereçando-se a sujeitos trans, por exemplo, ensinando “outros” modos de ser e de entender esses corpos, atuando como uma pedagogia cultural, como um espaço onde essas pessoas podem se ver representadas e por isso um espaço de encontro e pertencimento.

Entendemos, a partir da perspectiva pós-estruturalista, que a “representação se expressa por meio de uma pintura, de uma fotografia, de um filme, de um texto, de uma expressão oral”. (SILVA, p. 04) E vemos isso exposto nas falas, quando, por exemplo, Erick fala “*eu sou isso aí. [...] eu entendi que eu era transexual.*” Erick, por exemplo, identificou-se com o personagem transexual no filme que assistiu e então passou a conhecer o que era transexualidade, assim como Amanda, que diz: “*É aí que eu me encontro! É aí que eu me encaixo, eu não sou um menino gay, eu sou uma mulher transexual*”. Nos excertos percebemos que Erick e Amanda, assim como Oliver e Dani, reconhecem suas identidades através das representações presentes nesses artefatos culturais. O autor Tomaz Tadeu da Silva coloca que:

³³ Anime são animações japonesas de jogos de videogame, onde têm personagens transexuais.

³⁴ MSN é um portal online de mensagens instantâneas e de serviços da empresa Microsoft, lançado no ano de 1995.

A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizer: "essa é a identidade", "a identidade é isso". (2005, p. 91)

Nesse contexto, eles/elas ao virem representada a identidade trans reconhecem a sua identidade "eu sou isso" e a partir de então essa adquire sentido. Dessa forma, se estabelece possibilidades de identidades de gênero que escapam ao determinismo reducionista do sistema sexo-gênero, como coloca o autor Claudio Alves e a autora Maria Ignez Moreira "sujeitos ambivalentes e não adequados aos olhos do senso comum, que se diluem numa polissemia de relações nas quais sexo, gênero, corpo e desejo se combinam, se recombinaem ou, ainda, não se combinam" (2014, p. 13).

Considerações

A série Liberdade de Gênero deu visibilidade para a diversidade de identidades de gêneros e sexuais, informando sobre o tema e (re)produzindo modos de ser "diferentes" do qual adotamos como "naturais", desconstruindo "verdades" sobre os gêneros, sobre os sexos e sobre as sexualidades. A série nos ensina sobre outros modos de ser e estar no mundo uma vez que somos educados/as através de diferentes meios, dentre os quais os programas televisivos.

Neste artigo problematizamos sobre os gêneros e seus atributos, propondo que estes sejam pensados em suas múltiplas possibilidades, evidenciando suas pluralidades, sem estar aprisionado a um determinismo biológico que reduz essa experiência ao binômio feminino/masculino, mulher/homem, fêmea/macho. Podemos afirmar que não existe o masculino e o feminino original, esses são produzidos culturalmente de acordo com as normas de gênero que regem cada cultura, tempo e lugar, legitimando assim modos de ser mulher e modos de ser homem.

No tempo em que vivemos a diferença se multiplicou e a verdade é plural, como nos instigou a autora Guacira Louro (2003), assim, não cabe mais

essa divisão binária, reforçada por uma heteronorma que nos é reiterada a todo tempo, denunciando o seu caráter questionável. Compreender os gêneros e as sexualidades como construções sociais, culturais, históricas atravessadas por relações de poder, nos faz compreender como determinadas práticas foram sendo naturalizadas e consideradas mais legítimas do que outras e, assim, questioná-las.

As narrativas dos/as entrevistados/as que analisamos dissolvem a lógica entre sexo, gênero e desejo, embaralhando a fixidez das “verdades” sobre eles que nos são dadas, atribuídas de forma essencializada. De acordo com a lógica heteronormativa que vivemos, histórias como as discutidas neste artigo, denunciam o quanto a sexualidade vinculada ao gênero é uma construção, já que existem múltiplas formas de vivenciar as sexualidades.

No nosso tempo de constantes transformações culturais, destacamos, também, a importância das mídias. Nas falas percebemos esta instância como um espaço de encontro e pertencimento, onde as pessoas se reconhecem enquanto trans ao conhecer essas identidades expostas em algum artefato cultural, como: um grupo no Facebook, uma novela, um filme.

Por fim, colocamos que nossa pretensão não é definir ou essencializar qualquer expressão identitária, por entendermos que as experiências trans são diversas, múltiplas e plurais, são experiências que fogem ao padrão vigente de gênero, de sexualidade e de corpo e não se encaixam a uma sintetização homogênea.

Referências

ALVES, Cláudio Eduardo Resende & MOREIRA, Maria Ignez Costa. (TRANS)NARRATIVAS DE FRONTEIRA. Disponível em <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/viewFile/1825/1426> acesso em: 10 de set. 2018.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Gramind, 2006.

_____. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. Ver. *Estudos Feministas*, v.19, n.2, ago. 2011. p. 549-559.

_____. *O que pode uma teoria? Estudos Transviados e a Despatologização das Identidades Trans*. In: Florestan, n. 2, p. 46, 2014.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: 13ª ed. 2017.

CAETANO, Marcio. *Performatividades reguladas: heteronormatividade, narrativas biográficas e educação*. Curitiba: Appris, 2016.

COSTA, Marisa Vorraber. *Estudos Culturais: para além das fronteiras disciplinares*. In:_____(Org.) *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.p. 13-36.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Estudos Culturais: uma introdução. O que é, afinal, Estudos Culturais*, 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, p. 133-166, 2004.

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo*. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

LANZ, Leticia. *O corpo da Roupa: Uma introdução aos Estudos Transgêneros Movimento Transgente*: 1 Ed. 2015.

LEITE JR, Jorge. *Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC – SP, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. *Corpos que escapam*. *Estudos feministas*, v. 4, n. 4, 2003

_____, *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporânea*. *Pró-Posições*, Campinas, v. 19, n. 2, p.17-23, maio/ago. 2008.

_____, *Flor de açafraão: takes, cuts, close-ups*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

PAMPLONA, Renata Silva & DINIS, Nilson Fernandes. *A TRANSEXUALIDADE EM QUESTÃO: Problematizações nos contextos educacionais*. *ITINERARIUS REFLECTIONIS (ONLINE)*, v. 13, p. 1-24, 2017.

PETRY, A.R e MEYER, D.E.E. *Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa*. *Textos e contextos*. Porto Alegre, v.10, n.1, p.193-198, jan/jul.2011.

PINO, Nádía Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. *Cadernos Pagu*, v. 28, n. 5, p. 149-174, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn e Silva, Tomaz Tadeu da (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Editora Vozes, 2005.

_____. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 156 p.

SIMAKAWA, viviane vergueiro. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. 2015. 244 fs. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

VEIGA-NETO, Alfredo. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de império. In: In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 13-38.

XAVIER FILHA, Constantina. Gênero, sexualidade e diferença em livros para a infância. In: MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org.). *Educação para a sexualidade*. Rio Grande: Editora da FURG, 2014. p. 231-246. (Coleção Cadernos Pedagógicos da EAD, v.23).

WORTMANN, Maria Lúcia. Análises Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 71-90.

5.2 Corpos em trânsito: entre a experiência e o saber da Ciência.

Resumo

A decisão da Organização Mundial da Saúde (OMS) de retirar a transexualidade do rol de doenças mentais movimentou as mídias mundialmente, mesmo assim, a transexualidade continua na Classificação Internacional de Doenças (CID – 11) como incongruência de gênero, dentro da categoria de condições relativas à saúde sexual. Diante das discussões que foram feitas, temos como objetivo neste artigo analisar as narrativas sobre as vivências trans na série Liberdade de Gênero, que foi exibida no canal de televisão brasileiro por assinatura GNT. Focamos nossos olhares sobre os relatos que apontam para o discurso da saúde, para os procedimentos cirúrgicos e hormonais e também para as inadequações com o corpo que os sujeitos entrevistados na série relatam ter passado. Trazemos essa pesquisa a partir do campo teórico dos Estudos Culturais, na sua vertente pós-estruturalista de análise, destacando o efeito das mídias na produção dos corpos e das subjetividades. Para isso, operamos com as ferramentas da análise cultural. Entendemos que as mídias, ao propagarem saberes sobre as vivências trans, ensinam sobre as marcas inscritas nesses corpos, que ora são vistos como patológicos, ora são vistos como incongruentes. Nesse sentido, entendemos a série Liberdade de Gênero como um potente artefato cultural para a reflexão acerca das vivências trans, dos corpos e dos gêneros, uma vez que contém pedagogias culturais que ensinam significados sobre os sujeitos trans e sobre modos de ser e estar. O discurso da saúde é apontado como um saber legitimado que impõe padrões aos corpos trans através das normas de gênero vigentes. Mas, salientamos que existem muitas formas de se vivenciar as identidades de gênero, independentemente de intervenções cirúrgicas e hormonais, uma vez que não existem corpos livres de investimentos e expectativas sociais.

Palavras-chave: Transexualidade, incongruência de gênero, Estudos Culturais.

Introdução

Atualmente, os discursos sobre como a transexualidade vem sendo abordada pela medicina têm circulado com maior intensidade nas mídias, devido à decisão da Organização Mundial da Saúde (OMS) de retirar a transexualidade do rol de doenças mentais na nova versão³⁵ da Classificação Internacional de Doenças (CID-11). Porém, a transexualidade continua na CID como incongruência de gênero, dentro da categoria de condições relativas à saúde sexual.

De acordo com a autora e ativista trans, Jaqueline Gomes de Jesus:

³⁵ A nova versão da CID 11, está disponível no site <<https://icd.who.int/browse11/l-m/en#/http%3a%2f%2fid.who.int%2fcd%2fentity%2f577470983>> Acesso em: 01 julho de 2018.

Essa classificação parte de uma compreensão biologizante dos gêneros, que trata gênero como uma configuração puramente genética, senão meramente genital, confundindo-o com sexo biológico, de modo que qualquer expressão de gênero diferente da atribuída ao nascimento e esperada socialmente para pessoas com vagina ou com pênis é considerada anômala e classificada como um transtorno. (2013, p. 104)

A nova versão, lançada em 18 de junho de 2018, tem sido muito discutida mundialmente, mesmo antes de sua aprovação. Aparentemente, representa ser uma mudança favorável em alguns aspectos, uma vez que as disputas com relação à despatologização do gênero davam-se, principalmente, porque com a possível retirada do termo transexual do documento, essas pessoas perderiam o acesso à assistência pelo Sistema Único de Saúde (SUS), por exemplo, aqui no Brasil. Dessa maneira, a substituição do termo transtorno pelo termo incongruência, possibilita outra forma de mantê-las na classificação, que não as denomine como transtornadas mentais, mas como incongruentes, ainda passíveis de um diagnóstico. Os países têm até 2022 para assumir essa nova proposta de documento, determinada pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Diante dessas discussões, analisamos nesse artigo, as narrativas sobre vivências trans na série Liberdade de Gênero, exibida no canal de televisão brasileiro por assinatura GNT. Focamos nossos olhares sobre os relatos que apontam para o discurso da saúde, para os procedimentos cirúrgicos e hormonais e também para as inadequações com o corpo que os sujeitos entrevistados na série relatam ter passado.

Entendemos que os sujeitos são produzidos por diversas instâncias, assim como nos programas televisivos, nestes somos educados/as a agir de determinadas formas e a exibir determinados atributos de gênero, considerados de acordo com nosso sexo anatômico, por exemplo. E embora algumas dessas instâncias culturais, como a mídia, não tenham um currículo com objetivo planejado para ensinar determinado conteúdo, elas ensinam e produzem efeitos.

A seguir, traçamos alguns apontamentos sobre o referencial que embasa esse artigo, em sequência apresentamos o *corpus* de análise e a

metodologia de pesquisa e, por fim, empreendemos alguns olhares para as falas dos/as entrevistados/as na série Liberdade de Gênero acerca dos discursos que nos propomos a discutir.

Despatologização, mídias e corpos: alguns apontamentos

O novo documento da Classificação Internacional de Doenças traz precisas características para identificar a incongruência de gênero, na adolescência ou na fase adulta, como: um forte desagrado ou desconforto com o sexo primário ou secundário, um forte desejo de se livrar de algumas ou todas as características sexuais primárias e / ou secundárias, um forte desejo de ter as características sexuais primárias e / ou secundárias do sexo experimentado. E também enquanto crianças, como: forte desejo de ser do gênero diferente do sexo atribuído; brincadeiras de fantasia ou brinquedos, jogos e atividades além de companheiros de brincadeiras que são típicos do gênero experiente, e não do sexo atribuído (CID-11, 2018). Na adolescência e na fase adulta, o documento coloca que só o comportamento e as preferências de gênero não são base para atribuir o diagnóstico.

A autora Berenice Bento, tem voltado seus estudos para questões que envolvem a despatologização das identidades trans e coloca que:

A luta pela despatologização da transexualidade e a luta pela retirada do Código Internacional de Doenças de todas as classificações relacionadas ao gênero (travestilidades, fetichismos, transexualidade) é uma das pautas da contemporaneidade que unificam teóricas/os e ativistas em várias partes do mundo. (2009, p. 111)

Em torno disso, em reportagem ao site NLUCON³⁶, alguns militantes trans opinaram sobre essa decisão da OMS. Em entrevista a Neto Lucon, Viviane Vergueiro, pesquisadora, professora e transfeminista, afirma que:

A realocação, embora com seus limites, pode ser considerada positiva na medida em que ela significa uma mudança destas questões “para fora” das questões de saúde mental, “as condições relativas à saúde sexual”. Nesse sentido, é uma mudança que pode ter impactos despatologizantes significativos. [*grifos da entrevistada*] (VERGUEIRO *apud* LUCON, 2018)

³⁶ Disponível em <<http://www.nlucon.com/2018/06/oms-finalmente-anuncia-ter-retirado.html>> Acesso em 01 julho de 2018

Viviane Vergueiro afirma que as mudanças são positivas, tendo em vista que esse é um passo importante para que essas identidades deixem de ser vistas como doentes na sociedade e que outras medidas despatologizantes possam acontecer.

Para Jaqueline Gomes de Jesus, as mudanças evidenciam os resultados positivos da mobilização da campanha internacional *Stop Trans Pathologization*³⁷, que afetou a OMS para que começasse a pensar a despatologização. Porém, está longe daquilo que o grupo defende como ideal, uma vez que manter no CID, mantém o caráter patológico. Como ela declara:

A realocação mantém o caráter de patologia e não resolve a questão. Ela deveria estar focada nos procedimentos à saúde das pessoas trans, que não tem um CID específico, que não aborda a cirurgia de redesignação, por exemplo, ou a hormonoterapia. Neste sentido, a mudança é um avanço em termos de movimento, mas ainda é vista como patologia. Então a campanha pela despatologização continua. (JESUS *apud* LUCON, 2018)

A professora e militante travesti Sayonara Nogueira, do Instituto Brasileiro Trans de Educação, discute que a palavra incongruência ainda remete à patologia. Em entrevista a Lucon (2018), ela afirma: “Incongruência pode ser entendida como incoerência, inadequação e desarmonia, então para garantir o direito à identidade de gênero na saúde pública ainda é necessário tratar como uma patologia”.

Embora tenham pessoas que estejam comemorando essa decisão da OMS como uma grande conquista, alguns(as) militantes das causas trans a apontam como eufemismo (tentativa de suavizar a outra palavra, mas que mantém significado semelhante), porém elas percebem essa iniciativa como uma mudança positiva com relação ao movimento que vem sendo feito em torno das identidades trans. Este movimento vêm ganhando força, as discussões sobre a despatologização do gênero vem crescendo nas mídias, ainda mais depois do comunicado da OMS de retirar a transexualidade do rol de doenças mentais, indícios da força do movimento.

³⁷ A **campanha internacional *Stop Trans Pathologization*** é uma plataforma ativista internacional, criada com o objetivo de incentivar a realização de ações pela despatologização trans em diferentes partes do mundo. O site da campanha pode ser acessado através do link <<http://www.stp2012.info/old/pt>> acesso em 03 de agosto de 2018.

À vista disso, de acordo com Stuart Hall (1997), vivemos em um tempo caracterizado por uma verdadeira revolução cultural, propiciada pelas forças que assumem no cotidiano da sociedade contemporânea as distintas formas de comunicação e informação. No nosso tempo, destacamos que as mídias são potentes artefatos culturais, onde circulam pedagogias culturais que nos ensinam modos de ser e estar no mundo, logo, as mídias, atuam na constituição dos sujeitos e na produção de verdades sobre eles.

Entendemos que os discursos veiculados pela mídia acionam efeitos de verdade. Dessa forma, a “mídia não apenas veicula, mas também constrói discursos e produz significados, identidades e sujeitos” (FISCHER, 2001, p. 588). Ainda que os discursos da área da saúde se aproximem do saber científico, e por isso, sejam considerados produtores legítimos de verdades, o discurso midiático, representa uma expressão cultural do nosso tempo muito significativa na produção dos significados, identidades e sujeitos, como expõe a autora.

A autora Guacira Louro, referência nos Estudos de Gênero, coloca que:

É indispensável admitir, ainda, que o sujeito não é um mero receptor de pedagogias exteriores a ele, mas sim que ele participa, ativamente, deste empreendimento. Os discursos produzidos e veiculados pelos institutos oficiais de saúde, pelas revistas e jornais, pelo cinema, pela Internet ou pela moda certamente têm efeitos sobre seus corpos e mentes, mas seus efeitos não são previsíveis, irresistíveis ou implacáveis. Os sujeitos não somente respondem, resistem e reagem, como também intervêm em seus próprios corpos para inscrever-lhes, decididamente, suas próprias marcas e códigos identitários e, por vezes, para escapar ou confundir normas estabelecidas. (2003, p. 05)

Nesse sentido, entendemos que os corpos, são produções socioculturais que conquistam sentido e são construídos através desses discursos citados pela autora. Por isso, manter a existência de categorias binárias de gênero pautadas em um determinismo biológico do corpo, não faz sentido, visto que os corpos são construções que podem ser reconfiguradas.

A autora transgênera e também entrevistada na série Liberdade de Gênero, Letícia Lanz afirma que:

O corpo não existe a priori. Ao contrário, ele vai se formando, surgindo com o tempo, com o resultado do ajustamento do

organismo biológico aos modelos socioculturais de corpos masculinos e corpos femininos, estabelecidos pela sociedade de uma determinada época e lugar. (2015, p. 136)

Ou seja, os corpos são fabricados de acordo com as expectativas sociais criadas em um determinado lugar e em uma determinada época. Hoje na nossa sociedade os corpos são planejados dentro da lógica binária dos gêneros, feminino e masculino, aqueles que rompem com esse padrão tornam-se abjetos.

Para tanto, trazemos essa pesquisa a partir do campo teórico dos Estudos Culturais, na sua vertente pós-estruturalista de análise, destacando o efeito das mídias na produção dos corpos e das subjetividades, entendendo que estas ao propagar saberes sobre as vivências trans ensinam sobre as marcas inscritas nesses corpos, que ora são vistos como patológicos, ora são vistos como incongruentes. Nesse sentido, entendemos a série Liberdade de Gênero como um potente artefato cultural para a reflexão acerca das vivências trans, dos corpos e dos gêneros, uma vez que contém pedagogias culturais que ensinam significados sobre os sujeitos trans.

Conforme destacam Soares e Meyer:

O conceito de pedagogias culturais remete, exatamente, para o reconhecimento e problematização da importância educacional e cultural da imagem, das novas tecnologias da informação, enfim, da relação entre educação e cultura da mídia nos processos de organização das relações sociais e na produção das identidades. (2003, p. 139)

Diante disso, entendemos que a educação transcende os muros escolares, é notório que aprendemos em diferentes espaços, de diversas formas. Família, religião, escola e mídias, destacando aqui a televisiva, são alguns exemplos de instituições e instâncias sociais que atuam com suas pedagogias culturais através de diferentes ferramentas, produzindo modos de ser e estar no mundo.

Liberdade de Gênero: apresentando o *corpus* de análise e operando com ferramentas da análise cultural

O *corpus* de análise dessa pesquisa é a série Liberdade de Gênero, dirigida e produzida pelo cineasta João Jardim, veiculada pela rede de TV

fechada GNT e também na internet, disponível na GNT Play³⁸. No presente trabalho, analisamos as falas dos/as entrevistados/as que apresentam elementos que remetem ao discurso da saúde, à inadequação com o corpo e às questões que envolvem os procedimentos cirúrgicos aos quais os/as entrevistados/as na série se submeteram.

A primeira temporada da série Liberdade de Gênero estreou no dia 19 de outubro de 2016 e foi ao ar semanalmente nas quartas-feiras, até 21 de dezembro de 2016. A série mostra, em 10 episódios com aproximadamente vinte e dois minutos de duração cada, as experiências de quem assume um gênero considerado discordante do seu sexo anatômico.

Para a realização das análises, os 10 episódios da primeira temporada da série foram transcritos, analisados e organizados em eixos temáticos, de acordo com suas semelhanças. Neste artigo, analisamos os eixos relacionados aos discursos da saúde, à inadequação com o corpo e aos procedimentos hormonais e cirúrgicos.

Para isso, operamos com ferramentas da análise cultural, porque entendemos que a análise cultural entende que a televisão, assim como as mídias digitais, corresponde a um dos domínios na contemporaneidade através dos quais a cultura circula e é produzida (ROCHA, 2011). Dessa forma, compreendemos que os programas televisivos, como a série Liberdade de Gênero, constituem potentes artefatos culturais a serem analisados, visto que possuem uma dimensão cultural, produzindo significados sobre os temas que abordam e sobre os sujeitos que apresentam.

As análises culturais, de acordo com Wortmann (2007), visibilizam relações e aspectos que geralmente não são considerados em análises tradicionais, tais como aquilo que acontece no cotidiano das pessoas e que produz efeitos em suas vidas. Trata-se de analisar práticas culturais considerando-as produzidas e imersas em relações de poder, constituindo formas interessadas de lidar com tais práticas.

³⁸ Os episódios da série Liberdade de Gênero estão disponíveis no site: <https://globosatplay.globo.com/gnt/v/5408040/> acesso em 10 de julho de 2018.

Analisamos a série Liberdade de Gênero, que constituiu o *corpus* desta pesquisa, buscando ressaltar o modo como as narrativas apresentadas na série “se constroem discursivamente na cultura, produzindo significados que atuam no estabelecimento de subjetividades e de configurações sociais” (WORTMANN, 2007, p. 78). Entendemos que ao falar sobre a diversidade de gênero, a série atua, também, como “produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e produzir sujeitos, assumindo nesse sentido uma função nitidamente pedagógica” (FISCHER, 1997, p. 61).

Eu sou uma mulher doente, eu não sou feliz, eu me sinto mulher: olhares para o discurso da saúde que atravessa as narrativas

Erick é um homem transexual, nasceu num corpo feminino, mas sempre se entendeu como homem. Ele conta que o início de sua transição foi muito difícil, porque nunca tinha escutado falar em transexualidade, mas a partir do momento que descobriu essa condição, fez de tudo pra iniciar o processo de transição. Erick começou a transição em 1999. Ele diz:

Eu precisava saber como isso era feito aqui no Brasil, alguns endócrinos fecharam a porta na minha cara, nunca vou dar hormônios pra você. Você só vai tomar hormônio se no exame que eu mandar você fazer seu cromossomo der XY, se não esquece. (Erick)

Fora todas as angústias que atravessavam a identidade de Erick durante esse período, ele conta que foi muito maltratado pelos médicos endocrinologistas que procurou na época para iniciar a dosagem de testosterona e que isso atrasou consideravelmente sua transição, já que a negação por parte dos médicos era muito grande.

Na sua fala percebemos uma visão cultural hegemônica com relação à cientificidade do corpo, como se o gênero estivesse intimamente ligado a uma parte do corpo, como no cromossomo. De acordo com as autoras Berenice Bento e Larissa Pelúcio, a ciência não tem como determinar o gênero porque “não existem testes clinicamente apropriados e repetíveis ou testes simples e sem ambiguidades. O que assusta é perceber que tão pouco conhecimento, credenciado como científico tenha gerado tanto poder”. (2012, p. 573) Sendo assim, o saber médico é um saber legitimado como “verdadeiro”, embora esse discurso de que somos o que nossos cromossomos determinam seja pautado

no determinismo biológico construído culturalmente. Michael Foucault coloca que:

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (2004, p. 10)

Neste contexto, em nossa cultura, alguns saberes detêm *status* de mais legítimos do que outros e o saber da ciência, especialmente o da ciência médica, tem supremacia sobre os demais. Esse saber legitima quem são os "normais" e quem são os "anormais", visto como patológicos, passíveis de um diagnóstico para a obtenção de uma cura, ou de um enquadramento às normas estabelecidas. Sendo assim, através de enunciados proferidos pelas vozes autorizadas da ciência médica, "verdades" vão sendo produzidas sobre os sujeitos trans.

Foucault entende a verdade como "um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados" (2004, p. 11). Muitas vezes nem nos questionamos que essas "verdades" são construídas neste mundo, em uma determinada cultura, época e lugar e por uma pequena parcela de pessoas que detém um saber considerado mais legítimo do que outros. Logo, os enunciados são reiterados, naturalizados e não mais questionamos o caráter construído do saber científico, médico, entre outros.

Dani, uma das mulheres transexuais entrevistadas na série, conta que aos 19 anos procurou por uma psicóloga para apresentar suas angústias, relacionadas ao seu desejo de passar pela hormonoterapia e pela cirurgia de redesignação sexual, e sua incapacidade de contar isso a sua mãe e a sua madrinha. Dani conta sobre a estratégia utilizada para contar a elas sobre o processo de transição de gênero. Ela diz:

Eu sou contra a questão da patologização da questão trans, mas para a minha mãe e para a minha madrinha eu precisei usar para convencê-las a continuarem me amando, através da patologização, então eu reuni uns laudos. E disse: eu estou fazendo isso, não é porque eu quero, não, é porque eu sou obrigada, eu sou uma mulher doente, eu não sou feliz, eu me sinto mulher, eu vou fazer a cirurgia. (Dani)

Dani se apropria do discurso médico para se explicar, para trazer uma justificativa para a família, através desse saber que é legitimado. Busca *laudos* médicos como forma de legitimar os seus argumentos e o seu desejo de fazer a transição. Em entrevista a Fischer (2004), Veiga-Neto nos provoca a pensar nessa questão, apontando que “coisas podem ser ditas, mas não são escutadas quando ditas fora de uma ordem. Ou tu te colocas na ordem, ou tu não és escutado” (2004, p.16). Nesse sentido, por mais que Dani fosse contra a questão da patologização, ela se utiliza desse argumento mais próximo do saber médico para entrar para uma ordem discursiva mais reconhecida do que outras, na tentativa de ser escutada e entendida. A estratégia de Dani foi falha, pois mesmo assim, foi expulsa de casa e excluída do convívio familiar por um bom tempo.

Dani conta que estudou bastante sobre as técnicas com que a cirurgia é feita e buscou muitas referências para escolher o cirurgião:

Eu fiz a transgenitalização, que é modificar o funcionamento e a estrutura dos órgãos genitais, no meu caso, passando de uma estrutura masculina pra uma feminina. Então eu cheguei ao Dr. Marcio, que era a técnica que esteticamente tinha um resultado muito bom e também funcionalmente. (Dani)

O Dr. Márcio, médico cirurgião de Dani, também é entrevistado no episódio e faz uma fala rápida sobre o procedimento.

O que a gente faz é semelhante a reverter o que a embriologia transformou da vulva numa genitália masculina porque são modelos, as genitálias quando são formadas elas são muito parecidas com uma vulva e depois ela evolui para um pênis, então a gente transforma a pele do pênis em pequenos lábios, reformamos a glândula em clitóris mantendo toda inervação dela para manter a sensibilidade. (Dr. Márcio – Cirurgião)

O cirurgião de Dani é apresentado como uma voz autorizada a falar sobre a cirurgia de transgenitalização, visto que ele é um especialista no assunto, o vocabulário do médico conta com jargões científicos, o que garante

legitimidade ao que está sendo dito, porém, percebemos na fala do médico que “a linguagem vacila”, como nos dizem autores pós-estruturalistas como Derrida (1991) e Silva (2000). Quando o cirurgião se refere ao pênis como a evolução de uma vulva, ele aponta para uma inferioridade da vulva em relação ao pênis, já que a sentença evoluir traz consigo a ideia de melhoria, por isso destacamos que “os termos empregados para explicar a fisiologia reprodutiva masculina e feminina não são neutros e carregam, precisamente, as representações que circulam na cultura a partir do binarismo macho/fêmea – homem/mulher”. (SANTOS, 2007, p. 88) Sendo assim, a fala do médico contribui para disseminar representações machistas que colocam os homens como superiores às mulheres, por mais que não seja a sua intenção explícita, mas a *linguagem vacila*.

Amanda, que se identifica como mulher transexual, conta sobre uma comunidade³⁹ do Orkut da qual ela participava, chamada Disforia de Gênero. Através dessa comunidade, ela conheceu meninas que fizeram a cirurgia de redesignação sexual e buscou referências sobre onde fazer a cirurgia. Ela diz:

As meninas mandavam fotos de como tinha ficado a operação pra gente se sentir segura de fazer também e parece que a minha disforia ficou mais forte quando eu descobri que tinha como resolver, eu sempre tive na minha cabeça que eu ia fazer com o melhor médico. E aí eu fiquei sabendo que na Tailândia tinha os melhores do mundo, porque lá eles fazem esse tipo de cirurgia a todo o momento. (Amanda)

O nome da comunidade – Disforia de Gênero – evidencia como os discursos científicos que circulam através do saber médico capturam esses sujeitos. Ao nomear e descrever o “problema”, produz-se significados sobre ele e, conseqüentemente, modos de pensar e olhar para esse corpo “disfórico”. Amanda relata que a sua disforia ficou mais forte quando descobriu que tinha como resolver, ou seja, para resolver esse “problema”, ela ia em busca da “cura”, que seria o enquadramento do seu genital ao gênero com o qual ela se identifica. De acordo com Seffner e Reidel, o saber médico considera a experiência transexual como uma doença:

[...] utilizando-se de termos como disforia de gênero, neurodiscordância de gênero, síndrome de transtorno de gênero

³⁹ O Orkut é um site de rede social que era o mais utilizado no Brasil, até 2012, quando foi superado pelo Facebook em número de usuários(as). As comunidades no Orkut eram espaços compartilhados pelas pessoas que se identificavam com o título e com o propósito das comunidades.

e, o mais conhecido, transexualismo. Em todos os termos, a transexualidade é colocada no rol de doenças mentais. Uma vez caracterizada como doente, a pessoa pode então ter o direito a cirurgia, que vai lhe “curar”, alinhando corpo, gênero e sexo. (2015, p. 454)

Em busca desse alinhamento entre corpo, gênero e sexo é que Amanda foi atrás da cirurgia de redesignação sexual.

Conforme já discutimos nesse artigo, o CID-11 utiliza o termo incongruência de gênero, na tentativa de minimizar os efeitos que produziam as palavras disforia, transtorno e síndrome. Disforia de gênero é um termo usado dentro do discurso médico, que inclui as pessoas transexuais como transtornadas mentais, então, doentes. Amanda se apropria desse termo para justificar sua necessidade de transição através da cirurgia.

Isso nos põe a pensar no quanto somos sujeitos interpelados pelos discursos, como coloca Rosa Fischer, “há uma força nas práticas institucionais e há igualmente uma força considerável nas construções discursivas correspondentes” (2012, p.109). Mesmo o discurso da medicina, que é tão criticado por militantes que lutam pela causa trans, ganha força, porque é um saber de uma área legitimada – a ciência médica – que interpela os sujeitos, produzindo verdades sobre seus corpos, seus gêneros e suas sexualidades.

Era muito estranho eu me olhar no espelho e não me reconhecer: olhares para a inadequação corporal e para os processos cirúrgicos e hormonais

A sensação de não se reconhecer no próprio corpo faz parte das falas da maioria dos/as entrevistados/as na série Liberdade de Gênero. Amanda, mulher transexual, conta que desde criança não se reconhecia ao se olhar no espelho, já que se entendia como uma menina e o seu corpo se afastava do imaginário que ela tinha de si. Ela diz:

Era muito estranho eu me olhar no espelho e não me reconhecer, então quando as pessoas me perguntavam quando eu era criança o que você quer ser quando crescer, eu respondia: eu quero ser uma mulher como a minha mãe e como a minha irmã. (Amanda)

Carol se identifica como uma mulher trans e sua fala vai ao encontro da de Amanda. Ela diz:

Nunca me comportei como homem, mas, eu também não assumia a mulher que eu era. Eu era aquela coisa andrógina e fui assim durante anos, até dizer: chega! Até quando eu vou ser uma mentira pra agradar os outros? Eu me sentia, sabe quando você veste uma roupa do lado avesso? Os pés de sapatos trocados? Não tinha um encaixe certo. Essa sensação é a que eu consigo descrever, a sensação que eu tive por muitos anos com meu corpo, comigo mesma. (Carol)

Ambas não se reconheciam no corpo masculino, mas foram educadas e engendradas para assumirem essa expectativa social que foi identificada mesmo antes delas se reconhecerem como sujeitos no mundo. Sendo assim, percebemos que os dizeres sobre os corpos se processam “de forma tão sutil que nem mesmo percebemos o quanto somos capturadas/os e produzidas/os pelo que lá se diz” (GOELLNER, 2013, p. 31). A autora Fernanda Leite faz uma discussão sobre os corpos trans e coloca que:

São esses corpos, os que dispensam a incidência linear, que adquirem a denominação do “trans”, aqueles que extravasam o trinômio sexo-gênero-desejo, que residem no “entre-lugar” das definições binárias, que existem no trânsito, na fabricação, e que transgridem a “ordem natural” das coisas. [*grifos da autora*] (2016, p. 157)

Esses corpos rompem com as expectativas criadas culturalmente para eles e quebram com a relação única e “imutável” entre corpo e gênero, experenciam a feminilidade ou a masculinidade para além dos marcadores biológicos, evidenciando que o gênero não é determinado pela anatomia e sim uma inscrição cultural.

Erick é o único homem transexual na série que fez a cirurgia de mastectomia, além disso, faz tratamento hormonal contínuo com testosterona. Ele conta que percebeu que estava fadado a viver como menina quando veio à primeira menstruação, ocasião em que se trancou no banheiro e pensou em se matar. Ele diz:

Foi a minha sentença de morte! Todas as minhas esperanças acabaram ali e a minha mãe batendo na porta e dizendo: ai, que legal, você virou mocinha! E eu querendo cortar os pulsos. Eu tinha a convicção de que nasci errado! Mas que teria que viver no corpo errado, até eu aguentar. Se eu não descobrisse que eu era transexual, eu teria me matado. (Erick)

A autora Berenice Bento traz essa questão sobre o sofrimento dos homens transexuais quando coloca que para eles, “a menstruação e os seios anunciam o fim dos sonhos, da liberdade e a impossibilidade de se tornarem homens e, por outro lado, a separação definitiva dos mundos dos gêneros a partir dessas diferenças”. (2009, p. 100)

Erick e Sillvio, ambos transexuais masculinos, acreditavam que quando chegassem à puberdade eles passariam a desenvolver características masculinas, mas, com a chegada dela junto veio a menstruação e o desenvolvimento dos seios, por exemplo, marcadores do gênero feminino muito fortes, terminando assim com o sonho, como coloca a autora. A partir de então, os conflitos com a identidade de gênero passaram a ser ainda maiores e o corpo passou a se distanciar, cada vez mais, da imagem que eles queriam e tinham de si.

A história de Sillvio difere um pouco da de Erick, porque Sillvio não se submeteu à cirurgia de mastectomia por medo, conforme ele conta:

Nós temos vários amigos que fizeram a mastectomia e não foram bem-sucedidos, ficaram com seus corpos danificados e feios, alguns perderam o movimento do braço. (Sillvio)

Por conta disso, Sillvio utiliza outras estratégias para que os seios, que são marcadores femininos muito fortes, não sejam percebidos, como faixas e cintas que diminuem o volume na região do peito.

Bento destaca que:

Entre os transexuais masculinos, a mastectomia é a cirurgia que lhes dará o que os transexuais conseguirão com a construção da vagina, ou seja, a liberdade. É o desejo de serem reconhecidos/as socialmente como membros do gênero identificado que os/as leva a realizar os ajustes corporais. Enquanto não realizam o corte na carne, físico, o corte simbólico, através de técnicas para dissimular os signos que “os denunciam” como membros do gênero rejeitado, é efetivado. A utilização de faixas que apertam os seios, técnicas para esconder o pênis, camisetas com gola alta para não mostrar o pomo de adão, perucas, maquiagens para disfarçar os sinais de barba são algumas das técnicas utilizadas na busca de uma coerência entre as performances de gênero e o corpo apropriado para desenvolvê-las. (2009, p. 100)

Questionamo-nos quanto à idealização de uma liberdade a ser buscada pelas pessoas transexuais através dos procedimentos listados pela autora, uma vez que esses procedimentos os quais se submetem, não são garantia de liberdade, mas, sim de um enquadramento nas normativas de gênero vigentes. Conseqüentemente, o desejo de serem reconhecidos/as socialmente como membros do gênero com o qual se identificam faz com que busquem um enquadramento porque existem padrões para cada um dos gêneros, a partir da lógica binária. A ideia de liberdade consistiria, nesse caso, na possibilidade de produção de outras anatomias e marcas corporais distintas daquelas que lhes foram designadas inicialmente.

Amanda conta que sempre sentiu aversão ao órgão genital de nascimento e diz:

Muitas vezes eu fazia xixi uma vez por dia só, pra evitar ir ao banheiro e tocar no pênis. Por vezes eu pensava em ir até a cozinha e cortar ele, porque era como se eu tivesse um intruso no meu corpo. (Amanda)

Berenice Bento faz essa discussão sobre a aversão ao órgão genital que atravessa essas identidades:

São múltiplas as respostas e os caminhos encontrados pelas pessoas transexuais para conviver com partes dos seus corpos responsáveis por lhes retirar a possibilidade de serem reconhecidos como membros do gênero com o qual se identificam. (2009, p. 101)

A estratégia que Amanda utilizava era evitar tocar no pênis para tentar esquecer que ele existia, a abjeção que sentia era tanta que pensava em cortá-lo fora visto que ele era um intruso no seu corpo. Dani compartilha do sentimento de Amanda com relação à aversão ao órgão genital e conta o quão satisfatório foi quando descobriu a possibilidade de fazer a cirurgia de redesignação sexual. Ela diz:

Descobrir que havia a possibilidade de passar por uma adequação sexual muito nova, te dá um horizonte, uma vez que é muito angustiante você viver com um pênis, porque você não reconhece aquele órgão e muitas vezes você esquece que tem aquilo, mas saber que existe possibilidade de interromper, de modificar a sua conformação genital, é muito alentador. (Dani)

Bento (2009) afirma que as expressões “aquela coisa” e “aquilo” são exemplos comuns entre as transexuais femininas para nomear o pênis, visto

que essa palavra contamina suas identidades. A autora sugere que pênis pode ser classificado como uma palavra que contagia e, ao ser pronunciada, desencadeia um conjunto de posições identitárias para quem emite e para quem escuta. Amanda demora a pronunciar a palavra pênis, evidenciando o desconforto que ela sente em proferir essa palavra, assim como Dani, que se refere ao pênis como “aquele órgão” e “aquilo”, também evidenciando sua aversão ao órgão, até mesmo em pronunciá-lo.

Para além do reconhecimento social, na fala das entrevistadas a sensação de pertencimento ao gênero com o qual se identificam através de mudanças cirúrgicas e hormonais representa ser um marco em suas vidas, como se finalmente elas alcançassem a “normalidade” que é exigida pelos padrões impostos, que é ser heterossexual e cisonormativo.

Amanda desabafa:

Queria deixar claro que ninguém precisa fazer a cirurgia pra se sentir mais mulher ou pra ser mulher. Queria eu que eu tivesse essa sorte de não precisar fazer... Eu teria me matado se eu não tivesse feito à cirurgia de redesignação sexual, eu preferia morrer a continuar daquele jeito. Eu me olhava e olhava pra baixo e eu tinha nojo, tentava esconder, como é que vou fazer sexo com uma pessoa tendo aquilo ali?! (Amanda)

Ou seja, o genital não determina o gênero, podemos reconhecer uma pessoa como sendo do gênero feminino mesmo que ela não tenha uma vulva, por exemplo. Tendo em vista a pluralidade das experiências trans, salientamos que nem todas as pessoas que se identificam como transexuais precisam fazer cirurgias, fazer dosagem hormonal ou qualquer outro tipo de intervenção, porque essa experiência está além daquilo que a ciência coloca como “normal”, como a forma esperada de se viver os gêneros em conformidade com a genitália.

Além disso, submeter-se a cirurgias nem sempre é um processo fácil, uma das dificuldades enfrentadas pelas pessoas que esperam pelo Sistema Único de Saúde (SUS) é o tempo que demora. Desde 2008, o SUS faz esse tipo de cirurgia e têm pessoas na fila de espera pela cirurgia desde esse ano, ou seja, em torno de 10 anos esperando, por isso, muitos/as fazem sacrifícios para fazer em clínicas particulares, como é o caso de Dani e Amanda.

Para realizar a cirurgia de redesignação sexual, Dani precisou fazer um empréstimo de 40 mil reais, que ela paga com a ajuda de amigos/as e de alunos/as. Amanda trabalhou como operadora de *telemarketing* por alguns anos, esse era o único emprego que davam para uma pessoa trans em sua cidade. Ela ganhava 750 reais por mês e juntou todo seu salário durante esse período para poder ir para Tailândia fazer a cirurgia de redesignação.

Wallace é uma mulher trans não binária e expressa sua identidade feminina. Quando questionada sobre quais modificações no corpo que ela fez, responde:

Não fiz modificação alguma. Não tomei hormônios, não fiz nenhuma cirurgia. Eu já vinha pensando em tomar hormônios, porque ai diminuiria os pelos que é uma questão que eu não gosto, mas ai envolveria outra questão que diminuiria a minha libido. E a minha libido é uma coisa que neste momento eu não quero interferir. Porque a minha libido é algo que me move, é o meu desejo. Mas eu só vou fazer quando eu achar que é a hora de fazer, quando isso for necessário pra mim. (Wallace)

Em torno dessas falas, salientamos que a experiência trans é múltipla, é plural, e que nem todas as pessoas trans visam como solução para os seus conflitos de identidade de gênero a realização da cirurgia de redesignação. “Ao deslocar a identidade de gênero do corpo-sexuado, os/as transexuais abrem caminho para nos libertar, do cárcere do corpo”. (BENTO, 2003, p. 15)

Márcia, uma das entrevistadas na série, se identifica como uma travesti lésbica. Ela conta que nunca sentiu aversão ao pênis, pelo contrário:

Eu nunca tive problema com o meu pênis, nunca tive uma rejeição, pelo contrário, eu me dava muito bem com ele como me dou até hoje. Quando eu coloquei a prótese mamária, já tinha começado com hormônio, mas quando eu coloquei a prótese e me olhei no espelho, eu pensei: Meu Deus! Sou eu! É isso! Agora sim! (Márcia)

Aos 13 anos de idade, ela conta que encontrou com uma travesti na rua e começou a indagar sobre a hormonização que a mesma fazia, a partir disso começou a tomar hormônios femininos e as mudanças no corpo foram aparecendo. O pai de Márcia, preocupado com as mudanças que visivelmente observava no filho, levou-o ao médico e ele teve que confessar sobre a prática

que estava fazendo. Então, o médico explicou que Marcos⁴⁰ ficaria estéril se continuasse a fazer uso dos hormônios e esse foi o argumento que o convenceu a atrasar a transição, visto que a vontade de ter filhos/as era maior. Como apontam Seffner e Reidel:

Um dos artifícios essenciais na vida de uma travesti é iniciar o uso de hormônios. Com a hormonoterapia, as mudanças corporais se mostram mais visíveis e mais definitivas: os seios se desenvolvem, a silhueta se arredonda, a voz se afina e a quantidade de pelos, especialmente os da barba, do peito e das pernas, experimenta redução. A ingestão de tratamento hormonal parece ser a própria decisão de incorporar e dar publicidade à identidade travesti. (2015 p. 152)

Márcia relata a felicidade que sentia ao ver os resultados da hormonização, mas principalmente em ver seus seios crescendo. Durante muitos anos, Márcia começava com a hormonização por uns seis meses, porque se sentia realizada com as mudanças que percebia em seu corpo, fazia a montagem e saía, mas logo parava pelo medo que sentia de ficar estéril, só depois do nascimento da sua filha que Márcia se sentiu segura a fazer a hormonização.

Mônica Ângonese e Mara Lago dedicaram-se a uma pesquisa sobre os direitos e a saúde reprodutiva para a população de travestis e transexuais. Elas colocam que a esterilidade:

[...] pode se dar não apenas em função do processo transexualizador, que pode levar à impossibilidade de reprodução biológica – tanto em função da hormonoterapia quanto da retirada de órgãos reprodutivos – mas principalmente do que propomos chamar de “esterilidade simbólica”. Essa remete à impossibilidade da escolha pela reprodução e de exercer a parentalidade, seja essa biológica, por processo de adoção ou na função de cuidado, interdito, associado ao lugar de abjeção a que são submetidos os corpos trans – que, conforme Butler (2000; 2006) por meio da cultura, da linguagem (e, podemos incluir, das políticas públicas) são colocados em uma matriz de ininteligibilidade e relegados a habitar zonas inabitáveis da vida social, não possuindo o *status* de sujeito, tampouco de humano [grifos das autoras] (2017, p. 262).

Essa esterilidade simbólica está plenamente em vigor na nossa sociedade, uma vez que se torna impensável o caso de Márcia, um pai, ou melhor, como a própria se denomina, uma mãe, com seios que se traveste de

⁴⁰ Marcos é o nome masculino de Márcia.

mulher. Essas novas configurações familiares estão reconstruindo as posições dos gêneros, colocando em xeque a ideia da existência de categorias binárias, fixas e imutáveis.

Glamour, uma das mulheres trans entrevistadas na série, conta que desde pequena já expressava uma identidade feminina e sempre foi muito vaidosa. Ela conta que até então não tinha nenhuma intervenção cirúrgica e que começou o processo hormonal com mais de 20 anos. João Jardim, diretor da série, questiona a entrevistada:

E a coisa da cirurgia? Você tem vontade de fazer? (João)

E Glamour responde:

Eu vou fazer em Janeiro, estou aí há alguns anos em torno disso, fiz um tratamento particular. Mas, eu já aprendi que ser mulher não tem nada a ver com isso. Já vivi a situação, já sei que ser mulher não tem nada a ver com fazer uma operação ou não. Ser uma mulher não tem nada a ver com ser cis ou não, com ser trans ou não. (Glamour)

Ou seja, os corpos estão se reconfigurando, a genitália não dá conta de definir o corpo como masculino ou feminino, genitália não define gênero. Glamour é uma mulher com pênis, tensionando os padrões de binarismos existentes. Em entrevista a Felipe Fernandes, Luma de Andrade afirma que é importante afrontar as normas e dar voz também aos corpos que produzem um enfrentamento a esse modelo:

É dizer, “eu posso ser uma trans que não atende a esse padrão de trans que está sendo dado”. Eu sou uma travesti que também não atende a esse padrão e que pode embaralhar tudo, por isso, assim, os conceitos, nenhum deles dá conta. A nossa realidade é muito mais complexa. E nós precisamos sair disso, ver as pessoas como possibilidades diversas e aceitar o que elas dizem sobre si [grifos da autora] (2018, p. 65).

Em torno disso, refletimos que fora temer essencializar ou definir alguma identidade, o importante é ouvir o que as pessoas têm a dizer sobre si mesmas, assim como é mostrado na série Liberdade de Gênero. Existem possibilidades diversas dentro das vivências trans, que tensionam os limites entre o feminino e o masculino, embaralham as fronteiras de gênero

demarcadas socialmente, contribuindo para que fissuras sejam expostas nesse sistema⁴¹ que reduz as vivências ao binômio de gênero.

Algumas Considerações

No contexto das discussões tecidas nesse artigo, com relação à decisão da OMS de retirar a transexualidade do rol de doenças mentais na nova versão do CID-11, refletimos sobre o caráter provisório da ciência, salientando que nenhuma sentença é eterna, além disso, as sentenças da ciência são diretamente vinculadas a cultura, época e lugar em que foram produzidas, por quem e com que propósitos foram demarcadas. Um exemplo disso é o caso dos homossexuais, que durante tantos anos foram considerados transtornados mentais, por viverem suas sexualidades de forma diferente do que era esperado socialmente e hoje, depois de muita luta, e também pela falta de comprovação dos cientistas acerca dessa “verdade” instituída, a homossexualidade já não é mais classificada como doença, agora o mesmo parece se repetir com a transexualidade.

Um pequeno passo foi dado pela OMS, com a iniciativa de tirar a transexualidade do rol de doenças mentais. Apoiadas em Rosa Fischer, salientamos:

Toda ciência é provisória, já que a cada momento, como num caleidoscópio, colocam-se para os grupos humanos e as sociedades alguns pontos críticos, algumas questões, que não vivem eternamente iguais a si mesmas, essencialmente as mesmas. (2012, p. 109)

Na fala dos/as entrevistados/as percebemos o quanto esteve presente o discurso da saúde, principalmente o saber médico, que institui verdade sobre esses sujeitos, atuando diretamente na produção de suas subjetividades. Um exemplo é o de Dani, que mesmo indo contra a questão da patologização da transexualidade, nomeia-se como uma mulher doente para ser entendida por seus familiares, evidenciando que esses discursos produzem efeitos. A inadequação corporal também esteve presente na maioria das falas, tendo em

⁴¹ A ativista e pesquisadora trans Viviane Vergueiro (2015) utiliza a palavra sistema como uma corruptela de “sistema”, com a intenção de denunciar a existência de cissexismo e transfobia no sistema social e institucional dominante.

vista que as experiências aqui analisadas extravasam com a coerência entre corpo-gênero-sexualidade.

O discurso da saúde é um saber legitimado, que impõe padrões para esses corpos através das normas de gênero vigentes atualmente. O CID 11 é um exemplo de manual “legítimo” que impõe padrões através das “verdades” construídas sobre os sexos e os gêneros e, portanto, classifica os sujeitos trans como incongruentes. Esse expõe alternativas de tratamentos hormonais e processos cirúrgicos para que essas pessoas consigam se enquadrar as normas. Porém, salientamos que existem muitas formas de se vivenciar as identidades de gênero, independentemente de intervenções cirúrgicas e hormonais.

Berenice Bento (2003) nos provoca a pensar na constituição dos nossos corpos, quando faz o questionamento: “Você já fez alguma cirurgia?” A autora coloca que esta é uma das primeiras perguntas que escutamos quando vamos a uma consulta médica, mas que essa não tem sentido, já que todos nós nascemos cirurgiados, porque não existem corpos livres de investimentos e expectativas sociais.

REFERÊNCIAS

ANGONESE, Mônica; LAGO, Mara Coelho de Souza. Direitos e saúde reprodutiva para a população de travestis e transexuais: abjeção e esterilidade simbólica. *Saúde e Sociedade*, v. 26, 2017. p. 256-270.

BENTO, Berenice. “Transexuais, corpos e próteses”. *Labrys: Estudos Feministas*, n. 4, ago./dez. 2003. p. 1-19.

_____. A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. *Bagoas*, n. 04, 2009. p. 95-112 Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v03n04art05_bento.pdf> Acesso em: 18 de junho de 2018.

_____. PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Revista Estudos Feministas*. vol.20 no.2 Florianópolis, maio-agosto/2012.

DERRIDA, Jacques. Limited Inc. Campinas: Papyrus, 1991.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins; DE SANTANA TORRES, Igor Leonardo. A vida como potência. *Rebeh-Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 1, n. 01, 2018. p. 59-80.

FISHER, Rosa. Maria. Bueno. (1997, julho/dezembro). O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. *Educação & Realidade*, 2, 1997. p. 59-79.

_____. "Mídia e Educação da mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV". *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, 2001. p. 586-599.

_____, Rosa. Maria. Bueno, Veiga-Neto Alfredo. Foucault, um diálogo. *Educação & Realidade*, v. 29, n. 1, jan./jun., 2004. p. 7-25.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault revoluciona a pesquisa em educação? In: _____. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 99-112.

FOUCAULT, Michel. Verdade e Poder. In: _____. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2004. p.1-14.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul./dez., 1997. p. 15-46.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *(In)Visibilidade Trans 2*. História Agora, v.16, n. 2, 2013. p.101-123.

LANZ, Letícia. *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*. Uma Introdução aos Estudos Transgêneros. Transgente: Curitiba, 2015.

LEITE, Fernanda Capibaribe. Corpos em cena e trânsito: sujeitos em devir na filmografia de Cláudia Priscilla. In: COLLING, Leandro (Org.). *Dissidências sexuais e de gênero*. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 153-175.

LOURO, Guacira Lopes. Corpos que escapam. *Labrys*. n. 4. 2003. p. 1-11.

LUCON, Neto. NLUCON. *OMS (finalmente!) anuncia ter retirado identidades trans de lista de transtornos mentais*. Disponível em: <<http://www.nlucon.com/2018/06/oms-finalmente-anuncia-ter-retirado.html>> Acesso em: 20 de jun. 2018.

ROCHA, S. M. Os estudos culturais e a análise cultural da televisão: Considerações teórico-metodológicas. *Rev. Interamericana de Comunicação Midiática*, Santa Maria, v.10, n.19, sem. 2011. p. 1-20.

SANTOS, L. H. S. O Corpo que pulsa na escola e fora dela. In: RIBEIRO, P. R. C. et al. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande: Furg, 2007. p.80-92.

SEFFNER, Fernando; REIDEL, Marina. Professoras Travestis e Transexuais: saberes docentes e pedagogia do salto alto. *Currículo sem Fronteiras*, v. 15, n. 2, 2015. p. 445-464.

SILVA, Tomaz. Tadeu. (2000). A produção social da identidade e da diferença. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 73-102.

SIMAKAWA, viviane vergueiro. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. 2015. 244 fs. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

SOARES, Rosângela; MEYER, Dagmar. O que se pode aprender com a “MTV de papel” sobre juventude e sexualidade contemporâneas? *Revista Brasileira de Educação*, Porto Alegre, n. 23, maio/jun/jul/ago., 2003. p. 136-148.

WORTMANN, Maria Lúcia. Análises Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 71-90.

5.3 Vivências trans: entre relações poderosas e violentas

Resumo

O número registrado dos assassinatos de pessoas transexuais e travestis nos últimos anos garantiu ao Brasil o título de país que mais mata travestis e transexuais no mundo, diante desse fato, lançamos nossos olhares para a série Liberdade de Gênero, exibida pelo canal GNT, com o objetivo de analisar as relações de dominação – poderosas e violentas - vividas pelos entrevistados/as por vivenciarem suas identidades de gênero. Ao longo de dez episódios, a série traz pessoas trans para narrarem suas trajetórias de vida relacionadas às vivências de gênero. Entendemos que essa série contém pedagogias que ensinam modos de olhar e entender esses corpos e a diversidade de gênero, através da história desses sujeitos que desafiam as normas de gênero. Amparamo-nos no campo teórico dos Estudos Culturais, na sua vertente pós-estruturalista de análise, destacando que a série Liberdade de Gênero é uma produção cultural midiática que representa e produz outras formas de identidades de gênero, colaborando para a visibilidade da diversidade de gênero e produzindo significados sobre esses sujeitos. Operamos com ferramentas da análise cultural por entender que essa se faz potente para as produções midiáticas, como uma série televisiva. A série apresenta inúmeras situações de dominação – poderosas e violentas – vivenciadas por esses sujeitos, que não venceram o desejo de serem quem são.

Palavras-chave: trans, violência, gênero, Estudos Culturais.

Introdução

A diversidade de gênero é um tema que está em pauta, como nunca antes, mas, embora a visibilidade da população que reivindica outro gênero do que o designado no seu nascimento tenha aumentado, o preconceito, a violência e a discriminação parecem não diminuir. Depois de registrar 802 assassinatos entre janeiro de 2008 a dezembro de 2015⁴², de acordo com dados da ONG *Transgender Europe*⁴³, o Brasil tornou-se a nação que mais mata transexuais no mundo e, na maioria das vezes, de forma brutal. Esses casos deixam claro o estado de vulnerabilidade no qual essas pessoas se encontram. De acordo com a autora e pesquisadora trans Jaqueline Gomes de Jesus, caracterizar os assassinatos de travestis, homens e mulheres transexuais:

⁴² O número de assassinatos atingidos durante esse intervalo de tempo que tornou o Brasil o país que mais mata a população trans no mundo, por isso, aqui na introdução não trazemos dados estatísticos mais recentes.

⁴³ Disponível em: <https://tgeu.org/transgender-day-of-visibility-2016-trans-murder-monitoring-update/> Acesso em: 03 de julho de 2018.

[...] visa elucidar as consequências da violência estrutural contra as pessoas trans, para que se deixe de invisibilizar o que sofrem como se fosse apenas uma série de assassinatos isolados, e revelar seu mecanismo de intolerância generalizada, que encerra a ideia da impossibilidade de conviver com — esse “outro”, porque sua vivência de gênero é diferente da — “nossa”. (2013, p. 119)

O número desses assassinatos pode ser ainda mais expressivo, pois muitas vezes, a identidade de gênero, motivo pelo qual essas pessoas perdem suas vidas, não é declarada de acordo como elas se identificam, ou seja, a identidade de gênero não é registrada nos boletins de ocorrência, somente o sexo o qual as pessoas nasceram é o que consta nos registros, tornando-as ainda mais invisíveis e conduzindo esses corpos de volta ao determinismo biológico.

De acordo com o levantamento realizado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2018) no ano de 2017 foram registradas 179 mortes de pessoas trans, sendo 169 travestis e mulheres transexuais e 10 homens transexuais. Esses números evidenciam a desvalorização e abjeção do gênero feminino, que tornam esses corpos mais vulnerabilizados do que outros.

Como coloca a autora Berenice Bento: “Se o feminino representa aquilo que é desvalorizado socialmente, quando esse feminino é encarnado em corpos que nasceram com pênis, há uma ruptura inaceitável com as normas de gênero”. (BENTO, 2016, p. 52) Ou seja, o gênero feminino já carrega uma história marcada por preconceitos e invisibilizações, mas, quando inscrito nesses corpos, a violência é ainda maior devido à ruptura com as normas de gênero.

Diante dessas discussões, lançamos nossos olhares sobre um programa da mídia televisiva, a série Liberdade de Gênero, exibida pelo canal GNT, que ao longo de dez episódios, traz pessoas trans para narrarem suas trajetórias de vida relacionadas às vivências de gênero. Entendemos que essa série contém pedagogias que ensinam modos de se olhar para esses corpos, bem como modos de se pensar e viver as experiências trans. Assim, nesse artigo, tivemos

como objetivo analisar os relatos dos/as entrevistados/as relacionados às situações de violência vividas por vivenciarem suas identidades de gênero.

Inicialmente, apresentamos algumas ferramentas teóricas utilizadas na pesquisa. Em seguida, trazemos o *corpus* da pesquisa, as análises desenvolvidas e, por fim, algumas considerações.

Referencial Teórico

Trazemos esse artigo a partir do campo teórico dos Estudos Culturais, na sua vertente pós-estruturalista de análise, destacando o efeito das mídias na produção dos corpos e das sexualidades e também como produtora de saberes e conhecimentos. Maria Lúcia Wortmann situa as mídias no panorama dos Estudos Culturais, afirmando:

Os saberes não pedem permissão à academia ou a quaisquer outras instâncias oficiais para expandirem-se socialmente, sendo, também, impressionante, a velocidade com que esses são colocados em circulação. E esses são outros aspectos que justificam a importância desses estudos focalizarem tais instâncias, especialmente a mídia, neles vista não apenas como servindo à disseminação de informações e ao lazer, mas como implicada na produção/fabricação discursiva dessas informações. (2008, p. 02)

Em torno disso, destacamos que as mídias são um espaço privilegiado de divulgação de saberes e conhecimentos do nosso tempo, onde as informações se propagam de forma rápida. Para além de oferecer entretenimento para as pessoas, as mídias as educam, ensinando modos de ser, estar e entender o mundo, a si e aos/as outros/as, atuando como pedagogias culturais.

Nas palavras de Marlucy Paraíso, as pedagogias culturais apresentam possibilidades de pensar “o que somos, o que fizeram de nós e o que fazemos de nós mesmos” (2012, p. 38). Entendemos que as pedagogias culturais são produtos de uma sociedade e por isso carregam consigo marcas históricas e culturais da mesma. Sendo assim, a série *Liberdade de Gênero* traz para a discussão uma questão atual da nossa cultura, ao dar espaço à diversidade de gênero e voz a esses sujeitos que transgridem com as normas binárias de gênero, lutando para existir. Salientamos o termo *luta*, porque conforme as

análises aqui tecidas, sabemos das inúmeras violências que atravessam esses sujeitos.

Sob a ótica pós-estruturalista de análise, tomamos violência como um dado construído, produzido na e pela sociedade. Faz-se importante neste artigo demarcar o entendimento de violência que fundamenta esta pesquisa. Para além da agressão física, estamos reconhecendo também outras formas de violação como: intimidação moral, intolerância religiosa, exclusão social, entre outras formas que serão discutidas em nossas análises.

Amparadas em Veiga-Neto (2006) entendemos as relações de violência como ações que procuram anular a força de um dos polos da relação, carregando em si uma negatividade. O autor defende que as relações de violência e as relações de poder podem ser compreendidas como modalidades das relações de dominação. Sobre dominação, o autor coloca:

Em termos etimológicos, é fácil compreender a relação de dominação como uma operação em que uma parte quer trazer à (as) outra (s) para o seu domínio, ou seja, para a sua casa, seu domo, sua morada – do latim *domus*: *i*: casa, habitação, pátria. Para que isso aconteça, é preciso conduzir esse(s) outro(s), isto é, governá-lo(s), impor a ele(s) um governo, - do grego *kubernán*: guiar, dirigir, conduzir, controlar a ação ou o comportamento (originalmente, de um barco, e, depois, de alguma coisa ou de alguém). (2006, p. 20)

Assim, de acordo com Veiga-Neto “toda e qualquer técnica de governo de um/uns sobre o(s) outro(s)” (2006, p. 23) pode ser chamada de dominação, podendo ser qualificada como violenta ou poderosa. Segundo ele “a ação punitiva violenta difere da ação punitiva poderosa não pelas suas intensidades relativas, mas sim pelas lógicas segundo as quais cada uma opera”. (2006, p. 29) O autor coloca que a relação violenta beira a irracionalidade, diferente da relação poderosa, o que não significa que ela não siga nenhuma racionalidade:

Mas diferentemente do poder – cuja racionalidade, [...] pode ser detectada para bem além da relação de dominação -, a eventual racionalidade envolvida numa relação violenta, esgota-se na própria relação” [...] enquanto o *poder dobra* o porque se autojustifica e negocia e, com isso, se autolegitima -, a *violência quebra* – porque se impõe por si mesma. [*grifos do autor*] (Id., ibid.)

Nesse contexto, as vivências trans que analisamos, a partir da primeira temporada da série Liberdade de Gênero, são recheadas de exemplos de tentativas de controlar o comportamento desses corpos que fogem ao padrão binário, consagrando-se como relações de dominação. Essas relações davam-se no âmbito da punição através de ações violentas, como em situações de espancamentos e também no âmbito das proibições, em que os sujeitos se valiam de estratégias de dominação poderosa ou violenta para governar o outro, como, por exemplo: em casos de intolerância religiosa, exclusão social, dentre outras.

Liberdade de Gênero: Apresentando o *corpus* e as ferramentas de análise

Nosso *corpus* de análise foi a primeira temporada da série Liberdade de Gênero⁴⁴, que estreou no dia 19 de outubro de 2016 e foi ao ar semanalmente nas quartas-feiras, as 21h30min, até 21 de dezembro de 2016, no canal GNT. A série mostra em 10 episódios como se organizam as vidas de quem assume um gênero diferente do sexo anatômico, procurando exemplos em que essas pessoas se inserem de forma bem-sucedida e feliz dentro da sociedade. Na série, os/as entrevistados/as contam com a ajuda de familiares e amigos/as para narrarem o desenrolar das suas trajetórias.

Nesta pesquisa, analisamos as falas dos/as entrevistados/as sobre as violências de gênero sofridas durante suas trajetórias. Para isso, os 10 episódios da série foram transcritos, as falas dos/as entrevistados/as foram analisadas e, a partir disso, elencamos 13 eixos temáticos. Neste artigo, analisamos os eixos que abordam as questões de violência, como violência física, preconceito, discriminação e intolerância religiosa, a partir de ferramentas da análise cultural, pois tais ferramentas nos possibilitam lançar olhares para as produções culturais. De acordo com Wortmann, “as produções culturais midiáticas constituem-se como instâncias que conformam e produzem representações de mundo, (re)produzindo, (re)organizando e (re)inventado novas relações para elas” (2008, p. 02).

⁴⁴ Os episódios da série Liberdade de Gênero estão disponíveis no site: <https://globosatplay.globo.com/gnt/v/5408040/> acesso em 10 de julho de 2018.

Por ser uma série televisiva, compreendemos que essa forma de análise se faz potente no campo dos Estudos Culturais, visto que a “análise cultural indica é o fato de que a televisão corresponde a um dos principais domínios na contemporaneidade através dos quais a cultura circula e é produzida.” (ROCHA, 2011, p. 10). Dentro desse contexto, entendemos que a série Liberdade de Gênero é uma produção cultural midiática que representa e produz outras formas de identidades de gênero, colaborando para a visibilidade da diversidade de gênero e produzindo significados sobre esses sujeitos.

Menininha! Bichinha... Vamos ali no cantinho? O gênero abjeto

As análises realizadas neste eixo apontam para a inferiorização do gênero feminino e para abjeção ao sujeito trans, que transgride as normas de gênero.

Carol é atriz e modelo e se identifica como uma mulher trans. O episódio que apresenta a sua história começa mostrando um pouco da sua rotina de trabalho, fotografando para campanhas publicitárias de roupas femininas. Ela conta como foi o início das suas vivências trans e relata:

Desde criança, eu nunca fui uma criança como as outras. Eu gostava de brincar com os brinquedos da minha irmã, não gostava de brincar com os meus. E no colégio era sempre uma coisa estranha, os meninos me chamavam de bichinha, de mulherzinha. Era uma época que não se falava em bullying e eu já sofria. (Carol)

Na fala de Carol percebemos a posição de inferiorização do gênero feminino, em que os meninos da escola a chamavam de *mulherzinha* na tentativa de desqualificá-la, aproveitando-se dessa condição para exercerem controle sobre ela a partir de ações de dominação. Isso se dá porque o gênero feminino é mais passível de ações violentas. Berenice Bento, ao referir-se à ativista trans Marjorie Marchi, destaca que “as sentenças „não seja mulherzinha! Se comporte como homem” são as primeiras verdades que irão organizar as subjetividades dos sujeitos, fazendo com que o feminino já nasça maculado pela misoginia”. (2016, p. 54)

Ou seja, na nossa sociedade somos ensinados que o gênero feminino é inferior ao gênero masculino. Em torno disso, aqueles que se aproximam do

feminino de diversas formas, como os gays afeminados, sofrem mais do que os gays que não dão pinta, por exemplo. Qualquer identidade que se aproxime do feminino, como é o caso de Carol, é passível de sofrer mais ações punitivas do que as outras.

Nas falas durante o programa, percebemos que as mulheres transexuais foram mais vezes e com maior intensidade vítimas de preconceito de ações de dominação do que os transexuais masculinos, o que é muito comum, já que a passabilidade deles é maior com relação a delas. É inegável que ambos/as sofrem com essas questões, mas é evidente que as que se aproximam do feminino estão mais expostas ao preconceito, isso se dá porque o feminino é o gênero desvalorizado e torna-se ainda mais vulnerabilizado quando deslocado dos corpos de mulheres não trans (BENTO, 2016, p. 53).

Carol relata uma situação que nos possibilita pensar na relação de desejo e abjeção que tange as pessoas trans:

O cara te paquera, te corteja, te deseja, quando você conta, não é que ele não quer, ele quer, mas, quer escondido. Vamos ali ao cantinho? Eu vou na frente, você vai depois. Eu já aceitei isso, eu acho que se a pessoa me viu, me achou interessante, por que não? Se a pessoa tem algum problema, eu sou muito segura da mulher que eu sou. Se o cara tem algum problema, desculpa, mas você que não é homem pra mim, não sou eu que não sou mulher pra você. Então você sai fora e vai se tratar. Eu estou ótima! (Carol)

Na fala de Carol percebemos que apesar da abjeção, existe também o desejo, a relação aparenta estar em paralelos extremos de desejo e abjeção. Como afirma o autor Jorge Leite Jr. “um dos grupos sociais que atualmente mais causam repulsa, medo, ódio e, ao mesmo tempo, curiosidade, espanto e desejo são o das pessoas que transitam entre os gêneros e/ou sexos” (2012, p. 559). Ademais, neste ano foram divulgadas nas mídias reportagens⁴⁵ com um levantamento apontado pelo site pornô RedTube⁴⁶, mostrando que os brasileiros são os mais interessados em procurar vídeos onde as protagonistas são travestis e mulheres trans e, simultaneamente, é o local que mais mata

⁴⁵ Reportagem disponível no site: <https://super.abril.com.br/comportamento/brasil-e-o-pais-que-mais-procura-por-transexuais-no-redtube-e-o-que-mais-comete-crimes-transfobicos-nas-ruas/#respond> acesso em: 10 de julho de 2018.

⁴⁶ Link do site RedTube: <https://www.redtube.com.br/> acesso em 10 de julho de 2018.

travestis e trans no mundo, ou seja, temos um duplo movimento de abjeção e desejo.

O banheiro como um espaço agonístico

Neste eixo analisamos os relatos dos/as entrevistados/as que situavam o banheiro como um espaço agonístico.

[...] eu tive uma infância muito solitária, além de sofrer bullying por ser bichinha, mulherzinha eu sofria também por fazer xixi nas calças, porque eu não podia frequentar o banheiro porque se eu ia ao banheiro os meninos me violentavam, então eu evitava ir ao banheiro e não tomava água para não me dar vontade de fazer xixi. Então eu não aguentava e fazia e aí era outro bullying. Então foi uma infância muito difícil. (Carol)

Dentre os espaços de embates nas escolas, os banheiros têm sido um dos mais apontados, assim como na fala de Carol. As autoras Neil Almeida e Graça Cicillini colocam que o banheiro, sobretudo o das instituições públicas, como o da escola, “torna-se uma estrutura física dotada de uma linguagem não verbalizada, mas determinante do lugar social que cada sujeito pode ocupar na sociedade desencadeando aceitação ou recusa das variadas formas de existência humana”. (2018, p. 04) Sendo assim, o banheiro da escola torna-se um espaço significativo de demarcação de gênero, logo, de recusa às existências trans, pautado pela linguagem, verbalizada ou não. Carol utiliza a estratégia de não usar o banheiro, já que esse espaço, para ela, é um espaço de vivência de atos violentos.

Outros/as entrevistados/as na série também falam sobre o espaço do banheiro, Erick é um homem transexual, nasceu num corpo feminino, mas, sempre se entendeu como um menino. Ele conta que:

Na escola eu chegava a mudar as placas do banheiro feminino e masculino para poder entrar no banheiro dos meninos. (Erick)

Em torno dessa fala de Erick refletimos o quanto a citação da autora Guacira Louro se faz atual quando coloca que: “A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui”. (1997, p. 58) Logo, o banheiro representa ser um espaço delimitado, possível ao feminino e ao masculino, dentro da lógica

binária do gênero e, para aqueles/as que escapam a essa lógica, esse espaço torna-se inóspito. Bárbara, uma das mulheres trans entrevistadas na série, diz:

Quando eu comecei a me hormonizar, eu estava terminando o ensino médio, mas precisei largar a escola porque eu era violentada. Fui agredida no banheiro e, mesmo sendo agredida no banheiro, eu continuei indo pra escola, mas aí começaram a me perseguir no caminho pra casa, eu fiquei com medo e não aguentei, acabei largando a escola. (Bárbara)

Novamente, o espaço do banheiro aparece como um espaço de embate atravessado por atos violentos, estes passaram a ser tão insuportáveis, que chegou ao ponto de Bárbara largar a escola. A partir dessas falas, consideramos que hoje a “escola é uma das principais instituições que funciona como guardiã das normas de gênero e produtora da heteronormatividade” (BENTO, 2011, p. 555). Aqueles/as que fogem a essa norma, acabam abandonando a escola, por não aguentarem o preconceito sofrido no espaço escolar, ou no caminho dele como expõe Bárbara. Ao invés de acolher a diferença, a escola se torna, nesses casos, uma instituição punitiva para aqueles/as que fogem do centro.

Wallace é atriz e *performer* e se identifica como uma mulher trans não binária por transitar entre o feminino e o masculino. Wallace é questionada por João Jardim, diretor da série:

Você não é discriminada por usar o banheiro feminino? (João)

E Wallace responde:

No Brasil, nunca fui diretamente, mas, a travesti que é negra, que é da periferia ou que tem essas marcas de barba ou as que têm o rosto mais quadrado, ela sim passa por essas discriminações. Mas essa é uma realidade minha, talvez por conta da minha passabilidade, passabilidade é quando as pessoas tem certeza que eu sou mulher ou então elas ficam na dúvida, será que é? Será que não é? Nesse “será” que é eu já fui ao banheiro e já sai do banheiro. Mas sou discriminada quando essa mulher trans de periferia, marginalizada, não pode entrar. A minha vivência nesse mundo só acontece no coletivo. (Wallace)

Diante disso, um conceito que se faz importante discutir aqui é o de passabilidade. Em entrevista à Victor Nascimento para o site BuzzFeed A ativista trans Daniela Andrade (2017) resume a passabilidade de uma forma bem simples, afirmando que é quando a pessoa trans é lida pela sociedade

como se fosse cis. Cis faz referência a uma pessoa cisgênero, que de acordo com a autora Jaqueline Jesus constitui um “conceito „guarda-chuva” que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento”. (2012, p. 14)

Vemos nesse contexto, o banheiro como um espaço marcado por atos violentos que visam controlar a conduta dos sujeitos trans, na tentativa de impedi-los de usar esse espaço.

Violência? Qual? Todas: apontamentos sobre o transfeminicídio.

Neste eixo traçamos alguns apontamentos sobre o transfeminicídio e relações violentas que a maioria dos entrevistados/as na série relata ter passado. Quando questionada pelo diretor da série sobre já ter sofrido violência, Glamour, que se identifica como mulher trans, responde:

Qual tipo de violência? Qualquer tipo de violência que você pode imaginar aconteceu. Escola? Em qual? Todas! Ser xingada, humilhada, apontada, violentada e ser vulnerabilizada. Isso aí imagina, eu vivi mais de 365 dias no ano. (Glamour)

Experiências de violências estão presentes nos episódios analisados e podemos dizer que são uma constante na vida das pessoas que transgridem com as normas de gênero impostas pela nossa sociedade. Glamour afirma que já passou por todos os tipos de violência imagináveis e que essa é uma das razões de ser militante pelas causas trans. Ela se emociona ao lembrar-se das amigas que pagaram com a vida o preço de não se enquadrarem nas normas de gênero:

O que acontece com a pessoa trans? Ela tem o direito da não vida né, a sociedade faz de tudo pra você não existir! Eu perdi muitas! Eu perdi várias! Eu vi morrer! Vi morrer pela transfobia, pela homofobia, não é por mim que eu faço isso⁴⁷, porque comigo eu sou extremamente bem resolvida, eu faço isso em prol de lembranças tristes, da dor que eu sinto de ter perdido pessoas. (Glamour)

⁴⁷ Aqui Glamour se refere ao trabalho no movimento social.

Pensar nos dados de assassinatos contra as pessoas trans, nos faz discutir sobre o conceito de transfeminicídio, o qual a autora Berenice Bento caracteriza como:

Uma política disseminada, intencional e sistemática de eliminação das travestis, mulheres trans e mulheres transexuais, motivada pela negação de humanidade às vítimas. O transfeminicídio seria a expressão mais potente e trágica do caráter político das identidades de gênero. A pessoa é assassinada porque, além de romper com os destinos naturais do seu corpo-sexual-generificado, o faz publicamente e demanda esse reconhecimento das instituições sociais. (2016, p. 51)

Vale lembrar que negar humanidade a essas pessoas, não se dá somente através dos assassinatos registrados, mas de inúmeras formas de invisibilização, principalmente no não reconhecimento de suas identidades. Conforme Bento:

O assassinato é motivado pelo gênero, e não pela sexualidade da vítima. Conforme sabemos, as práticas sexuais estão invisibilizadas, ocorrem na intimidade, na alcova. O gênero, contudo, não existe sem o reconhecimento social. Não basta eu dizer “eu sou mulher”, é necessário que o outro reconheça esse meu desejo como legítimo. O transfeminicídio seria a expressão mais potente e trágica do caráter político das identidades de gênero. A pessoa é assassinada porque, além de romper com os destinos naturais do seu corpo generificado, o faz publicamente e demanda esse reconhecimento das instituições sociais. (2017, p. 234)

Glamour coloca que viu “*morrer pela transfobia*”, a transfobia é caracterizada pela autora Jesus como “preconceito e/ou discriminação em função da identidade de gênero de pessoas transexuais ou travestis” (2012, p. 16). Ou seja, a sociedade por meio de estratégias de dominação que envolvem normas e proibições, faz de tudo para que as pessoas se enquadrem no gênero esperado de acordo com o sexo anatômico, negando outras formas de expressões das identidades de gênero, então, aquelas pessoas que se encontram fora desse padrão legível de gênero, tornam-se mais expostas à atos violentos do que uma pessoa cis, por exemplo, como afirma a autora Judith Butler:

Há normas sexuais e de gênero que condicionam o que e quem será “legível” e o que e quem não será, e que expõem aquelas pessoas que falham em serem registradas dentro da

inteligibilidade a formas diferenciadas de violência social. *[grifos da autora]* (2016, p. 35)

Essas normas sexuais e de gênero atravessam nossas vivências, condicionando o que entendemos como aquilo que faz parte do universo feminino e o que faz parte do universo masculino, o que é permitido para a mulher e o que é permitido para o homem. Aqueles/as que falham com essas condições, como destaca a autora, são colocados/as em outro universo, passível de atos violentos por tensionarem essas normas socialmente estabelecidas. Na série Liberdade de Gênero, temos vários exemplos disso.

Márcia, uma das entrevistadas na série, considera-se uma travesti lésbica e conta sobre mais de uma ocasião em que ela está andando na rua e homens a abordam agarrando-a, querendo programa, confundindo-a com uma prostituta por ser travesti e se achando no direito de abusarem dela. Ela destaca que essa é uma sensação que homem nenhum vai sentir ao sair na rua, a incerteza sobre se vai sobreviver ou não. Ainda hoje, ser travesti carrega um estigma social, muito relacionado com a prostituição. Ela diz:

Eu fui numa balada aqui atrás e dois caras lá do canto da praça me viram e vieram correndo na minha direção. O que vai acontecer comigo? Eles vão me agarrar? Eu vou ser estuprada? Eu vou ser morta? (Márcia)

A fala de Márcia nos leva a pensar no medo, na insegurança e nas incertezas que assombram as vivências trans. Judith Butler nos motiva a pensar sobre o transfeminicídio colocado nas falas quando aponta que:

Saibamos que o feminicídio não envolve só o assassinato de todas as mulheres. Algumas mulheres são mortas e outras continuam vivendo, cientes dessas mortes, cientes de que elas podem ser mortas. E é precisamente pelo motivo de que a população de mulheres que vivem está aterrorizada pela existência desses assassinatos que práticas de dominação podem operar da maneira que operam. (2016, p. 40)

Ou seja, o transfeminicídio produz efeitos não só através das mortes das travestis, mulheres trans e transexuais, mas, também através do medo que as sobreviventes sentem em apenas existir, através de relações de dominação poderosas somos docilizados/as, ensinados/as sobre os modos e condutas que podemos e devemos ter para preservar a nossa integridade física e moral. É a

possibilidade de serem mortas que exerce efeitos potentes de dominação sobre as mulheres trans, travestis e transexuais. Exemplos disso estão postos no documentário *Basta um dia*⁴⁸, onde umas das entrevistadas afirma que as travestis não fazem compras de mantimentos para um longo período. Elas podem ser mortas a qualquer momento e seria um desperdício de dinheiro. E, também, no documentário *Essas mulheres que não envelhecem*⁴⁹ que traz travestis, mulheres trans e transexuais, a fim de problematizar o dado estatístico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de que travestis, mulheres trans e transexuais têm a expectativa de vida de 35 anos, reduzida a menos da metade da média geral da população brasileira. Além disso, o Brasil carrega a marca de ser o país mais perigoso para a população trans. Esses dados fazem com que Márcia se sinta uma sobrevivente por ter chegado aos 50 anos.

Márcia diz que tem gente que fala assim:

Não fala que você é travesti porque pega mal. Eu digo: Falo! Com todo orgulho. Porque uma travesti de 50 anos é uma vitoriosa, guerreira é uma sobrevivente. É muito difícil alguém dar uma oportunidade para uma pessoa trans. Eu sou empresária, falo três línguas, sou formada pela PUC em Direito. (Márcia)

Mesmo que as pessoas digam para Márcia para não se anunciar enquanto travesti, ela se anuncia, fala sobre o orgulho de ser travesti e ainda assim, ser advogada e empresária. Porque, segundo ela, ser uma travesti no Brasil, com 50 anos, é ser uma sobrevivente. Embora, para isso, tenhamos que pensar nas outras relações que atravessam a existência de Márcia, ela iniciou o processo de transição de gênero depois dos 35 anos (que é a média de idade que vive uma travesti), ou seja, todo o processo de formação inicial, como o período vivido na escola e na universidade, esteve longe dos preconceitos enfrentados hoje. Com certeza, a vida é muito mais difícil para uma travesti que se assume desde cedo, porque as relações de dominação iniciam muito antes, ainda mais quando cruzadas com outros marcadores sociais que são agravantes ao preconceito, como raça e classe social. Márcia tem plena

⁴⁸ ALMEIDA, Vagner. *Basta um dia*. 2006. (40 min). (Documentário)

⁴⁹ Projeto Vozes, *Essas mulheres que não envelhecem*. 2016. (12 min) (Documentário) disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZBNWLLDOxxw> acesso em 18 de julho de 2018.

consciência de que se aos 13 anos, quando pensou em “sair do armário”, tivesse se assumido, ela não teria e nem seria nada do que é hoje. E poderia ser mais uma morta por conta de estar usando a roupa errada.

A pesquisadora e ativista travesti Luma de Andrade, em entrevista a Felipe Fernandes afirma que:

[...] o objeto dessa violência é exatamente essa feminilidade que se julga como subordinada. Principalmente, porque, em nossa sociedade, se rejeita a possibilidade de alguém ter um pênis e performar, viver e existir de forma feminina. Então evitam e negam totalmente, porque não conseguem incorporar esses padrões. Isso é de outra ordem e bagunça muito a cabeça das pessoas, que não conseguem compreender, porque elas vêm de uma espécie de adestramento. (2018, p. 61)

Assumir e se identificar como travesti, como coloca Luma de Andrade (2018), é uma tentativa de reparação histórica, uma tentativa de positivar a injustiça que é feita com essas pessoas através das diversas formas de violências. “A ideia é construirmos uma linha histórica de conhecimento sem menosprezar a existência das que nos antecederam, sem marginalizá-las, mas respeitando a forma como se automeavam” (2018, p. 63). Por isso, antes de qualquer coisa, assumir-se travesti é um ato político.

Ademais, Márcia coloca que o lado ruim em ter assumido a travesti que é, além do preconceito que sofre, foi o afastamento dos/as amigos/as. Ela conta que todos/as dizem adorá-la, mas, que a convivência se perdeu, os/as “amigos/as” não a convidam mais para sair ou para frequentar suas casas, mas ela enfatiza: *o lado bom é eu comigo, é eu ser eu.*

Carol se entende como uma mulher trans heterossexual e conta sobre a dificuldade de encontrar rapazes que assumam sua condição. Ela diz:

Eu conheci um rapaz em uma festa e ele me deixou em casa, quando chegamos na porta de casa começou com beijinhos, mão aqui e mão ali e aí ele falou: porra, meu Deus do céu, senti um volume! E aí começou a dar socos no painel do carro e eu pensei: o que eu vou falar pra esse homem agora? Ele vai me bater, me espancar aqui dentro do carro, senti muito medo. E aí eu tirei uma emoção de não sei onde e, chorando, eu disse: olha só, se você não sabe diferenciar um saco de um absorvente, você não é homem para mim! (Carol)

Na fala de Carol, salientamos que o transfeminicídio atua de outras formas que não somente as de assassinato, como nas situações de medo, de

insegurança e de vulnerabilidade as quais essas pessoas estão expostas. E aqui se faz importante pensar na hierarquização das relações de violências, como coloca a autora Berenice Bento:

Matar travestis, mulheres trans, e mulheres transexuais ou um gay afeminado não provoca a mesma indignação se comparada ao assassinato de uma mulher não trans ou de um “homem de verdade”, pois a violência estaria mais identificada com um trabalho de assepsia da humanidade do que propriamente com a violência cruenta. Certamente essa afirmação pode produzir incômodo porque sugere uma hierarquização da violência. Mas, a violência e a punição são hierarquizadas, tal qual a vida. Não se pode afirmar que há a mesma proliferação de discursos para as pessoas trans se comparada às pessoas não trans [grifos da autora] (2016, p. 54).

Essas hierarquizações nos mostram que existem vidas que valem mais e outras que valem menos. Como vivemos em uma sociedade misógina, aquelas que rompem com as regras e se aproximam do feminino são violentadas ou mortas, ou os dois e evidentemente sofrem mais riscos do que aqueles/as que não transgridem as regras ou transgridem, mas se identificam com o masculino. Vale lembrar que não queremos e nem podemos, como coloca Berenice Bento, “negligenciar a violência que os homens trans sofrem diariamente, inclusive pela herança do gênero feminino que carregam” (2016, p. 53). Sillvio Lúcio, um dos homens trans entrevistados, lembra um ato violento pelo qual passou justamente por carregar a herança do gênero feminino. Ele diz:

Uma época a polícia invadiu um bar gay que eu frequentava e eu apanhei, aí eles me diziam: Ah, você não quer ser homem? Então você vai apanhar como homem. E me metiam a porrada! (Sillvio Lúcio)

Diante dessas discussões, Silvio apanhou pela herança que carrega do gênero feminino. Conforme Bento:

Se é verdade que há muitas formas de performatizar o feminino e o masculino, também é verdade que a violência contra os femininos não se dá igualmente. A abjeção, o nojo, aquilo que a linguagem jurídica e o mundo não alcançam, não está nos corpos das mulheres não trans, mas, na existência trans (2017, p. 60).

Sillvio apanhou por ser uma mulher que quer ser homem, como é colocado em sua fala, o que explicita a enorme carga de violência que carrega a existência trans, ou seja, os atos violentos, nesse caso, se dão em prol do

reestabelecimento das normas de gênero e como uma tentativa de obrigar esses corpos ao retorno para o determinismo biológico.

O que resta? O corpo... Olhares para a exclusão social

Lançamos nossos olhares neste eixo sobre a exclusão social que os/as entrevistados/as na série relatam ter passado. Leticia Lanz, uma das entrevistadas, considera-se uma transgênera lésbica e hoje em dia é escritora e psicanalista, mas enquanto era Geraldo trabalhava como consultor e era renomado em todo Brasil. Logo após assumir a sua identidade de gênero, perdeu todos/as os/as clientes, tendo que trocar de profissão, como única alternativa. Além de perdê-los/as, quando ela cruzava por alguns/as deles/as na rua, esses/as fingiam não estar reconhecendo-a, evidenciando o preconceito existente.

Sillvio Lúcio relata:

Existem duas vagas de emprego, entre contratar o Sillvio Lúcio e contratar uma pessoa cis heterossexual, a pessoa cis heterossexual vai ser contratada. É o chamado preconceito silencioso. Eu escuto muito as pessoas dizerem: Silvio, tu é muito inteligente, se tu não fosses transexual, tu eras secretário. Ou tinha sido eleito vereador. (Sillvio Lúcio)

Muitos/as dos/as entrevistados/as na série relatam não conseguirem emprego em função do preconceito contra a identidade de gênero, tanto que a maioria deles/as trabalha no serviço autônomo. Lune, Jesse e Benett são sócios num estúdio de tatuagem e resolveram abrir esse negócio justamente pela dificuldade que tinham em conseguir um emprego por serem pessoas trans não binárias. Amanda, mulher transexual entrevistada na série, diz que seu primeiro emprego foi como operadora de *telemarketing*, porque na cidade dela era o único emprego que davam para uma pessoa transexual, visto que neste emprego ela não lidava diretamente com o público, só pelo telefone.

Guacira Louro traz a questão do preconceito e da exclusão social quando coloca que:

Aqueles e aquelas que transgridem as fronteiras de gênero ou sexualidade, que as atravessam ou que, de algum modo, embaralham e confundem os sinais considerados “próprios” de

cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes ou desviantes. Tal como atravessadores ilegais de territórios, como migrantes clandestinos que escapam do lugar onde deveriam permanecer, esses sujeitos são tratados como infratores e devem sofrer penalidades. Acabam por ser punidos, de alguma forma, ou na melhor das hipóteses, tornam-se alvo de correção. Possivelmente experimentarão o desprezo ou a subordinação. Provavelmente serão rotulados (e isolados) como “minorias”. (2004, p. 87).

A exclusão social é uma das formas de punição a qual é reservada as pessoas trans, atuando como uma estratégia de dominação que visa ensinar modos “legítimos” de ser e estar no mundo. A partir do momento que essas identidades de gênero são reconhecidas socialmente como desviantes, as oportunidades são negadas em função disso ou então elas são ofertadas, mas de outra maneira, desde que essas pessoas não apareçam para os/as outros/as, os/as “normais”, e permaneçam como migrantes clandestinas do espaço do qual não deviam ter saído. Caso isso não ocorra, o corpo surge como uma das poucas possibilidades de sobrevivência, através da prostituição.

Nesse contexto, dentre as identidades trans, a que mais sofre com a discriminação, com o preconceito e com o estigma social são as travestis. Não é a toa que elas lideram o número de assassinatos contra a população trans, como aponta o mapa dos assassinatos, realizado pela ANTRA (2018), no qual mais de 80% da população trans que é assassinada são travestis, mais de 10% são mulheres trans e 5% são homens trans. Tentando achar justificativas para aquilo que não é justificável, no mapa alegam que uma das razões para as mortes das travestis alcançarem números tão expressivos é a relação com a rua e com a prostituição⁵⁰.

A maioria das travestis e mulheres trans e transexuais vivem hoje da prostituição. Barbara hoje é jornalista e não sobrevive mais da prostituição, mas conta como chegou ao caminho que levou a se prostituir.

Dos cinco aos doze anos eu morei praticamente na rua, eu voltava esporadicamente pra casa, tinha gente que me dava dinheiro, tinha gente que me dava o que comer ou que me levava pra casa. Eu não descobri a prostituição por ser trans, eu acabei descobrindo um pouco

⁵⁰ A atividade de prostituição é a maneira como 90% das travestis e mulheres trans sobrevivem economicamente no Brasil, conforme a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA).

antes por ser criança de rua. Porque muitas vezes eu precisava de dinheiro para me alimentar, então aparecia um cara mais velho e em troca dos meus serviços me dava dinheiro. (Barbara)

Barbara, ainda na infância, não sabia o que era ser trans, mas sabia que não correspondia com as expectativas sociais dos seus pais quanto a sua masculinidade e, por conta disso, sofria muito em casa. Por não aguentar todas as violências que sofria em casa, passou a morar na rua. Luma de Andrade problematiza essa questão, quando coloca que:

Nós temos várias pessoas travestis, transexuais e até homossexuais afeminados que são colocados para fora de casa, não têm direito à família, não têm direito à escola, não têm direito à religião, não têm direito ao trabalho – um trabalho que seja reconhecido pela sociedade. E aí resta o quê? O corpo. O corpo como a única forma de subsistência. O corpo é o que vai dar a sobrevivência do indivíduo, e aí, o que ocorre? Ocorre o processo de prostituição que é tão questionado pela sociedade, mas a própria sociedade não problematiza que isso é uma consequência da ausência de possibilidades, muitas vezes (2018, p. 62).

Ou seja, a sociedade que recrimina as travestis, as mulheres trans e transexuais que trabalham com a prostituição é a mesma que nega as chances, não oferece oportunidades de trabalho ou de reconhecimento que seja, mas, julga a prostituição. É um duplo movimento, assim como somos o país que mais mata a população trans no mundo, também somos o que mais procura por ela em sites pornográficos.

Você vai ir para o inferno: alguns apontamentos sobre a intolerância religiosa.

Além de todas as discriminações e preconceitos que atravessam às vivências dos/das entrevistados/as na série, a intolerância religiosa também esteve presente em suas falas. A religião, nessas trajetórias, instância onde essas pessoas procuram conforto, torna-se mais uma instância excludente, que utiliza de relações de dominação poderosas para governar esses sujeitos. Não estamos aqui querendo dizer que todas as religiões são preconceituosas e excludentes, ou ainda assim, que todos/as aqueles/as que praticam determinadas religiões são preconceituosos/as, sabemos que não. No entanto,

as vivências trans dos/as participantes da série carregam as marcas dessa intolerância.

Sillvio Lúcio conta que pedia a Deus para que ele pudesse compreender o que ele sentia, o que estava acontecendo com ele. Conta que sonhava com o dia em que Deus o transformaria em um homem:

Eu sou filho de evangélico, nasci convivendo com as doutrinas evangélicas, então aquilo tudo era pecado e a transexualidade era algo pecaminoso e que se ia para o inferno. (Sillvio Lúcio)

Sillvio Lúcio se refere a “aquilo tudo” como sendo a homossexualidade, porque na adolescência ele se considerava uma mulher lésbica, uma vez que gostava de meninas, mas ainda não se entendia como homem, até mesmo porque nessa época Sillvio não conhecia nenhum homem trans.

Aos 16 anos eu disse para a minha mãe, ela não soube pela boca de outra pessoa, ela soube por mim que eu gostava era de meninas. Isso causou muita dor a minha mãe, ela chorou muito e achou que a igreja ia ajudar, então ela começou a fazer um processo de oração de expurgo do demônio. Eu conseguia injetar no meu sangue aquela coisa ruim da religião de que você não é um ser abençoado por Deus. Eu ouvia: você não é um filho de Deus, você irá para o inferno. Você nunca será feliz! Chegou um momento que não deu e a panela de pressão explodiu e eu sai de casa, e ela não me deixou levar nada, eu sai com a roupa do corpo. (Sillvio Lúcio)

Roney Polato de Castro e Anderson Ferrari colocam que:

As igrejas constroem suas verdades sobre gêneros e sexualidades, assim como as mídias, as famílias, as instituições de ensino, a medicina e a psiquiatria, enfim, diferentes práticas e saberes vêm funcionando para fabricar sujeitos de sexualidades e de gêneros. (2017, p. 76)

A partir disso, nos excertos “*expurgo do demônio*”, “*você não é um filho de Deus*”, “*você vai pro inferno*”, podemos perceber de que maneira os gêneros e as sexualidades vão sendo produzidos dentro dos discursos religiosos. Neste contexto discursivo, aqueles/as que rompem com os padrões binários de gênero ou aqueles/as que se desviam da heteronormatividade são colocados em outro plano, condenados por Deus, uma vez que rompem com aquilo que é da natureza e da criação divina. A crença nesse discurso foi tão potente que

fez com que a mãe de Sillvio o colocasse para fora de casa, sem levar nada do que era seu.

Letícia Lanz coloca que uma questão que assombrava sua infância era a pressão religiosa, pois se ela não brincasse com carrinhos, caminhões e bola, brincadeiras consideradas típicas do gênero masculino, diziam que ela iria para o inferno, por estar pecando. A questão da religiosidade vem muito forte no caso de Letícia, que tinha uma família católica dita tradicional.

Me mostravam um caminhãozinho e do lado uma boneca, eu queria a boneca. Mas você tem que brincar com o caminhãozinho, mas por que não com a boneca? Porque senão você vai pro inferno. (Letícia Lanz)

Através dos discursos religiosos podemos ser subjetivados/as e elaborar crenças e certos modos de agir e viver, sujeitando-nos, em diferentes níveis de intensidade a uma moral (CASTRO; FERRARI, 2017). No episódio, Letícia conta que a pressão religiosa foi uma das principais razões para que ela não saísse do armário, embora quisesse muito poder se expressar como ela, no feminino, sujeitou-se a viver como ele, pela moral e pelos bons costumes. Porém, uma das razões que levou Letícia, aos 50 anos de idade, a iniciar a transição foi a descoberta de outra família que o seu pai mantinha paralela a dela. Com isso, a moral incontestável de seu pai foi colocada em xeque. Ou seja: se ele que era um homem-exemplo, que mantinha uma moral na sociedade, cometeu uma atitude pecaminosa, perante as convicções da igreja católica, por que ela teria que viver como uma pessoa que não era para o resto da vida, para manter essa moral?

Castro e Ferrari (2017) trazem apontamentos sobre as verdades construídas, a partir de certas “leituras” da bíblia cristã, que colocam a condição heterossexual e cisgênero como a normal e sadia.

Homem e mulher figuram como entidades fixas, num esquema de gêneros binários e opostos, definidos por sua “natureza”, ou seja, homem-pênis e mulher-vagina. Orientando-se pelas determinações divinas, esses jogos enunciativos agem como positivities, produzindo modos de ser, de agir e de pensar, naturalizando o sujeito heterossexual e cisgênero como destino de todo ser humano “normal” e produzindo a subalternidade de sexualidades e gêneros, relegados ao lugar do desvio, da anormalidade, da antinatureza (2017, p. 88).

Sendo assim, ressaltamos a ideia de que os discursos religiosos consolidam um modelo de ser e estar dentro da sociedade, que é heterossexual e cisgênero, de modo que aqueles/as que rompem com esse padrão normativo sofrem com a intolerância e o preconceito, sendo ameaçados com a privação do paraíso, do plano divino e relegados/as ao inferno.

Por fim, Márcia nos provoca a pensar nas relações de verdade nas quais os discursos religiosos se sustentam, quando questiona esse padrão imposto socialmente.

Quem está certo? Quem está errado? O católico? O evangélico? Ninguém! Ninguém foi lá falar com Deus. Você acha errado ser homossexual ou ser transexual? Ai eu acho péssimo! Então não seja! O que eu tenho a ver com isso? (Márcia)

A religião constitui uma instância que ensina os sujeitos através de estratégias de dominação – poderosas e violentas – sobre o que é permitido e o que não é, o que é legítimo e desejável no que diz respeito às vivências de gênero e sexualidade.

Algumas considerações

O cenário em que se encontra o nosso país com relação à população trans é preocupante, por mais que a visibilidade e as discussões sobre a diversidade de gênero tenham aumentado, isso parece não respaldar as vidas dessa população, uma vez que os números de assassinatos e índices de ações violentas são cada vez maiores e o Brasil lidera esse *ranking* há muitos anos. Já se fala no transfeminicídio como uma forma de garantir a assepsia da sociedade, como uma tentativa de “limpar” aqueles/as que são desvalorizados/as de modo que, suas vidas parecem não ter valor diante de tanta negligência e desproteção.

Diante dessas discussões, entendemos que as vivências trans aqui analisadas foram sendo produzidas através de relações de dominação, em que os outros, os ditos “normais”, tentam conduzir as condutas dos sujeitos que estão transgredindo com as normas de gênero, através de ações, que podem ser poderosas ou violentas, visando controlar os modos de ser e estar no mundo desses sujeitos.

Dentro da perspectiva das relações de dominação, em nossas análises, percebemos a inferiorização com que é posicionado o gênero feminino, ainda mais quando este é deslocado dos corpos não trans, evidenciando a abjeção ao corpo trans, porém, embora exista essa relação de abjeção, existe um duplo movimento, evidenciando uma relação de desejo por esses corpos, como é apontado em reportagens que lançamos aqui. A exclusão social também é uma das relações de dominação presente nas narrativas de praticamente todos/as entrevistados/as na série e o corpo aparece como uma forma de resistência a essa exclusão, sendo assim, a prostituição aparece como uma das poucas alternativas de sobrevivência a essas pessoas.

Além disso, o espaço do banheiro é referido por alguns/algumas entrevistados/as como um espaço marcado por atos violentos que visam controlar suas condutas, através de tentativas de impedi-los/las de usar esse espaço. A intolerância religiosa presente nas narrativas se dá como forma de ensinar os sujeitos através de estratégias de dominação – poderosas e violentas – sobre o que é certo e o que é errado no que diz respeito às vivências de gênero e sexualidade, logo, as vivências trans são colocadas como vivências pecaminosas. O ápice das relações de dominação de forma violenta se dá pelo transfeminicídio, em que essas pessoas não têm o direito de reagir por suas vidas e, sem sequer a possibilidade de resistência, são mortas, muitas vezes, de forma brutal. Mas, felizmente as diversas formas de dominação que atravessam as vivências dos/as entrevistados/as não venceram o desejo de serem quem são.

Fisher (2013, p. 146) coloca que “estamos sempre diante de uma concepção de discurso como luta: luta pela imposição de sentidos, pela interpelação de sujeitos, pela conquista de voz”. Nesse contexto, refletimos o quanto isso se relaciona com os discursos que neste artigo analisamos, discursos permeados de lutas e batalhas de pessoas que enfrentam tantas barreiras para poder ser quem são. Resistindo para existir!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vagner. *Basta um dia*. 2006. (40 min). (Documentário)

ALMEIDA, Neil Franco Pereira de; CICILLINI, Graça Aparecida. *Pessoas trans e espaços escolares: o uso do banheiro feminino e seus impactos*. Disponível em

<<http://www.fe.ufg.br/nedesc/cm/controle/DocumentoControle.php?oper=download&cod=1950>>. Acesso em: 20 de jun. 2018.

ANTRA, Associação nacional de travestis e transexuais. Mapa dos assassinatos de travestis e transexuais no Brasil em 2017. 2018. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>> Acesso em: 10 de julho de 2018.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. Ver. *Estudos Feministas*, v.19, n.2, ago. 2011. p. 549-559.

_____. Transfeminicídio: violência de gênero e o gênero da violência. In: COLLING, Leandro (Org.). *Dissidências sexuais e de gênero*. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 43-68.

_____. Verônica Bolina e o transfeminicídio no Brasil. In: *TRANSVIAD@S: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 231-236.

BUTLER, Judith. Corpos que ainda importam. In: COLLING, L. (Org.). *Dissidências sexuais e de gênero*. Salvador: EDUFBA, 2016. p.19-42.

CASTRO, Roney Polato. FERRARI, Anderson. A “ideologia de gênero” e processos educativos nos discursos religiosos: Efeitos de saber-poder verdade. In: FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato (Org.). *Diversidades sexuais e de gêneros: desafios e potencialidades de um campo de pesquisa e conhecimento*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. p. 75-100.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins; SANTANA TORRES, Igor Leonardo. A vida como potência. *Rebeh-Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 1, n. 01, 2018. p. 59-80.

FISHER, Rosa Maria Bueno. Foucault. In.: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 123-151.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília: Publicação online, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.diversidadessexual.com.br/wpcontent/uploads/2013/04/G%C3%8A NERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>>. Acesso em 20 de jun. 2018.

_____. Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In) *Visibilidade Trans* 2. História Agora, v.16, n. 2, 2013. p.101-123.

LEITE JÚNIOR, Jorge. Transitar para onde? Monstruosidade, (des)patologização, (in)segurança social e identidades transgêneras. *Estudos Feministas*, v. 20, n. 2, 2012. p. 559-568.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____, Guacira. *Um corpo estranho*: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NASCIMENTO, Victor. BUZZFEED. O que é e porque você precisa entender mais sobre passabilidade. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/victornascimento/o-que-e-passabilidade-e-porque-as-pessoas-precisam-saber-mai?utm_term=.hbaYZqP8o#.vnrYRLz4p> Acesso em: 20 de jun. 2018.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas Pós-críticas e Educação e Currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy Alves. *Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 23-45.

Projeto Vozes, *Essas mulheres que não envelhecem*. 2016. (12 min) (Documentário). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZBNWLLDOxxw> acesso em: 18 de junho de 2018.

ROCHA, Simone Maria. Os estudos culturais e a análise cultural da televisão: considerações teórico-metodológicas. *Animus*. Revista Interamericana de Comunicação Midiática, [s.l.], v. 10, n. 19, 30 ago. 2011. p.01-20.

VEIGA-NETO, Alfredo. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de império. In: In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 13-38.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. *A visão dos estudos culturais da ciência*. Disponível em <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=37&id=443>> acesso em: 15 de jun. de 2018.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Tempos difíceis pra quem sonha com justiça
Pra quem quer dignidade em cada palmo desse chão
Tempos sombrios pra quem busca igualdade.*
(Diogo Nogueira, 2017)

Chegada a hora de dar um ponto final à escrita desta dissertação, me fez lembrar e refletir sobre o caminho percorrido até aqui. Esta pesquisa foi produzida durante os anos de 2016 a 2018, que foram marcados por diversas discussões sobre a temática dos gêneros, das sexualidades, dos corpos, enfim, inúmeras foram as tentativas de silenciar essas discussões nos espaços educativos, principalmente dentro da escola. Ano de eleições. Ano de retrocessos. Tempos difíceis! Porém, assim como esses anos foram marcados por proibições e censuras a estas discussões, a série Liberdade de Gênero se manteve no ano de 2018, em uma segunda temporada, com novas histórias, outros/as entrevistados/as, representando uma fissura a esse sistema, com cis de cisgênero, mesmo, que se quer fazer cada vez mais homogêneo e livre de diferenças.

Como objetivo geral de pesquisa busquei, juntamente com minha orientadora, analisar os significados sobre as vivências trans presentes na série Liberdade de Gênero. Penso a série como uma pedagogia cultural que ensina outros modos de ser e de viver neste mundo, provocando discussões sobre as diferentes e também diversas identidades de gênero, um artefato que provoca questionamentos as normas de gênero, que reduzem as experiências entre homem/mulher ou masculino/feminino, estas já estão tão enraizadas em nossa sociedade que não nos questionamos o quanto são criações culturais.

Como mostrado no primeiro artigo, compreender que os gêneros e as sexualidades são construções sociais, culturais, históricas atravessadas por relações de poder, nos faz compreender como determinadas práticas foram sendo naturalizadas e consideradas mais legítimas do que outras e assim questioná-las. Com base em nossos estudos, negamos que exista uma gênese para os gêneros, entendendo que esses são produzidos culturalmente de acordo com as normas que regem cada cultura, tempo e lugar, legitimando

assim modos de ser mulher e modos de ser homem. As narrativas analisadas neste artigo dissolvem a lógica entre sexo, gênero e desejo, embaralhando a fixidez das “verdades” sobre eles que nos são dadas, atribuídas de forma essencializada.

No segundo artigo fomos instigadas pelas reportagens que circulavam nas mídias sobre a decisão da Organização Mundial da Saúde (OMS), no primeiro semestre de 2018, de retirar a transexualidade do rol de doenças mentais da Classificação Internacional de Doenças (CID – 11). Em vista disso, focamos nossos olhares para as narrativas dos/das entrevistados/as sobre o discurso da saúde, principalmente o saber médico, que institui verdade sobre os sujeitos trans, atuando diretamente na produção de suas subjetividades. Agrupamos neste artigo, também, as análises sobre inadequação corporal que esteve presente na maioria das falas, tendo em vista que as experiências analisadas desestabilizam a coerência entre corpo-gênero-sexualidade e como alternativas a essa incoerência o CID expõe tratamentos hormonais e processos cirúrgicos para que essas pessoas consigam se enquadrar as normas. Logo, salientamos que existem muitas formas de se vivenciar as identidades de gênero, independentemente de intervenções cirúrgicas e hormonais.

No terceiro e último artigo que compõem esta dissertação fomos tocadas pelo cenário preocupante em que se encontra o nosso país com relação à população trans, pois o número de assassinatos e índice de ações violentas contra estas pessoas é cada vez maior e o Brasil lidera esse *ranking* há muitos anos. Entendemos que as vivências trans analisadas no artigo, foram sendo produzidas através de relações de dominação, em que os ditos “normais”, tentam conduzir as condutas dos sujeitos que estão transgredindo com as normas de gênero, através de ações, que podem ser poderosas ou violentas, visando controlar os modos de ser e estar no mundo desses sujeitos.

Imersa no campo dos Estudos Culturais, entendo que tenho um compromisso quanto à posição que ocupo e, também, em situar o meu lugar de fala. O campo dos EC está intimamente ligado às questões de identidade, por isso discutir sobre o meu lugar de fala é de suma importância. Entendo que

hoje estou em uma posição social aceita e privilegiada - por ser mulher, branca, heterossexual, entre outros marcadores que reconheço como privilégios - mas, acredito que perceber estes privilégios me fez questioná-los ainda mais e também me instigou a problematizar sobre os sistemas binários, principalmente o de gênero, mas, também, de outros como o certo e errado, o bem e o mal. Assim, como diz a trilha sonora da série Liberdade de Gênero “*deixa eu bagunçar você*”, pesquisar a partir destas lentes teóricas me desestabilizou e bagunçou o meu pensamento, particularmente por vir de uma área em que as “verdades” são ditadas pela Ciência.

Com isso, entendo o meu lugar de fala e meus privilégios, mas, reconheço a fala de outros/as que são invisibilizados/as e por diversas circunstâncias não tiveram as mesmas oportunidades que eu para estar em um Programa de Pós Graduação em uma Universidade Federal. Em torno disso, em nosso trabalho nos preocupamos em dar voz e visibilidade a autores e autoras trans, entendendo que estes/as por muito tempo foram inexistentes nos espaços acadêmicos, ou então quando presentes foram silenciados/as e invisibilizados/as. Apesar disso, considero que não só as pessoas trans podem falar de trans, porque debater sobre essas questões envolve trazer à tona dimensões que também tocam as pessoas cisgêneras ou não, heterossexuais ou não e recusar esse pressuposto é ignorar justamente o aspecto relacional da construção social das diferenças.

As considerações realizadas acerca das análises das vivências trans não encerram as discussões acerca dessas vivências. Desta forma, acredito que outras discussões podem ser tecidas nesse campo de estudos que nomeei como um território movediço, outros olhares podem surgir e novos objetos podem ser analisados. Sendo assim, fica aqui o meu desejo de seguir percorrendo o caminho traçado até então e ingressar no programa de doutorado, entendendo que este é o ponto final da escrita da dissertação, mas não do meu desejo de realizar pesquisa e de problematizar esta temática. E fica aqui o meu desejo maior, de que esta pesquisa tensione os/as leitores/as, buscando desestabiliza-los/as, como aconteceu comigo, e possa promover algumas fissuras neste sistema, de modo que um dia se consiga viver em uma

sociedade que respeite as diferenças de cada um/a em suas individualidades.
Enfim, sejamos resistência!

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vagner. *Basta um dia*. 2006. (40 min). (Documentário)

ALMEIDA, Neil Franco Pereira de; CICILLINI, Graça Aparecida. *Pessoas trans e espaços escolares: o uso do banheiro feminino e seus impactos*. Disponível em <http://www.fe.ufg.br/nedesc/cm/controle/DocumentoControle.php?oper=download&cod=1950>. Acesso em: 20 de jun. 2018.

ALVES, Cláudio Eduardo Resende & MOREIRA, Maria Ignez Costa. (TRANS)NARRATIVAS DE FRONTEIRA. Disponível em <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/viewFile/1825/1426> acesso em: 10 de set. 2018.

ANGONESE, Mônica; LAGO, Mara Coelho de Souza. Direitos e saúde reprodutiva para a população de travestis e transexuais: abjeção e esterilidade simbólica. *Saúde e Sociedade*, v. 26, 2017. p. 256-270.

ANTRA, Associação nacional de travestis e transexuais. Mapa dos assassinatos de travestis e transexuais no Brasil em 2017. 2018. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf> Acesso em: 10 de julho de 2018.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENEDETTI, Marcos. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p.1

_____. (Trans)Formação do Corpo e Feitura do Gênero entre Travestis de Porto Alegre, Brasil. In: Cáceres, Carlos F., et al. *Sexualidad, estigma y derechos humanos: Desafíos para el acceso a la salud en América Latina*. Universidad Cayetano Heredia/Centro Latinoamericano de Sexualidad y Derechos Humanos, 2006.

BENTO, Berenice. "Transexuais, corpos e próteses". *Labrys: Estudos Feministas*, n. 4, ago./dez. 2003. p. 1-19.

_____, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Gramind, 2006.

_____. A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. *Bagoas*, n. 04, 2009. p. 95-112 Disponível em http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v03n04art05_bento.pdf Acesso em: 18 de junho de 2018.

_____. PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Revista Estudos Feministas*. vol.20 no.2 Florianópolis, maio-agosto/2012.

_____. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. Ver. *Estudos Feministas*, v.19, n.2, ago. 2011. p. 549-559.

_____. *O que pode uma teoria? Estudos Transviados e a Despatologização das Identidades Trans*. In: Florestan, n. 2, p. 46, 2014.

_____. Transfeminicídio: violência de gênero e o gênero da violência. In: COLLING, Leandro (Org.). *Dissidências sexuais e de gênero*. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 43-68.

_____. Verônica Bolina e o transfeminicídio no Brasil. In: *TRANSVIAD@S: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 231-236.

BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras*. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icaria editorial, 2002, p. 55 a 81.

_____. Corpos que ainda importam. In: COLLING, L. (Org.). *Dissidências sexuais e de gênero*. Salvador: EDUFBA, 2016. p.19-42.

_____. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: 13ª ed. 2017.

CAETANO, Marcio. Performatividades reguladas: heteronormatividade, narrativas biográficas e educação. *Curitiba: Appris*, 2016.

CASTRO, Roney Polato. FERRARI, Anderson. A “ideologia de gênero” e processos educativos nos discursos religiosos: Efeitos de saber-poder verdade. In: FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato (Org.). *Diversidades sexuais e de gêneros: desafios e potencialidades de um campo de pesquisa e conhecimento*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. p. 75-100.

CORAZZA, Sandra. 2007. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa (Org.). *Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina Ed., 2007. p. 103- 128.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais: para além das fronteiras disciplinares. In:_____(Org.) *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.p. 13-36.

_____. Sobre a contribuição das análises culturais para a formação de professores no início do século XXI. *Educar em Revista*, nº 37, agosto-dezembro/2010, Curitiba, PR: Editora UFPR. Dossiê: As dimensões formativas do ensino superior no século XXI: a retomada do sentido democrático na formação inicial e continuada dos profissionais da escola básica.

DERRIDA, Jacques. Limited Inc. Campinas: Papyrus, 1991.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. *O que é, afinal, Estudos Culturais*, 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, p. 133-166, 2004.

FEINBERG, Leslie, *Transgender Liberation: A movement whose time has come in* (1992) In: STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen. *The Transgender Studies Reader*. New York: Routledge, 2006.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins; DE SANTANA TORRES, Igor Leonardo. A vida como potência. *Rebeh-Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 1, n. 01, 2018. p. 59-80.

FISHER, Rosa. Maria. Bueno. (1997, julho/dezembro). O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. *Educação & Realidade*, 2, 1997. p. 59-79.

_____. "Mídia e Educação da mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV". *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, 2001. p. 586-599.

_____. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 1, p.151-162, jan. 2002. Semestral.

_____, Veiga-Neto Alfredo. Foucault, um diálogo. *Educação & Realidade*, v. 29, n. 1, jan./jun., 2004. p. 7-25.

_____. Foucault revoluciona a pesquisa em educação? In: _____. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 99-112.

_____. Foucault. In.: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 123-151.

FOUCAULT, Michel. Poder-saber. In: _____. *Ditos & Escritos IV. Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 223-240.

_____. Verdade e Poder. In: _____. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2004. p.1-14.

_____. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 2009.

GIROUX, Henry. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005. p. 132-158.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul./dez., 1997. p. 15-46.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília: Publicação online, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.diversidadessexual.com.br/wpcontent/uploads/2013/04/G%C3%8A-NERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>>. Acesso em 20 de jun. 2018.

_____. Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *(In)Visibilidade Trans 2*. História Agora, v.16, n. 2, 2013. p.101-123.

LANZ, Letícia. *Uma Introdução Longa Porém Necessária*. 2008. Disponível em <<http://www.leticialanz.org/uma-introducao-longa-porem-necessaria>> Acesso em 18 de maio de 2017.

LANZ, Letícia. *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*. Uma Introdução aos Estudos Transgêneros. Transgente: Curitiba, 2015.

_____. Sobre a lição. In._____. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.139-146.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz (Org). *O sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LEITE, Fernanda Capibaribe. Corpos em cena e trânsito: sujeitos em devir na filmografia de Cláudia Priscilla. In: COLLING, Leandro (Org.). *Dissidências sexuais e de gênero*. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 153-175.

LEITE JR, Jorge. *Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC – SP, 2008.

_____. Transitar para onde? Monstruosidade, (des)patologização, (in)segurança social e identidades transgêneras. *Estudos Feministas*, v. 20, n. 2, 2012. p. 559-568.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. Corpos que escapam. *Estudos feministas*, v. 4, n. 4, 2003.

_____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____, Gênero e sexualidade: pedagogias contemporânea. *Pró-Posições*, Campinas, v. 19, n. 2, p.17-23, maio/ago. 2008.

_____, *Flor de açafreão: takes, cuts, close-ups*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LUCON, Neto. NLUCON. *OMS (finalmente!) anuncia ter retirado identidades trans de lista de transtornos mentais*. Disponível em: <<http://www.nlucon.com/2018/06/oms-finalmente-anuncia-ter-retirado.html>> Acesso em: 20 de jun. 2018.

MELO, Ailton Dias de. *Transgeneridade: “dor e delícia de ser o que é”*. Artigo apresentado no 6º SBECE e 3º SIECE. 2015

NASCIMENTO, Victor. BUZZFEED. O que é e porque você precisa entender mais sobre passabilidade. Disponível em:

<https://www.buzzfeed.com/victornascimento/o-que-e-passabilidade-e-porque-as-pessoas-precisam-saber-mai?utm_term=.hbaYZqP8o#.vnrYRLz4p> Acesso em: 20 de jun. 2018.

PAMPLONA, Renata Silva & DINIS, Nilson Fernandes. A TRANSEXUALIDADE EM QUESTÃO: Problematizações nos contextos educacionais. *ITINERARIUS REFLECTIONIS (ONLINE)*, v. 13, p. 1-24, 2017.

Paraíso, Marlucy Alves. A produção do currículo na televisão: Que discurso é esse? In: Fischer, Rosa Maria Bueno (Org) *Educação e Realidade*. jan/jul 2001.

_____. Metodologias de pesquisas Pós-críticas e Educação e Currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy Alves. *Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 23-45.

PETRY, A.R e MEYER, D.E.E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. Textos e contextos. Porto Alegre, v.10, n.1, p.193-198, jan/jul.2011.

PINO, Nádia Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. *Cadernos Pagu*, v. 28, n. 5, p. 149-174, 2007.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Manifesto contrasexual*. Anagrama, 2016.

Projeto Vozes, *Essas mulheres que não envelhecem*. 2016. (12 min) (Documentário). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZBNWLLDOxxw> acesso em: 18 de junho de 2018.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira. Gênero e diversidade na escola: notas para a reflexão da prática docente. In: *Diversidades: Dimensões de Gênero e Sexualidade*. RIAL, Carmen; PEDRO, Joana Maria; AREND, Silvia Maria Fávero (Org) Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010.

ROCHA, S. M. Os estudos culturais e a análise cultural da televisão: Considerações teórico-metodológicas. *Rev. Interamericana de Comunicação Midiática*, Santa Maria, v.10, n.19, sem. 2011. p. 1-20.

SABAT, R. (2001, junho/dezembro). Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. *Revista Estudos Feministas*, 1, pp. 12-21.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica. 2012.

SANTOS, L. H. S. "A Biologia tem uma história que não é natural." *Estudos Culturais em Educação*. Porto Alegre: Editora da UFRGS (2000).

_____. O Corpo que pulsa na escola e fora dela. In: RIBEIRO, P. R. C. et al. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande: Furg, 2007. p.80-92.

SEFFNER, Fernando; REIDEL, Marina. Professoras Travestis e Transexuais: saberes docentes e pedagogia do salto alto. *Currículo sem Fronteiras*, v. 15, n. 2, 2015. p. 445-464.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 156 p.

_____. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SIMAKAWA, viviane vergueiro. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. 2015. 244 fs. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

SOARES, Rosângela; MEYER, Dagmar. O que se pode aprender com a “MTV de papel” sobre juventude e sexualidade contemporâneas? *Revista Brasileira de Educação*, Porto Alegre, n. 23, maio/jun/jul/ago., 2003. p. 136-148.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. *Entre percalços e desejos: sobre a insurgência e possibilidades das pedagogias culturais*. *Textura*, Canoas, v. 17, n. 34. p. 32-47. Mai/ago. 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1466>>. Acesso em: 07 maio de 2017.

VEIGA-NETO, Alfredo. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de império. In: In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 13-38.

XAVIER FILHA, Constantina. Gênero, sexualidade e diferença em livros para a infância. In: MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org.). *Educação para a sexualidade*. Rio Grande: Editora da FURG, 2014. p. 231-246. (Coleção Cadernos Pedagógicos da EAD, v.23).

WORTMANN, Maria Lúcia. Análises Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 71-90.

_____. *A visão dos estudos culturais da ciência*. Disponível em <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=37&id=443>> acesso em: 15 de jun. de 2018.